

DALLILA TÂMARA BENFICA

**ESPORTE PARALÍMPICO: ANALISANDO SUAS CONTRIBUIÇÕES NAS
(RE)SIGNIFICAÇÕES DO ATLETA COM DEFICIÊNCIA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2012

**Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV**

T

B465e
2012

Benfica, Dallila Tâmara, 1987-

Esporte paralímpico : analisando suas contribuições nas
(re)significações do atleta com deficiência / Dallila Tâmara
Benfica. – Viçosa, MG, 2012.

xi, 115f. : il. (algumas col.) ; 29cm.

Inclui anexos.

Inclui apêndices.

Orientador: Eveline Torres Pereira.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Inclui bibliografia.

1. Educação física para deficientes. 2. Educação inclusiva.
3. Esportes para deficientes. I. Universidade Federal de
Viçosa. II. Título.

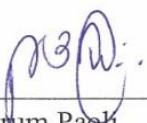
CDD 22. ed. 796.087

DALLILA TÂMARA BENFICA

**ESPORTE PARALÍMPICO: ANALISANDO SUAS CONTRIBUIÇÕES NAS
(RE)SIGNIFICAÇÕES DO ATLETA COM DEFICIÊNCIA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 17 de abril de 2012.



Próspero Brum Paoli



José Geraldo do Carmo Salles



Eveline Torres Pereira
(Orientadora)

Aos meus amados pais Zé e Cerinha, à minha
maninha querida Dardane, meu príncipe João
Gabriel e ao meu namorado, amante e amigo,
Renan.

A Deus, pela dádiva da vida!

“Deus costuma usar a solidão
para nos ensinar sobre a convivência.
Às vezes, usa a raiva para que possamos
compreender o infinito valor da paz.
Outras vezes usa o tédio, quando quer
nos mostrar a importância da aventura e do abandono.
Deus costuma usar o silêncio para nos ensinar
sobre a responsabilidade do que dizemos.
Às vezes usa o cansaço, para que possamos
compreender o valor do despertar.
Outras vezes usa a doença, quando quer
nos mostrar a importância da saúde.
Deus costuma usar o fogo,
para nos ensinar a andar sobre a água.
Às vezes, usa a terra, para que possamos
compreender o valor do ar.
Outras vezes usa a morte, quando quer
nos mostrar a importância da vida.”

Paulo Coelho

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela vida e pela família maravilhosa que Ele me deu.

Aos meus pais, que nunca se cansaram de me encorajar e que, com muito amor, carinho e dedicação educaram-me, transmitindo valores e princípios valiosíssimos, responsáveis pela minha formação pessoal e profissional. Com vocês eu aprendi a amar e a respeitar ao próximo, aprendi a lutar incessantemente pelos meus sonhos sem deixar que os obstáculos apagassem minha felicidade ou o meu sorriso. Obrigada por sempre guiarem meus passos com sabedoria e amor, tornando-me a pessoa que sou. Amo vocês!

À minha amada e querida maninha Dardane, por ser minha melhor amiga e companheira, por estar sempre ao meu lado, ouvindo-me e ensinando-me e ser meu grande exemplo de força, bondade e determinação. Sem você eu não sou nada, maninha. Amo você!

Ao meu príncipe João Gabriel, minha fonte inesgotável de alegria, fé, inspiração, motivação e sabedoria. A Dindinha ama você, Joãozinho!

Ao meu amor Renan, meu companheiro, amigo e amante, pelo constante apoio, carinho e paciência nos momentos difíceis e pela compreensão nas minhas ausências. Obrigada, amor, por me entender tão bem! Amo você!

Agradeço também aos meus sogros Hélio e Vilma, por terem me acolhido tantas e tantas vezes durante essa trajetória profissional.

À minha grande amiga Heidi, pela presença essencial durante os sete anos em Viçosa. Obrigada pela paciência, apoio, ensinamentos, orientações e conselhos. Por dividir comigo momentos de alegria, tristeza, alívio, angústia, diversão e, é claro, não deixar morrer nossa “tradição”. Enfim, obrigada por compartilhar comigo tantos momentos inesquecíveis!

À Prof. Dr^a. Eveline Torres Pereira, pela sua valiosa orientação, contribuições e sugestões dadas durante o desenvolvimento deste trabalho e pelo exemplo de profissional e competência. Agradeço pela oportunidade de aprender coisas tão importantes com você. Muito obrigada!

Ao Prof. Dr. José Geraldo do Carmo Salles, pela sua inestimável colaboração neste trabalho e por ter se demonstrado sempre muito interessado, disponível e disposto a ajudar. Obrigada pela sua preciosa amizade!

Ao Prof. Dr. Próspero Brum Paoli, por ter aceitado contribuir para a melhoria deste trabalho.

Aos professores Luis Gustavo Santana Portugal e Marcos Rojo Prado, por terem me recebido e auxiliado com tanta disponibilidade e atenção, tornando-se peças fundamentais para que a coleta de dados desta pesquisa fosse realizada com êxito.

A todos os atletas paralímpicos brasileiros que participaram desta investigação, me recebendo com muito carinho e respeito. A vocês atletas, muito obrigada! Sem vocês, a conclusão deste estudo seria impossível.

A todos os funcionários do Departamento de Educação Física (DES) da Universidade Federal de Viçosa (UFV), por terem sido tão prestativos e atenciosos durante essa caminhada. De forma especial, agradeço às funcionárias Maísa Chagas e Daniela Rosado, pela amizade, carinho e paciência. Muito obrigada, meninas!

Ao Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) e seus funcionários, em especial à Ângela Melo, por sempre terem me atendido com educação, respeito e atenção. Sem a ajuda de vocês essa caminhada teria sido muito mais longa, portanto, muito obrigada!

À equipe do Programa de Atividade Física Adaptada (PROAFA), pelas experiências preciosas e pela oportunidade de aprender, diariamente, com o trabalho multidisciplinar.

À família “Vôlei Feminino” da LUVE, pelo aprendizado diário, pelas vitórias e derrotas, pelas viagens maravilhosas e por fazer da minha passagem pela UFV ainda mais inesquecível.

Às minhas queridas amigas da “Laje 501”, pela harmonia, cumplicidade, liberdade e alegria constantes. Obrigada por fazerem parte da minha história e por serem tão especiais!

Aos amigos da EFI 2005 que, de perto ou de longe, sempre estavam torcendo pelo meu sucesso! Toda a nossa história durante os quatro anos e meio de Viçosa foi importante fonte de motivação durante os anos de mestrado. Muito obrigada, galera!

A todas as pessoas que passaram pelo meu caminho durante a minha estadia em Viçosa. Tenho certeza que aprendi muito com cada um de vocês!

À Viçosa, cidade maravilhosa, por ter sido grande fonte de inspiração e de motivação e a responsável por sete anos de muita alegria, felicidade, emoção e muitas, muitas histórias para contar... Muito obrigada, Viçosa!

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	vii
RESUMO.....	viii
ABSTRACT.....	x
1 INTRODUÇÃO GERAL.....	1
Apresentação dos atletas entrevistados.....	6
2 ARTIGOS.....	10
2.1 O Esporte Paralímpico no Brasil e no mundo: gênese, transformações e atualidades.....	10
2.2 Esporte Paralímpico: o primeiro contato e as dificuldades vivenciadas ao longo da carreira esportiva.....	38
2.3 A contribuição do esporte adaptado de alto rendimento na vida pessoal e social de atletas paralímpicos brasileiros.....	74
3 CONCLUSÕES GERAIS.....	102
APÊNDICES.....	106
ANEXOS.....	113

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AACD - Associação de Atenção à Criança Defeituosa
ABDA - Associação Brasileira de Desporto para Amputados
ABDC - Associação Brasileira de Desporto para Cegos
ABRADECAR - Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas
ABDEM - Associação Brasileira de Desporto para Deficientes Mentais
ADFISA - Associação dos Deficientes Físicos de Santos - SP
AIPD - Ano Internacional da Pessoa Deficiente
ANDE - Associação Nacional de Desporto de Deficientes
ANDEF - Associação Niteroiense de Deficientes Físicos
CAD - Clube Amigo Deficiente
CBDS - Confederação Brasileira de Desporto para Surdos
CENESP - Centro Nacional de Educação Especial
CORDE - Coordenadoria para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência
CND - Conselho Nacional dos Desportos
COB - Comitê Olímpico Brasileiro
COI - Comitê Olímpico Internacional
COP - Clube de Orientação Potiguar
CISS - Comitê Internacional de Esportes para Surdos
CPSP - Clube dos Paraplégicos de São Paulo
CP-ISRA - *International Sports and Recreation Association* - Associação Internacional de Esportes, Recreação e Dança para paralisados cerebrais
CPB - Comitê Paralímpico Brasileiro
EFA - Educação Física Adaptada
FENAPAES - Federação Nacional das Apaes
IBSA - *International Blind Sports Association* - Associação Internacional de Esportes para Cegos
IPC - Comitê Paralímpico Internacional
INAS-FID - Federação Internacional de Esportes para Pessoas com Deficiência Intelectual
ISMGF - Federação Internacional dos Jogos de Stoke Mandeville
ISOD - *Internaticonal Sports Organization Disable* - Organização Internacional de Esportes para o Deficiente
ISMWSF - *International Stoke Mandeville Wheelchair Sports Federation* - Federação Internacional de Stoke Mandeville para Esportes em Cadeira de Rodas
SEED - Secretaria de Educação Física e Desporto
SOI - *Special Olympics* - Olimpíadas Especiais
UNISANTA - Universidade Santa Cecília

RESUMO

BENFICA, Dallila Tâmara. M. Sc. Universidade Federal de Viçosa, abril de 2012. **Esporte Paralímpico: analisando suas contribuições nas (re)significações do atleta com deficiência.** Orientadora: Eveline Torres Pereira.

O Esporte Adaptado surgiu com o intuito de auxiliar indivíduos com deficiência na reabilitação física, social e psicológica. Com o passar do tempo, a aderência às práticas esportivas adaptadas foi crescendo e, conseqüentemente, a seriedade com a qual o Movimento se desenvolveu. O profissionalismo presente neste contexto e a possibilidade de ascensão pessoal e social podem ter contribuído para tornar o paradesporto mais atraente aos seus praticantes. O caminho rumo ao lugar mais alto do pódio, percorrido diariamente pelos atletas pode estar envolvido por diversas questões que, direta ou indiretamente, contribuem para o crescimento pessoal e profissional dessas atletas. O presente estudo se justifica inicialmente pelo envolvimento profissional e pessoal da pesquisadora com a pessoa com deficiência e com o esporte adaptado e convencional. A importância desta pesquisa se baseia também na oportunidade de disseminar o conhecimento a respeito do Esporte Paralímpico, valorizar as histórias de alguns atletas brasileiros e refletir sobre as contribuições deste fenômeno na vida do indivíduo, bem como sobre as ações necessárias para o seu desenvolvimento. Nesse sentido, após contextualizar historicamente o fenômeno Esporte Paralímpico no Brasil e no mundo, este estudo objetivou conhecer a trajetória esportiva de atletas paralímpicos brasileiros e, a partir de suas narrativas, analisar e discutir sobre o processo de aderência ao esporte adaptado, as dificuldades enfrentadas pelos atletas ao longo da carreira esportiva e as mudanças positivas proporcionadas pelo paradesporto. Além disso, buscou-se conhecer quais são os planejamentos profissionais dos entrevistados para o período que corresponde ao término da carreira esportiva. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa e descritiva cuja técnica de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. Foram entrevistados dez atletas paralímpicos brasileiros atualmente ativos e medalhistas de, pelo menos, uma Paralimpíada. Todos eles preencheram um questionário sociodemográfico cujo objetivo era traçar o perfil amostral quanto à idade, sexo, tempo de prática esportiva, participações em campeonatos, clubes associados, entre outros. Para análise dos dados foi utilizada a técnica de análise categorial, através da qual emergiram discussões sobre: I – Aderência Esportiva; II – Dificuldades vivenciadas ao longo da trajetória esportiva, III – Mudanças

no âmbito pessoal; IV – Mudanças no âmbito social; e V – Aposentadoria esportiva. Dessa forma, foi possível concluir que a aderência ao esporte dos atletas foi influenciada pelos programas de reabilitação, por técnicos, treinadores envolvidos no paradesporto e por familiares que conheciam o esporte adaptado e o recomendou aos seus entes deficientes. Com relação às barreiras enfrentadas, os depoimentos demonstraram que o preconceito contra a pessoa com deficiência, a falta de patrocinadores no início da carreira, a baixa divulgação midiática, o despreparo de profissionais para atuar junto ao esporte adaptado e a falta de acessibilidade nos espaços urbanos e esportivos foram alguns complicadores da trajetória esportiva. As mudanças positivas proporcionadas pelo esporte perpassaram questões como: melhor aceitação pessoal; aumento de oportunidades econômicas, culturais e educacionais gerado pela profissionalização esportiva; e aumento do reconhecimento social do atleta e da sua identificação como herói, ídolo, exemplo a ser seguido. Todas essas transformações, segundo as narrativas, incrementaram suas relações pessoais e sociais e contribuíram na melhoria da qualidade vida. Sobre a aposentadoria, a maioria dos atletas pretende continuar envolvida no contexto paradesportivo, porém nem todos estão se preparando profissionalmente para desempenhar as atividades futuras.

ABSTRACT

BENFICA, Dallila Tâmara. M. Sc. Universidade Federal de Viçosa, April, 2012.
Paralympic Sport: analyzing their contributions in the (re)significations of athletes with disabilities. Adviser: Eveline Torres Pereira.

The Adapted Sports came up with the intention of assisting individuals with disabilities in physical rehabilitation, social and psychological. Over time, adherence to sports was adapted to grow and, consequently, the seriousness with which the movement developed. Professionalism in this context and the possibility of personal and social ascension may have contributed to make the parasports more attractive to its practitioners. The road to the highest place of the podium, traveled daily by athletes can be involved on several issues that directly or indirectly contribute to personal and professional growth of these athletes. This study is justified initially by the professional and personal involvement of the researcher with the disabled person and the adapted sports and conventional. The importance of this research is also based on the opportunity to disseminate knowledge about Paralympic Sport, to value the stories of some Brazilian athletes and reflect on the contributions of this phenomenon in the life of the individual as well as on the actions necessary for its development. In this sense, after historically contextualize the phenomenon in Brazil and Paralympic sports in the world, this study aimed to know the sports career of Brazilian and Paralympic athletes, from their narratives, analyze and discuss: the process of adherence to adapted sports, the difficulties faced by athletes throughout the sports career and the positive changes provided by parasports. We tried to also know what are the plans of professionals interviewed for the period that corresponds to the end of his sporting career. For this purpose, we performed a qualitative and descriptive technique which data collection was semi-structured interview. We interviewed ten Brazilian Paralympic athletes currently active and medals, at least one Paralimpíada. They all completed a sociodemographic questionnaire whose purpose was to profile the sample regarding age, sex, duration of sports practice, participation in competitions, associated clubs, etc. For data analysis technique was used for categorical analysis, which emerged through the discussions: I - Sport Grip; II - Difficulties experienced during the sports career; III - Changes in the personal; IV - Changes in the social sphere; e V - Retirement sport. Thus it was concluded that adherence to the sport of athletes was influenced by rehabilitation programs for coaches, trainers involved in parasports and family who knew the sport and recommended adapted to their loved disabled. Regarding the barriers faced, the

testimony showed that prejudice against persons with disabilities, the lack of sponsors early in his career, the low diffusion media, the unpreparedness of professionals to work with the adapted sports and lack of accessibility in urban and sports were some complicating sports career. The positive changes offered by the sport permeated issues as better personal acceptance, increased economic opportunities, cultural and educational generated by professional sports, increased social recognition of the athlete and their identification as a hero, idol, role model. All these transformations according to the narratives, increased their personal and social relationships and contributed to the improvement of quality of life. On retirement, the majority of athletes want to remain involved in the context paradesportivo, but not everyone is getting ready to play professionally for future activities.

1 INTRODUÇÃO GERAL

As Paralimpíadas, assim como as Olimpíadas, são importantes eventos esportivos que reúnem milhares de atletas do mundo inteiro. Ocorrendo a cada quatro anos, esses eventos representam a confraternização entre diversos países e a consolidação de um fenômeno cuja abrangência e visibilidade alcançam dimensão mundial: o Esporte Moderno.

Tendo surgido na Inglaterra e disseminado por todo o mundo, o Esporte Moderno foi o resultado das iniciativas propostas pelo pedagogo e esportista francês Pierre Frey, o Barão de Coubertin (1863-1937). Tais iniciativas possibilitaram a restituição dos Jogos Olímpicos e, conseqüentemente, a criação do Comitê Olímpico Internacional (COI), em 1896. Inspirado nos ideais pedagógicos presentes nas práticas esportivas inglesas e nos objetivos competitivos, o Barão estabeleceu, ao final do século XIX, o *fair play* (jogo limpo) (RUBIO, 2001).

Considerando as características pessoais, sociais, intelectuais e ambientais de cada indivíduo, o desenvolvimento do Esporte Moderno busca pela inovação tecnológica, pelo maior conhecimento acerca dos sujeitos envolvidos e também pela diversificação das práticas pedagógicas utilizadas pelos profissionais atuantes. Instituídas por um conjunto de regras e sob condições igualitárias, as práticas do Esporte Moderno promovem a comparação de resultados individuais ou coletivos, obtidos em competições. Dessa forma, tanto os atletas quanto a sociedade são contemplados em aspectos relacionados aos âmbitos social, da saúde e do mercado de trabalho. É dentro desse universo esportivo que surge um fenômeno denominado Esporte Adaptado.

O Esporte Adaptado, um dos objetos deste estudo, é compreendido como uma prática que oportuniza as pessoas com deficiência o alcance de novos horizontes e perspectivas de vida através de vivências motoras, psicológicas e sociais diversificadas. Esta prática não se distingue quanto aos objetivos e características do esporte de modo geral, ela apenas é composta por adaptações realizadas de acordo com as limitações e potencialidades do indivíduo (CASTRO, 2005). Tendo sido iniciado com o objetivo de auxiliar práticas terapêuticas de reabilitação, o esporte adaptado logo cresceu e ganhou muitos adeptos. Proporcionando mais do que terapia, o esporte adaptado também passou

a oferecer a seus praticantes a oportunidade de competir e se profissionalizar através do esporte de alto rendimento.

O Esporte Adaptado de alto rendimento ou Esporte Paralímpico¹, conforme Barros (2003), caracteriza-se pela busca do rendimento máximo, do melhor desempenho no que diz respeito ao ponto de vista biofísico, psicológico e sociológico. Nesta pesquisa, portanto, o Esporte Paralímpico será compreendido “como sendo as modalidades esportivas praticadas por pessoas em condições de deficiência reconhecidas pelo Comitê Paralímpico Internacional (IPC) e apresentadas em eventos de sua promoção” (ARAÚJO, 1997, p.64).

Dentro do contexto do Esporte Paralímpico, Gorgatti e Gorgatti (2008) afirmam que o nível técnico dos atletas tem impressionado cada vez mais o público e os estudiosos da área. Baseada em princípios que respeitam a individualidade do atleta ao mesmo tempo em que lhe confere condições justas e igualitárias de participação, a prática paradesportiva busca encontrar a harmonia existente entre a pessoa com deficiência e o ambiente no qual ela vive. Motivado por tais princípios e pela busca do máximo desempenho, o Esporte Paralímpico, por sua vez, proporciona ao atleta o alcance do sucesso, geralmente consolidado nas grandes competições, como são as Paralimpíadas (ARAÚJO, 1997; WINNICK, 2004).

Para alcançar metas principais como as participações em Paralimpíadas e a realização pessoal, Castro (2005) afirma que são necessários treinamentos intensos, persistência, dedicação, superação de desafios, motivação, incentivos financeiros e emocionais, dentre outros aspectos. Todos esses são inerentes à prática esportiva de alto rendimento sendo, portanto, vivenciadas também no Esporte Convencional. Entretanto, conforme aponta a autora, por todas as questões conceituais, estruturais e sociais que envolvem as pessoas com deficiência e suas relações na sociedade atual, esses aspectos adquirem conotação diferenciada no contexto do Esporte Adaptado de alto rendimento. Ao estarem inseridos neste novo contexto, algumas questões pessoais e sociais do indivíduo podem ser (re)significadas, fazendo com que o sujeito faça novas (re)avaliações sobre si próprio e, conseqüentemente, se perceba desempenhando diferentes funções sociais. Além disso, o caminho percorrido pelo atleta iniciante rumo

¹ Desde novembro de 2011, o termo “paraolímpico” foi alterado para “paralímpico”. Essa mudança, oficializada pela presidência do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) ocorreu a pedido do IPC cujo objetivo é alcançar a universalização do termo e suas derivações. (Ex. Paraolimpíadas – Paralimpíadas). Esta pesquisa utilizará a nova terminologia.

ao ápice de sua carreira esportiva pode envolver diversos benefícios (físicos, sociais e psicológicos), bem como barreiras intrínsecas e extrínsecas. Com o intuito de conhecer tais aspectos da trajetória esportiva de atletas paralímpicos brasileiros que se destacam atualmente e explorar as transformações oriundas das suas relações com o Esporte Adaptado de alto rendimento, propusemos esta investigação.

Antes de adentrarmos nas reflexões que permeiam este estudo é importante esclarecermos o significado da terminologia adotada neste trabalho; deixando claro que os embates existentes entre as distintas conceituações não são o seu foco.

Adotaremos, neste estudo, a utilização da terminologia “pessoa com deficiência”, proposta por Fávero (2007). Compreender-se-á deficiência numa forma mais ampla, conforme a definição elaborada na Convenção Interamericana para a Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra a Pessoa Portadora de Deficiência, a Convenção da Guatemala:

Deficiência significa uma restrição física, mental ou sensorial, de natureza permanente ou provisória, que limita a capacidade de exercer uma ou mais atividades essenciais da vida diária, causada ou agravada pelo ambiente econômico ou social Segundo esta autora, a adoção desta terminologia torna mais natural o modo de se referir à deficiência, como qualquer outra característica da pessoa (FÁVERO, 2007, p.25).

A partir desta escolha, abordaremos as questões que envolvem o atleta com deficiência imerso no contexto esportivo competitivo.

A importância da realização deste estudo deve-se a quatro aspectos:

- Conciliar temáticas como pessoa com deficiência e esporte competitivo;
- Valorizar e tornar públicas as trajetórias esportivas de atletas paralímpicos consagrados nacional e mundialmente;
- Conhecer, analisar e divulgar aspectos existentes na relação entre atletas com deficiência e o esporte competitivo, possibilitando o desenvolvimento de metas que priorizem o crescimento do Movimento Paralímpico Brasileiro, tanto no que diz respeito aos seus pontos fortes (mudanças positivas na vida pessoal e social) quanto aos seus pontos fracos (dificuldades vivenciadas pelos atletas); e
- Auxiliar na disseminação do conhecimento sobre o Esporte Paralímpico entre a comunidade acadêmica, estimulando o desenvolvimento de novas pesquisas na área.

Este estudo foi estruturado em três artigos científicos. O primeiro deles busca contextualizar historicamente o fenômeno Esporte Adaptado, pois se acredita que as transformações conceituais, organizacionais, estruturais e intelectuais vividas ao longo do tempo, foram (e são) importantes na configuração atual do paradesporto, assim como na relação estabelecida entre este fenômeno e os atletas de elite. Logo, foi realizada uma revisão de literatura na qual foram utilizados autores importantes que pontuam, com riqueza de detalhes, os acontecimentos relevantes do Movimento Paralímpico no Brasil e no mundo.

O segundo artigo busca conhecer os motivos que levaram os indivíduos entrevistados a ingressarem no esporte adaptado, além de analisar e refletir sobre as dificuldades vivenciadas por eles ao longo da trajetória esportiva.

Por fim, o terceiro artigo pretende conhecer e discutir, através da percepção dos atletas, as principais mudanças positivas ocorridas em suas vidas, após terem se profissionalizado no esporte adaptado. Pretende também conhecer quais são os planejamentos dos atletas para o período que corresponde ao término da carreira atlética, ou seja, a aposentadoria esportiva.

No segundo e terceiro artigos, as análises foram realizadas a partir de categorias e subcategorias emergentes dos depoimentos dos atletas.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, P. F. **Desporto Adaptado no Brasil**: Origem, Institucionalização e Atualidade. 1997. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, 1997.

BARROS, J. M. C. Recursos Humanos no esporte de alto nível. In: Simpósio Dimensões Sociológicas e Políticas. **Anais...** EFEUSP, Departamento de Esportes, 1993.

CASTRO, M. de. **Atividade Física Adaptada**. Ribeirão Preto, SP: Tecmedd, 2005.

FÁVERO, E. A. G. **Direitos das Pessoas com Deficiência**: garantia de igualdade na diversidade Editora Wva, 2007.

GORGATI, M. G.; GORGATI, T. O esporte para pessoas com deficiência. In: GORGATI, M. G.; COSTA, R. F. **Atividade Física Adaptada**. Qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais. 2. ed. Barueri-SP: Manole, 2008.

RUBIO, K. **O imaginário esportivo contemporâneo: o atleta e o mito do herói.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

WINNICK, J. **Educação Física e Esportes Adaptados.** Editora Manole, 2004.

Apresentação dos atletas entrevistados

Atualmente, 3.996 atletas estão cadastrados no sistema do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), segundo informação concedida, via *email*, pelo próprio comitê. Dentre eles, dez participaram deste estudo, pois se demonstraram disponíveis para conceder as entrevistas necessárias para sua realização. Este grupo é composto por atletas paralímpicos, brasileiros, atualmente ativos, filiados ao CPB e com participação em, pelo menos, uma Paralimpíada. O perfil amostral corresponde ao objetivo da pesquisa, que pretende conhecer a trajetória esportiva de atletas com deficiência experientes, consagrados e que se ocupam do esporte de forma profissional.

Entre os dez atletas entrevistados, quatro são mulheres, praticantes da modalidade atletismo, sendo que, duas possuem deficiência visual e duas possuem deficiência física. Os outros seis atletas são homens, dos quais apenas um possui deficiência visual e, os demais, deficiência física. Apenas um deles é praticante de atletismo, enquanto os outros cinco são atletas da natação. Sete possuem deficiência congênita, enquanto três a adquiriram após o nascimento. A faixa etária varia de 22 anos a 47 anos de idade. Apenas um atleta não é contemplado com a bolsa-atleta paralímpica, porém todos recebem apoio de outros patrocinadores.

O nível de escolaridade apresenta-se da seguinte forma: das quatro mulheres, três possuem segundo grau completo, enquanto uma possui terceiro grau incompleto. Entre os homens, três possuem segundo grau completo, um possui terceiro grau incompleto, enquanto dois possuem terceiro grau completo.

Com a finalidade de conhecermos o perfil de cada um dos atletas entrevistados, foi aplicado um questionário sociodemográfico cujas questões englobavam aspectos gerais como idade, sexo, nível de escolaridade, local de residência, tipo de deficiência, classificação funcional, modalidade praticada, clube ou associação pertencente, incentivos financeiros, participação em Paralimpíadas e premiações mais importantes (Apêndice A). As participações em competições nacionais e internacionais explícitas nos questionários são apenas algumas, de muitas outras consolidadas pelos atletas investigados. Os dados coletados nos questionários estão relatados a seguir.

A fim de resguardar a privacidade e o anonimato dos entrevistados, eles serão identificados por números.

O **atleta 1**, de 23 anos de idade, pratica a natação adaptada desde 2005. Possui deficiência física decorrente de uma má formação congênita. Atualmente é atleta paralímpico, além de ser patrocinado pelo clube Mackenzie. Possui o segundo grau completo e mora em Bragança Paulista/SP com seus pais e não é filiado a nenhum clube ou associação. Já participou de diversos campeonatos nacionais e internacionais. Dentre estes últimos, estão incluídos dois mundiais, uma Paralimpíada e dois Parapan-americanos. Foi reconhecido como maior medalhista do Parapan-americano de 2007 e 2011 e atleta paralímpico de destaque de 2008. Em 2009, recebeu o troféu Laureus – uma importante premiação esportiva – e o título de primeiro lugar entre os atletas paralímpicos brasileiros e de quarto lugar entre os atletas internacionais contemplados pela bolsa.

A **atleta 2**, de 41 anos de idade, pratica o atletismo desde 1998 nas modalidades de arremesso de peso e lançamento de disco. Possui a perna esquerda amputada em virtude de uma deficiência física adquirida após um acidente. Possui o segundo grau completo, nasceu no Estado de Pernambuco, mas reside atualmente no Rio de Janeiro, lugar onde treina. É classificada como F58. Há quatro anos está filiada ao Instituto Superar do Rio de Janeiro. Além de ser patrocinada por este clube, a atleta recebe a bolsa-atleta paralímpica há cinco anos e é atualmente patrocinada pelo Botafogo Futebol e Regatas, parceiro do instituto. Dentre os inúmeros campeonatos dos quais já participou estão incluídos quatro Parapan-americanos, três Paralimpíadas e aproximadamente oito campeonatos mundiais. Bateu recordes mundiais no arremesso de peso e lançamento de disco, tanto nas Paralimpíadas de Sidney quanto nas de Atenas, além de conquistar medalhas de ouro em quatro Parapan-americanos.

A **atleta 3** tem 47 anos de idade. Ela é residente em Santos/SP e possui o segundo grau completo. Após adquirir a paraplegia em consequência de esclerose múltipla, a atleta, que antes jogava voleibol (convencional), passou a praticar o basquete em cadeira de rodas. Pelo basquete, participou de vários campeonatos brasileiros, sendo campeã em um deles, em uma Paralimpíada, um Parapan-americano e alguns mundiais. Há quatro anos deixou o basquetebol e ingressou no atletismo paralímpico. Pelo atletismo, participou de seu primeiro Parapan-americano em 2011, em Guadalajara, competindo na modalidade de arremesso de peso. É filiada à Associação dos

Deficientes Físicos de Santos/SP (ADFISA) há 16 anos, recebe patrocínio da Prefeitura Municipal de Santos e é contemplada pela bolsa-atleta paralímpica há três anos.

O **atleta 4**, de 39 anos de idade, residente em Natal/RN e possui terceiro grau completo com formação em Educação Física. Possui uma paraplegia decorrente de um acidente sofrido em 1990. Três anos depois começou a praticar a natação adaptada. Em 1994, passou a fazer parte da seleção paralímpica e completou, em 2011, 17 anos de seleção. É classificado como S6/SB5/SM6. Atualmente está filiado ao Clube de Orientação Potiguar (COP) de Natal/RN, recebe a bolsa-atleta paralímpica e incentivos financeiros de outros patrocinadores (Unimed - RN, Construtora Hazbun e Potigás). Já participou, além de vários campeonatos nacionais, de vinte mundiais, dentre os quais estão quatro Paralimpíadas (1996, 2000, 2004 e 2008) e quatro Parapan-americanos. Possui nove medalhas Paralímpicas e trinta medalhas Parapan-americanas.

O **atleta 5**, de 32 anos de idade, é residente em Santos/SP e possui terceiro grau completo com formação em Educação Física. Possui deficiência visual congênita, resultante de toxoplasmose. Ele começou, em 2004, a fazer parte da equipe paraolímpica de natação. É classificado como S13. Atualmente, é um atleta filiado à Universidade Santa Cecília (UNISANTA), uma faculdade particular de Santos/SP e, além de receber a bolsa-atleta paralímpica, também é patrocinado pelo Time São Paulo Paralímpico/SP, uma iniciativa do Governo de São Paulo. Já participou de campeonatos nacionais, de quatro mundiais de natação, de uma Paralimpíada e de dois Parapan-americanos. Em 2006, foi vice-campeão mundial de piscina longa. Em 2009, conquistou o recorde mundial de piscina curta e, em 2010, ficou em terceiro lugar no mundial de piscina longa.

A **atleta 6**, de 32 anos, mora em São José do Rio Preto/SP e estudante do curso de Fisioterapia, apesar de ter iniciado no paradesporto através da natação, compõe, desde 2006, a equipe paralímpica de atletismo, em provas de campo (velocidade e fundo). Possui deficiência visual congênita e é classificada como T12. Atualmente, recebe a bolsa-atleta paralímpica e é associada ao Clube Amigo Deficiente (CAD) da sua cidade. Além de várias competições nacionais, já participou também de dois mundiais de atletismo – sendo ouro em um deles – uma Paralimpíada e um Parapan-americano. Conquistou recorde mundial no revezamento 4x400m.

O **atleta 7**, de 27 anos de idade, reside em São Paulo/SP e é estudante do curso de Fisioterapia. Possui sequela de poliomielite, é classificado como S10, e passou a fazer parte da equipe paralímpica de natação em 2006. Recebe a bolsa-atleta

paralímpica, é atleta vinculado ao Esporte Clube Pinheiros, de São Paulo e, além desses apoios, é patrocinado também pela Deloitte, Time São Paulo Paralímpico/SP e Samsung. Já participou de vários campeonatos nacionais e dentre os internacionais podemos citar dois mundiais, dois Parapan-americanos e uma Paralimpíada. Todos eles, consagrados com várias medalhas de ouro, prata e bronze.

O **atleta 8**, de 22 anos de idade, com segundo grau completo, possui uma deficiência física congênita conhecida como nanismo. Nasceu em Maceió/AL, mas atualmente mora no Rio de Janeiro/RJ. Praticava surfe até começar a praticar o atletismo adaptado, na modalidade arremesso de peso e lançamento de disco, em 2007. É classificado como F40. Não recebe a bolsa-atleta paralímpica, mas possui apoio do Instituto Superar/RJ, clube ao qual é filiado, e patrocínio do Botafogo Futebol e Regatas, parceiro do instituto. Além de, aproximadamente, vinte campeonatos brasileiros, o atleta já participou também de um Parapan-americano, uma Paralimpíada e cinco mundiais de atletismo. Em dois mundiais que ocorreram na Colômbia, em 2009 e 2010, ele conquistou, respectivamente, dois e sete recordes.

O **atleta 9**, de 33 anos de idade, residente em Niterói/RJ e com segundo grau completo, possui deficiência física congênita resultante de paralisia cerebral. Começou a praticar a natação paralímpica em 1998. Classificado como S5/SB4/SM5, tornou-se filiado à Associação Niteroiense de Deficientes Físicos (ANDEF) de Niterói/RJ. Além de receber bolsa-atleta paralímpica e apoio da ANDEF, este atleta também é patrocinado pela prefeitura do Rio de Janeiro e faz parte do recém-formado Time Rio Paralímpico. Já participou, além de vários campeonatos nacionais, de três mundiais de natação, quatro Parapan-americanos e três Paralimpíadas com treze medalhas conquistadas. Foi considerado pelo Comitê Paralímpico Internacional (IPC) como o maior atleta paralímpico, tanto em quantidade quanto em qualidade de resultados.

A **atleta 10** tem 38 anos de idade e mora em Joinville/SC. Possui segundo grau completo e deficiência visual congênita oriunda de uma retinose pigmentar e astigmatismo congênito. Praticante da modalidade atletismo, a atleta é especialista nas corridas de 100, 200 e 400 metros rasos. Classificada como T11, a atleta é contemplada com a bolsa-atleta paralímpica. Praticando o esporte adaptado há 24 anos, ela já participou de seis Paralimpíadas, foi medalhista de ouro em dois Jogos Parapan-americanos e alcançou várias medalhas de ouro em diversos campeonatos mundiais.

2 ARTIGOS

2.1 O Esporte Paralímpico no Brasil e no mundo: gênese, transformações e atualidades

Resumo

O Esporte Paralímpico é uma prática importante na promoção da qualidade de vida das pessoas com deficiência e, devido ao seu crescente número de praticantes, vem adquirindo maior notoriedade dentro do contexto social brasileiro. Com o intuito de ampliar os conhecimentos acerca deste fenômeno, este estudo buscou realizar uma revisão de literatura sobre o surgimento, a organização e os acontecimentos mais marcantes do Esporte Paralímpico no Brasil e no mundo. Para tanto, as informações apresentadas ao longo do texto seguem em uma ordem cronológica que envolve aspectos de abrangência mundial e posteriormente, nacional. Os tópicos relacionados aos fatos mundiais se referem à gênese do esporte adaptado, sua sistematização, a disseminação entre os países, os eventos mais importantes, as organizações responsáveis pelo controle das modalidades, a caracterização e contextualização das Paralimpíadas, as modalidades praticadas e o sistema de classificação. Os assuntos de abrangência nacional abordam a gênese do paradesporto brasileiro, as organizações responsáveis pelo seu gerenciamento, participação em campeonatos, iniciativas governamentais importantes e algumas ações recentemente consolidadas pelo Comitê Paralímpico Brasileiro. Por fim, foram feitas algumas considerações a respeito desse panorama, além de reflexões sobre as contribuições das mudanças vividas pelo paradesporto.

A gênese do esporte adaptado

A gênese do esporte adaptado está diretamente ligada à sua relação com a reabilitação física e social das pessoas com deficiência. Datando seu surgimento para o final do século XIX, esta prática vem se modernizando e, progressivamente, ganhando mais adeptos e incentivadores. No Brasil, desde o seu surgimento em 1958, as organizações paradesportivas em consonância com o órgão máximo nacional, o CPB vêm buscando ampliar e estimular o desenvolvimento desta prática.

Os primeiros registros sobre a prática da atividade física pelas pessoas com deficiência referem-se a 1838, em Boston, nos Estados Unidos. Neste ano, a escola de Perkins começou a promover ginástica e natação para crianças com deficiência visual. Alguns anos depois foram organizadas neste mesmo país, dentro das escolas especiais, as primeiras competições para crianças surdas e em 1907 os primeiros eventos competitivos de *goalball* (para deficientes visuais) (WINNICK, 2004).

Embora tenha sido oferecida, nos EUA, a Educação Física para cegos e para pessoas com outras deficiências no início do século XIX, a maioria dos estudiosos da Educação Física Adaptada (EFA) reconhece que os exercícios, destinados a essas pessoas, com orientação médica e baseados nos princípios da reabilitação, tiveram início na parte final do século (GOLD; GOLD, 2007; LIMA, 2010).

Ainda mantendo alguns fundamentos básicos de promoção da saúde do corpo e da mente, a atividade física destinada ao público em questão foi ganhando uma conotação diferenciada ao abordar as práticas esportivas. Adams *et al.* (1985) relata que buscando incrementar o processo de reabilitação física e social dos ex-combatentes de guerra, a atividade física desportiva tornou-se muito importante após as grandes Guerras Mundiais. Desse modo, com o objetivo de minimizar os prejuízos decorrentes da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) em diferentes partes do mundo, principalmente na Europa, iniciou-se o incentivo à prática do esporte para pessoas com deficiência física (WINNICK, 2004). Em consequência, surgiram as primeiras organizações esportivas para pessoas com deficiência, como foi o caso da Federação de Esportes para Surdos que surgiu na Bélgica, em 1922. Dois anos mais tarde, criou-se o Comitê Internacional de Esportes para Surdos (CISS) o qual comandou a primeira competição internacional formal para surdos, denominada Jogos do Silêncio, para atletas de nove países da Europa (GOLD; GOLD, 2007).

Winnick (2004) também afirma que, em 1945, foi criada a Associação Atlética Americana para Surdos (AAAD), responsável por organizar, promover e controlar oportunidades de competições esportivas para pessoas com surdez. Silva (1992) sugere que a justificativa para o pioneirismo das associações esportivas para pessoas com surdez se deve ao fato das atividades esportivas por elas praticadas requererem menos adaptações quando comparadas àquelas que contemplam pessoas com outras deficiências.

Após a segunda grande Guerra Mundial (1939-1945) e o surgimento de outros milhares de ex-combatentes com diferentes tipos de deficiência (lesão medular,

amputação, cegueira, dentre outras) intensificou-se, principalmente na Inglaterra e nos EUA, a utilização do esporte como forma de reabilitação e reinserção social (CASTRO, 2005). Essa alternativa se fortaleceu em decorrência da insuficiência dos métodos de recuperação utilizados até então para suprir as necessidades médicas e psicológicas dos traumatizados pela guerra (SILVA, 1992).

A utilização do esporte como ferramenta do processo de reabilitação das pessoas com lesão medular, amputação ou outras sequelas, proporcionava não somente resultados terapêuticos, mas também o de (re) estabelecimento de novos caminhos e interações sociais, como nos conta Adams (1985):

Graças às atividades recreativas, os deficientes físicos encontraram a motivação necessária para participarem da comunidade mais ampla, de produzir, de trabalhar e de assumir papéis de liderança na comunidade (ADAMS, 1985, p.217).

A partir de então, mais precisamente a partir de 1944, iniciou-se na Europa um forte movimento em direção ao crescimento do esporte participativo e, posteriormente, de competição. Neste ano o neurocirurgião alemão Dr. Ludwig Guttmann criou, no Hospital de Stoke Mandeville, em Aylesbury (Inglaterra), o primeiro centro de tratamento de lesados medulares. Através de técnicas científicas e revolucionárias para a época, Guttmann adaptou o esporte aos conceitos de reabilitação física e emocional, tornando-se personagem essencial para o surgimento do esporte adaptado de alto rendimento. Na sua concepção, a atividade física e o esporte, devido ao seu grande valor físico, psicológico e social, deveriam fazer parte do cotidiano das pessoas com deficiências, proporcionando-os uma vida o mais próxima da normalidade, sem barreiras nem limitações (LIMA, 2010).

Sendo assim, sob o caráter da reabilitação e com o objetivo de diminuir o tédio da vida hospitalar, as primeiras atividades desenvolvidas no referido hospital foram arco e flecha, tênis de mesa e o polo em cadeira de rodas. Em 1945, como parte de um programa que buscava fortalecer tronco e membros superiores, iniciou-se a prática do basquetebol em cadeira de rodas, modalidade esta que rapidamente se transformou em uma das mais populares entre os paraplégicos.

Araújo (1997) cita em seu livro, um recorte de uma notícia veiculado pelo jornal Superação (1988) que ilustra algumas consequências das iniciativas esportivas destinadas às pessoas com deficiência:

Os primeiros resultados desta prática relatam que, em um ano de trabalho, o Dr. Guttmann conseguiu preparar seis paraplégicos para o mercado de trabalho e reconheceu que as atividades esportivas, como ocupação terapêutica, eram importantes na reabilitação psicossocial dos deficientes, deu-lhes a oportunidade de competir não só no esporte como em todos os campos sociais (ARAÚJO, 1997, p.8).

O mesmo autor relata também que em 1946, um conhecido grupo (de ex-combatentes) de basquetebol em cadeira de rodas, da Califórnia, denominado “Flight Wheels” (rodas voadoras) fez uma excursão pelo país com o intuito de difundir a modalidade e atrair outros ex-combatentes. Com a adaptação das regras e com a disseminação da modalidade, civis paraplégicos, sequelados de poliomielite, amputados, dentre outras deficiências, também começaram a praticar o basquetebol em cadeira de rodas.

Em 28 de junho de 1948, sob a direção de Dr. Guttmann, foi realizado no Hospital de Stoke Mandeville, o primeiro festival esportivo para os pacientes paralisados, sendo denominado “I Jogos Nacionais de Stoke Mandeville” com provas de arco e flecha. Após esta iniciativa médicos e técnicos do mundo inteiro eram enviados por seus governos, para conhecer o trabalho e os métodos desenvolvidos por Guttmann (STROHKENDEL, 1996; SHERRIL, 1998). O sucesso desses jogos não só contribuiu para o desenvolvimento do esporte competitivo como também para a divulgação e o conhecimento das habilidades das pessoas com lesão medular. Segundo Bedbrook (1997), foi em 1950 que iniciou o intercâmbio entre EUA e Inglaterra, quando o Dr. Guttmann em visita aos EUA, discutiu com o Dr. Benjamim H. Liptom sobre o desporto em cadeira de rodas e aproveitou para convidar uma equipe Norte Americana para participar dos Jogos de Stoke Mandeville.

Na segunda edição dos jogos, em 1952, com a participação também da Holanda, o evento ganhou caráter internacional passando a ser denominado como “I Jogos Internacionais de Stoke Mandeville”, além de fundar a Federação Internacional dos Jogos de Stoke Mandeville (ISMGF), a qual se tornou responsável exclusivamente pelo esporte para paraplégicos. Progressivamente novas modalidades esportivas, tais como, lançamento do dardo, esgrima, natação, sinuca e o halterofilismo, foram fazendo parte das disputas femininas e masculinas, até que em 1956 o evento foi reconhecido pelo COI (INTERNATIONAL PARALYMPIC COMITEE, 2012a; INTERNATIONAL WHEELCHAIR & AMPUTEE SPORT FEDERATION, 2012a).

Conforme citado anteriormente, assim como na Inglaterra, os esportes adaptados também encontraram território nos EUA, porém esses países diferenciavam-se quanto à ênfase na abordagem. Enquanto a Inglaterra visava o princípio da reabilitação através da prática esportiva, os EUA tinham como meta principal, a competição. Mattos (1994) aponta que, por esse motivo, aos poucos foram surgindo nos EUA, associações responsáveis pela organização das diferentes modalidades esportivas, como por exemplo, a Associação Nacional de Basquetebol Sobre Rodas. Essa modalidade foi a primeira a se estruturar neste país, impulsionando o desenvolvimento do desporto adaptado nacional (STROHKENDEL, 1996).

De acordo com os relatos de Lima (2010) e Castro (2005), a repercussão dos esportes praticados em cadeira de rodas tanto nos EUA quanto na Inglaterra resultou na criação de centros de tratamento ao lesado medular, em várias partes do mundo e, conseqüentemente, em competições para pessoas com deficiência motora. Uma dessas competições foi o I Jogos Parapan-americanos, realizados no Canadá em 1967, destinados a amputados, lesados medulares e pessoas com sequelas de poliomielite. Este evento originou o Conselho Parapan-americanos cujo objetivo era de realizar os jogos em diferentes países do continente americano a cada dois anos.

Em 1960, os IX Jogos Internacionais de Stoke Mandeville foram integrados aos XVI Jogos Olímpicos de Roma, sendo aqueles realizados algumas semanas depois destes. Neste momento o grande sonho de Guttman se concretizava: a criação dos Jogos Paralímpicos. Esses jogos foram inicialmente denominados “Olimpíadas para Paraplégicos” dos quais participaram apenas cadeirantes. Posteriormente, em 1964, no Japão, já recebiam a denominação de “Paraolimpíadas” (CPB, 2011a). Com o passar do tempo, os jogos foram agregando pessoas com diferentes comprometimentos (físico, cognitivo e sensorial) e recebendo cada vez mais prestígio (ADAMS *et al.*, 1985; CASTRO, 2005).

Atualmente, a terminologia correta é “Paralimpíadas”. Essa mudança terminológica ocorreu em novembro de 2011 quando o presidente do CPB Andrew Parsons, ao lançar a logomarca dos Jogos Paralímpicos de 2012, aproveitou para fazer o novo comunicado. A pedido do IPC de seguir um alinhamento global o Brasil também passou a adotar o termo “paralímpico”, em substituição ao paraolímpico. A mudança ocorreu em todas as derivações do termo. (CPB, 2012). Neste estudo utilizaremos a nova terminologia.

Os Jogos Paralímpicos

A palavra “Paraolímpico” deriva da preposição grega “para” que significa *ao lado, paralelo* e da palavra “olímpico”. Como vimos, os Jogos Paralímpicos começaram em paralelo aos Jogos Olímpicos de Roma, em 1960. A palavra “paraolímpico” era originalmente uma combinação de paraplégico e olímpico. Entretanto, a inclusão de outros grupos de deficientes e a união das associações ao movimento olímpico mostraram que agora os dois movimentos existem lado a lado (CONDE *et al.*, 2006).

Em 1966, Dr. Guttman, observando o crescimento da participação dos Jogos de Stoke Mandeville, lutou pela concretização de mais um sonho: a construção de um estádio totalmente adaptado para a realização dos jogos. Para isso, contou com ajuda financeira externa, de amigos, da população de Stoke Mandeville e de holandeses. Em 1969, a rainha Elizabeth da Inglaterra inaugurou o Complexo Esportivo de Stoke Mandeville para paralisados e outros deficientes, fato este que contribuiu para o desenvolvimento dos espaços esportivos acessíveis às pessoas com deficiência (ARAÚJO, 1997).

Desde a realização dos jogos, em 1960, e a cada quatro anos, após as Olimpíadas, são realizadas as Paralimpíadas. A partir de 1988 ficou determinado que o país anfitrião da Olimpíada teria também o compromisso de sediar a versão Paralímpica, realizando-a nas mesmas instalações, cerca de quinze dias após o encerramento da primeira.

Como já mencionado, o número de atletas e países participantes das Paralimpíadas foi crescendo exponencialmente a cada ano. Em 1960, competiram 400 atletas de 23 países e em 2008 já eram 3951 atletas de 146 países participantes (IPC, 2012b). Baseando-se em alguns registros elaborados por Araújo (1997), através dos Jogos Paralímpicos de 1960 foi possível perceber o envolvimento político e social de autoridades e personalidades para com o paradesporto. Segundo este autor, os jogos de 1960 tiveram como madrinha a primeira dama italiana, a Dona Carla Gronchi enquanto o papa João XXIII recebia publicamente todos os participantes, na Cidade do Vaticano.

Além dos Jogos de Verão, surgiram também os Jogos de Inverno, ou seja, as Paralimpíadas de Inverno. Segundo Castro (2005) e Lima (2010), a origem desses jogos de inverno em 1976, também está relacionada à reabilitação social e física de veteranos da Segunda Guerra Mundial que desejavam voltar a praticar os esportes de inverno. Contando com a participação de 250 atletas, dentre os quais havia cadeirantes, amputados e cegos de quatorze países, esses jogos foram realizados pela primeira vez

em Ömsköldsvik (Suécia) em 1976. Desde 1994, a cada 4 anos e intercalando com a Paralimpíadas de Verão, ocorrem as Paralimpíadas de Inverno utilizando-se as mesmas instalações das Olimpíadas de Inverno.

Com a expansão do Movimento, foi surgindo a necessidade de uma nova configuração para o Esporte Paralímpico. Em consequência disso, em 22 de setembro de 1989, a ISMGF passou a ser reconhecida como Comitê Paralímpico Internacional (IPC). Este é, até hoje, o órgão máximo do Esporte Paralímpico mundial e o responsável por controlar e interligar os comitês paralímpicos nacionais. Logo, atuando com federações internacionais de esportes, ele é o responsável pelas Paralimpíadas de Verão e de Inverno além de outras competições e campeonatos mundiais (CPB, 2011a).

Strohkendl (1996) afirma que a partir de 1980, o Movimento Paralímpico entra num período de busca pela implementação de medidas que respeitassem as individualidades e assegurassem as “igualdades” nas competições esportivas. Inicialmente, uma única associação respondia por todas as deficiências, como a Organização Internacional de Esportes para o Deficiente - *Internaticonal Sports Organization Disable* (ISOD), fundada em 1964. Porém, posteriormente, algumas associações foram surgindo de forma a organizar o desporto de acordo com as deficiências. Como exemplos, a Associação Internacional de Esportes, Recreação e Dança para paralisados cerebrais - *International Sports and Recreation Association* (CP-ISRA), criada em 1978 e a Associação Internacional de Esportes para Cegos - *International Blind Sports Association* (IBSA), fundada em 1981. (LIMA, 2010)

Com a criação dessas associações, coube ao ISOD organizar os esportes para as pessoas com amputação e/ou com outras deficiências motoras (*les autres*). Também com essa mesma responsabilidade, em 1982, aquela pioneira ISMGF – criada em 1952 – passou a ser denominada como *International Stoke Mandeville Wheelchair Sports Federation* (ISMWSF) ou Federação Internacional de Stoke Mandeville para Esportes em Cadeira de Rodas. Em 2004, essas duas organizações (ISMWSF e ISOD) se uniram e fundaram o que hoje é conhecida como Federação Internacional de Esportes para Cadeirantes e Amputados (INTERNATIONAL WHEELCHAIR & AMPUTEE SPORT FEDERATION, 2012b).

O surgimento dessas e de outras organizações resultaram na seguinte estrutura organizacional atual do IPC.

Quadro 1 – Estrutura Organizacional do IPC

Gestão Esportiva

Tipo de Esporte	Federação Internacional	Federação Nacional	Esporte que Governa
Esportes de Federações Internacionais - IF	Federação Internacional de Tiro com Arco - FITA	Confederação Brasileira de Tiro com Arco - CBTARCO	Tiro com Arco
	União Internacional de Ciclismo - UCI	Confederação Brasileira de Ciclismo - CBC	Ciclismo
	Federação Internacional de Hipismo - FEI	Confederação Brasileira de Hipismo - CBH	Hipismo
	Federação Internacional de Remo - FISA	Confederação Brasileira de Remo - CBR	Remo
	Associação Internacional de Vela Adaptada - IADS	Confederação Brasileira de Vela Adaptada - CBVA	Vela
	Federação Internacional de Tênis de Mesa - ITTF	Confederação Brasileira de Tênis de Mesa - CBTM	Tênis de Mesa
	Organização Mundial de Voleibol para Deficientes - WOVD	Associação Brasileira de Voleibol Paraolímpico - ABVP	Voleibol Sentado
	Federação Internacional de Basquete em cadeira de rodas - IWBF	Confederação Brasileira de Basquete em cadeira de rodas - CBBC	Basquete em Cadeira de Rodas
	Federação Mundial de Curling - WCF	Confederação Brasileira de Desporto no Gelo - CBDG	Curling em Cadeira de Rodas
	Federação Internacional de Rúgbi em cadeira de rodas - IWRF	Associação Brasileira de Rúgbi em cadeira de rodas - ABRC	Rúgbi em Cadeira de Rodas
	Federação Internacional de Tênis - ITF	Confederação Brasileira de Tênis - CBT	Tênis em Cadeira de Rodas
Organizações Internacionais de Esportes para Deficientes - IOSD	Associação Internacional de Esportes e Recreação para Paralisados Cerebrais - CP-ISRA	Associação Nacional de Desporto para Deficientes - ANDE	Bocha e Futebol de 7
	Federação Internacional de Esportes para Cegos - IBSA	Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais - CBDV	Futebol de 5, Goalball e Judô
	Federação Internacional de Esportes para Cadeirantes e Amputados - IWAS	Comitê Paraolímpico Brasileiro - CPB	Esgrima em Cadeira de Rodas
	Federação Internacional de Esportes para Deficientes Intelectuais - INAS	Associação Brasileira de Desporto de Deficientes Intelectuais - ABDEM	Atletismo e Natação para atletas com deficiência intelectual
Esportes do Comitê Paraolímpico Internacional - IPC	Comitê Paraolímpico Internacional - IPC	Modalidade ainda não desenvolvida a nível nacional	Esqui Alpino, Biatlon, Esqui Cross Country, Hóquei Sentado
		Comitê Paraolímpico Brasileiro - CPB	Atletismo, Halterofilismo, Tiro Esportivo, Natação

Fonte: Site oficial do CPB (2012c).

Atualmente, dentre as suas filiações, o IPC possui entidades membros, que têm o direito a voz, a voto, a submeter monções e a indicar candidatos a cargos efetivos. Existem também as entidades não membros que possuem direito à voz e voto nas definições do IPC (LIMA, 2010).

Olimpíadas Especiais

As pessoas com deficiência intelectual também possuem uma associação que controla e organiza os esportes destinados a este público. Fundada em 1986, a Federação Internacional de Esportes para Pessoas com Deficiência Intelectual (INAS-FID), levou, pela primeira vez, suas equipes para as Paralimpíadas de 2000, em Sydney. Entretanto, após atletas espanhóis, sem comprometimento intelectual, se inscreverem e participarem normalmente dos jogos comprovou-se a existência de falhas no sistema de classificação dos atletas com esse tipo de comprometimento. Desde então, o IPC suspendeu a participação das pessoas com essa deficiência, nos Jogos Paralímpicos (CPB, 2011a).

Conforme apontam Silva (1992) e Lima (2010), um marco importante na trajetória do desporto adaptado e que também está associado às pessoas com deficiência

intelectual, foi o surgimento do movimento denominado Olimpíadas Especiais - *Special Olympics* (SOI), em 1968. Os autores relatam que, fruto de uma iniciativa de Eunice Kennedy, a SOI é uma organização mundial, sem fins lucrativos, destinada a aproximadamente 200 milhões de pessoas com deficiência intelectual em todo o mundo. Sua primeira realização foi em Chicago, Estados Unidos onde pessoas com deficiência intelectual de 26 estados americanos e do Canadá participaram de provas de atletismo e natação. Atualmente desenvolve 34 tipos de esportes individuais e por equipe e, como a maior organização esportiva para as pessoas com deficiência intelectual, a SOI está em constante crescimento. Exemplo disso foi a comemoração de seu 42 aniversário, em 2010, durante o qual, as Olimpíadas Especiais contaram com a participação de quase três milhões de atletas de mais de 180 países.

A utilização do termo “Olímpico” foi autorizada e reconhecida pelo COI. A sua ocorrência é de dois em dois anos, intercalando com as Paralimpíadas de Verão e de Inverno e atende pessoas com deficiência intelectual ou múltipla deficiência (GORGATTI; GORGATTI, 2008).

Modalidades Paralímpicas

Segundo o IPC (2012c) as modalidades paralímpicas atualmente presentes no quadro de disputas do IPC estão listadas na Tabela 1, de acordo com os Jogos de Verão e de Inverno.

Tabela 1 – Modalidades Paralímpicas de Verão e de Inverno

Esportes Paralímpicos de Verão	Esportes Paralímpicos de Inverno
Tiro com arco; atletismo; bocha; hipismo; futebol de 5; futebol de 7; goalball; judô; canoagem; ciclismo; triatlon; halterofilismo; remo; vela; tiro esportivo; voleibol sentado; natação; tênis de mesa; basquetebol em cadeira de rodas; dança em cadeira de rodas; esgrima em cadeira de rodas; rúgbi em cadeira de rodas; tênis em cadeira de rodas.	Biatlon; esqui alpino; esqui <i>cross-country</i> ; esqui de velocidade; wheelchair curling.

Fonte: análise da autora.

Algumas modalidades paralímpicas ainda não são desenvolvidas pelo CPB, são elas: Esqui alpino; esqui *cross-country*; esqui de velocidade; wheelchair curling; biatlon; canoagem; triátlon e dança em cadeira de rodas (CPB, 2012a).

Classificação Esportiva

O primeiro tipo de classificação proposto por médicos e especialistas da reabilitação foi utilizado para pessoas com deficiência física, na Inglaterra em 1944. No Brasil, esse sistema foi posto em prática pela primeira vez, em 1984 no campeonato de basquetebol em cadeira de rodas realizado pela Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas (ABRADECAR). Com o aumento no número de atletas, a melhoria das *performances* e os avanços tecnológicos, o sistema de classificação foi ganhando novos delineamentos com o intuito de realinhar o esporte paralímpico a essa evolução. Atualmente o IPC reconhece cinco categorias de deficiências elegíveis para as competições: paralisados cerebrais, deficientes visuais, atletas em cadeira de rodas, amputados e *les autres* (outros comprometimentos motores que não se encaixam nas categorias anteriores) (CPB, 2012b).

A classificação esportiva utilizada na prática do esporte adaptado representa a tentativa de nivelar aspectos da capacidade física e competitiva dos atletas de forma a agrupar deficiências semelhantes, porém diferenciando suas peculiaridades (CASTRO, 2005). Winnick (2004) afirma que o objetivo da classificação é proporcionar condições mais justas e igualitárias entre os competidores uma vez que uma deficiência específica pode expressar habilidades e características físicas diversificadas. Por exemplo, o grau de acuidade das pessoas com deficiência visual pode variar, assim como varia o nível de comprometimento físico das pessoas com paralisia cerebral.

Cada modalidade esportiva possui seu próprio sistema de classificação o que faz com que o atleta que compete em mais de um esporte, receba classificações diferenciadas. Esse sistema se baseia nas habilidades funcionais do indivíduo e na identificação das áreas chaves que afetam o desempenho para a *performance* básica do esporte escolhido. A habilidade funcional necessária independe do nível de habilidade ou treinamento adquirido (CPB, 2012b).

De acordo com Castro (2005) a equipe responsável pela classificação pode ser composta por três profissionais da área de saúde: médico (analisa a severidade da

deficiência e a sua interferência na função muscular necessária para determinado movimento), fisioterapeuta (avalia a funcionalidade do indivíduo nas habilidades relacionadas ao esporte) e um professor de Educação Física (análise do desempenho do atleta através do movimento executado e da utilização da técnica, prótese e órtese). Dessa forma, a classificação é realizada nos estágios médico, funcional e técnico, respectivamente.

Esporte Paralímpico no Brasil

Assim como em outros países, o surgimento do esporte adaptado e do Movimento Paralímpico Brasileiro recebeu fortes influências americanas e inglesas. Mattos (1990) relata que após adquirirem deficiência física e realizarem em 1950, tratamento em hospitais dos EUA, Robson Sampaio de Almeida, residente no Rio de Janeiro e Sérgio Del Grande, de São Paulo, trouxeram para o Brasil, as vivências que haviam tido com o basquetebol em cadeira de rodas e seus positivos resultados físicos, psicológicos e sociais.

Sérgio Seraphin Del Grande era um jovem esportista paulista que, após se acidentar em 1951, foi para os Estados Unidos em busca de tratamento. Ao aderir-se à metodologia de recuperação do Instituto Kesler, em Wiste Orange, New Jersey, conheceu a reabilitação pelo esporte, fato este que mudou a sua vida e influenciou a de muitos brasileiros. Após retornar para Brasil no final de 1955, já no ano seguinte Sérgio apresentou sua experiência com a reabilitação esportiva ao Dr. Renato Bonfim, um dos fundadores da Associação de Atenção à Criança Defeituosa (AACD) de São Paulo. O Dr. Bonfim foi um dos investidores da ideia e apoiou a vinda da equipe americana, trazida por Sérgio, para fazer algumas apresentações no Brasil. Após alcançar boa repercussão nacional com as exibições públicas, Sérgio organizou a primeira equipe brasileira de basquetebol em cadeiras de rodas denominada “azes da cadeira de rodas”, cuja primeira exibição ocorreu em fevereiro de 1958, no Ginásio de Esportes do Conjunto Desportivo Baby Barioni na Água Branca em São Paulo. Um pouco mais tarde, em julho deste mesmo ano Sérgio criou o primeiro clube nacional direcionado ao esporte adaptado: o Clube dos Paraplégicos de São Paulo (CPSP). Este clube existe atualmente e, servindo como referência para o esporte adaptado, ele oferece iniciação,

treinamento e oportunidades de competição para deficientes físicos (LIMA, 2010; CONDE *et al.*, 2011).

Esses autores confirmam que, ainda em 1958, outro clube voltado para o esporte para pessoas com deficiência também era criado no Rio de Janeiro, o Clube do Otimismo. Este clube foi idealizado e criado por Robson Sampaio de Almeida, outro nome de destaque no esporte paralímpico, que também havia tido boas experiências com o basquetebol em cadeira de rodas, como forma de reabilitação.

Por algum tempo, essas foram as únicas instituições que ofereciam esporte para as pessoas com deficiência. Pioneiras no desenvolvimento do esporte adaptado nacional, São Paulo e Rio de Janeiro divulgaram suas experiências com o basquetebol em cadeira de rodas para as demais regiões do país servindo de base para a criação de novas entidades e modalidades que desenvolvem até hoje, atividades de iniciação, treinamento e competições de todos os níveis. Portanto, antes de se consolidarem como equipes nacionais, esses dois clubes realizaram alguns campeonatos com caráter de participação e divulgação. Em dezembro de 1959, o CPSP e o Clube do Otimismo se confrontaram, pela primeira vez, no Maracanãzinho, jogo cujos campeões foram os paulistas. Em 1960 e 1961, outros dois jogos foram realizados, sendo os vitoriosos, desta vez, os cariocas. Neste momento se consolidava a prática de tal modalidade (CASTRO, 2005).

As competições mundiais, Jogos Parapan-americanos e Paralimpíadas também foram, aos poucos, fazendo parte do calendário dessas equipes. Segundo Araújo (1997) o conhecimento sobre os benefícios da prática de atividade física para as pessoas com deficiência foi um incentivo para que, a cada ano, mais pessoas se interessassem por ela. Essa era então, a premissa do desenvolvimento do esporte adaptado. Em 1969 formou-se a primeira seleção brasileira que participou, na Argentina, dos II Jogos Parapan-americanos cujos objetivos eram buscar conhecimento das modalidades que integravam o quadro de esportes paralímpicos e possibilitar aos brasileiros uma integração com atletas do resto do continente. Neste campeonato a delegação brasileira conquistou dezessete medalhas e um terceiro lugar no basquetebol (CASTRO, 2005). E já em 1972, na Alemanha, o Brasil participou de sua primeira Paralimpíada. Levantando a bandeira brasileira, o atleta de basquetebol em cadeira de rodas, Cláudio Araújo, foi eleito o melhor do mundo dentro de sua classificação (LIMA, 2010).

Em 1975, nos Jogos Parapan-americanos, na cidade do México, a existência de duas delegações brasileiras (uma representada pelo Clube do Otimismo - RJ e a outra

pelo Clube dos Paraplégicos - SP) fez com que a ISMGF exigisse a criação de uma associação nacional para todos os países participantes, a partir daquele momento. Naquele mesmo ano, criou-se a Associação Nacional de Desporto de Deficientes (ANDE), responsável por organizar o desporto nacional. Além dessa, foram criadas outras associações cujo objetivo é atender a crescente demanda de pessoas com diferentes tipos de comprometimentos, interessadas pelas práticas esportivas e suas respectivas organizações. Filiadas ao CPB, essas entidades são atualmente conhecidas como: Associação Brasileira de Desporto para Cegos (ABDC), Confederação Brasileira de Desporto para Surdos (CBDS), Associação Brasileira de Desporto para Amputados (ABDA), Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas (ABRADECAR). Congregando as atividades esportivas das pessoas com deficiência intelectual existem a Associação Brasileira de Desporto para Deficientes Mentais (ABDEM), a Federação Nacional das Apaes (FENAPAES) e a Associação Olimpíadas Especiais Brasil (CASTRO, 2005).

Na segunda participação em Paralimpíadas, em 1976 (Canadá) o Brasil, conquistou suas duas primeiras medalhas, na modalidade de bocha. Em 1978 o Brasil sediou a quinta edição dos Jogos Parapan-americanos, destinada somente a atletas cadeirantes e apresentou um bom desempenho em atletismo, natação e tênis de mesa. (CASTRO, 2005; LIMA, 2010). Araújo (1997) nos conta que dois anos mais tarde, no ano das Paralimpíadas de Moscou (1980), morre o criador do Movimento. Dr. Guttmann faleceu em 18 de março deste ano.

A partir de 1999, os Jogos Parapan-americanos tornaram-se uma responsabilidade do IPC. Em 2007 e pela terceira vez, esses jogos foram realizados no Brasil. A cidade do Rio de Janeiro em parceria com o CPB recebeu cerca de 1.300 atletas de 26 países do continente americano, disputando 10 modalidades esportivas. Segundo Lima (2010), neste campeonato, a equipe brasileira conquistou o primeiro lugar no quadro de medalhas (83 de ouro, 68 de prata e 77 de bronze, totalizando 228 medalhas em sete dias de competição). Pela primeira vez os Jogos Parapan-americanos estavam sendo disputados consecutivamente aos Jogos Pan-americanos e nas mesmas instalações desses. Fatos como esses evidenciam a progressão no amadurecimento e no reconhecimento dos governantes e dirigentes esportivos acerca do esporte adaptado.

Algumas iniciativas brasileiras importantes

A partir da década de 1980, alguns movimentos sociais e ações políticas permitiram avanços no que tange algumas questões acerca da relação entre a pessoa com deficiência e as práticas esportivas. Um deles foi a declaração de 1981 como o “Ano Internacional da Pessoa Portadora de Deficiência” pela ONU (Organizações das Nações Unidas), através da aprovação, da Resolução 31/123 de Dezembro de 1976. Conforme aponta Araújo (1997), este ato, além de ampliar a valorização das pessoas com deficiência, buscou subsidiar iniciativas políticas e econômicas destinadas ao público em questão. Este período marcou, então, o início de uma nova década em que países membros deveriam planejar ações e metas direcionadas às pessoas com deficiência.

Ainda segundo este autor, a realização dos “Congressos Brasileiros de Esporte para Todos” (1982/84/86), reconhecidos como fóruns de discussão e apresentação de trabalhos desenvolvidos com pessoas com deficiência, também foi importante. Esses eventos contribuíram no reconhecimento sobre a importância das atividades físicas recreativas e esportivas destinados às pessoas com deficiência, idosos institucionalizados, dentre outros públicos, tanto por parte dos governantes quanto da população de maneira geral. Esses fóruns, além de possibilitar o surgimento de trabalhos mais sistematizados na área da Educação Física, também incitaram discussões acerca da sua expansão na Educação Especial.

Outra ação governamental que buscava atender melhor as pessoas com deficiência nos diversos setores sociais, dentre eles, saúde, educação, trabalho, legislação, transporte e barreiras arquitetônicas culminou, em 1984, no Projeto Integrado Secretaria de Educação Física e Desporto/Centro Nacional de Educação Especial (SEED/CENESP). Com o objetivo de investigar a ausência de políticas referentes às práticas de atividades físicas e esportivas ajustadas às necessidades das pessoas com deficiência tal projeto incitou reflexões e ações. Essas estavam relacionadas à capacitação de profissionais para atender este público, abertura de vagas nos cursos superiores, inclusão de conteúdos relacionados ao tema nos cursos de Educação Física, realização de sensos, classificações e campanhas, dentre outras melhorias destinadas à pessoa com deficiência. Um dos resultados desta iniciativa foi a criação da Coordenadoria para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE), em 1986, que buscava suprir a ausência de um órgão político capaz de articular as ações de integração da pessoa com deficiência, entre governo e as diferentes esferas da sociedade (CARMO, 1991; ARAÚJO, 1997).

Conde *et al.* (2006) afirmam que a CORDE respondeu por diversos acontecimentos que ligavam a pessoa com deficiência ao esporte, pois acreditava ser este, um grande fator de integração. Por esse motivo, para participar das Paralimpíadas de Seul, em 1988, as entidades nacionais então existentes, tais como a ABDC, a ABRADECAR e a ANDE, buscaram o apoio do Governo Federal por meio da CORDE.

Os autores supracitados declaram que em reunião histórica realizada no Palácio do Itamaraty, no Rio de Janeiro, em 11 de abril de 1988, José Gomes Blanco (presidente da ABRADECAR) propôs a criação do Comitê Paralímpico Brasileiro. Porém, após consultar o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e o Conselho Nacional dos Desportos (CND), órgão do MEC e responsável máximo pela regulamentação do esporte brasileiro, verificou a impossibilidade legal da criação do comitê em função das restrições da Constituição vigente que normatizavam a prática esportiva em nosso país. Como opção para o problema e por iniciativa da CORDE, foi constituída a Comissão Paradesportiva Brasileira formada por dois representantes do Governo Federal – um da SEED e um da CORDE – e pelos presidentes da ABDC, ABRADECAR e ANDE. Em agosto de 1988, essa comissão apresentou uma proposta de criação do Comitê Paralímpico Brasileiro após a promulgação da nova Constituição Brasileira em debate na Assembléia Nacional Constituinte. A nova constituição foi promulgada em 5 de outubro de 1988 e, estabelece através do Capítulo III – Da Educação, da Cultura e do Desporto, Seção III – Do Desporto, o Art. 217 que

É dever do estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada, observados: II- a destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional e, em casos específicos, para a do desporto de alto rendimento III- o tratamento diferenciado para o desporto profissional e não profissional (BRASIL, 1997, p.112).

Até então, os jogos eram organizados por suas associações e controlados nacionalmente pela ANDE. Porém, em 1994, diante das exigências do IPC, de se criar Comitês Paralímpicos Nacionais, torna-se maior a necessidade de fundar o CPB. Tendo sido criado em 1995, seu principal objetivo é, desde então, consolidar o movimento Paralímpico no Brasil, visando o desenvolvimento e difusão do esporte de alto rendimento para pessoas com deficiência em nosso país (CPB, 2012c). A criação deste órgão trouxe importantes contribuições para o incremento do esporte adaptado no

Brasil, como por exemplo, maior organização e controle do paradesporto, bem como a criação de programas e projetos destinados à sua disseminação em território nacional.

De acordo com relatos de Conde *et al.* (2006), a instituição do Ano Internacional da Pessoa Deficiente (AIPD) em 1981 e todas essas iniciativas políticas facilitaram o aumento e a expansão das organizações de pessoas com deficiência criadas em nosso país. O crescente número de atletas participantes dos campeonatos regionais e nacionais e o número de países que aderiam a cada competição, aos jogos mundiais, foram grandes incentivos para que esta prática recebesse maior atenção e organização. Aos poucos, em todo território nacional, foram surgindo diferentes associações, federações, confederações, clubes e escolas fomentadoras do esporte adaptado nacional, nas mais diversas modalidades esportivas. E da mesma forma, novas leis de incentivo.

Em 1997, a Lei 9615, mais conhecida como Lei Pelé, reconhece o desporto paralímpico e inclui o CPB, suas filiadas e vinculadas no Sistema Nacional do Desporto. Já em 16 de Julho de 2001, durante a presidência de Fernando Henrique Cardoso surge a Lei nº 10.264, conhecida como Lei Agnello/Piva que concede autonomia financeira através de recursos oriundos das Loterias Federais. Através desta lei, 2% da arrecadação bruta de todas as loterias federais do país são repassadas ao COB e ao CPB. Do total de recursos repassados, 85% são destinados ao primeiro e 15% ao segundo.

A partir das transformações ocorridas em prol do reconhecimento das práticas paradesportivas, inicia-se outro importante momento do Movimento Paralímpico Brasileiro. Como demonstraram os resultados alcançados nos Jogos de Atenas – 2004 e Pequim – 2008, o Brasil vem crescendo e se consolidando dentro do cenário paralímpico mundial. Em 2004, imerso no berço secular do movimento olímpico mundial (Atenas) o Brasil conquistou seu melhor resultado em Paralimpíadas até então, chegando ao 14º lugar, no ranking mundial (CPB, 2011a). Já em 2008 o Brasil alcançou o 8º lugar mundial ficando à frente de grandes potências como Alemanha, Espanha e França. Desde então, o CPB vem realizando investimentos importantes e progressivos na busca pela melhor posição no *ranking* mundial. No ano de 2012 o Brasil participa dos Jogos Paralímpicos de Londres enquanto aguarda, para sediar em 2016, as próximas Paralimpíadas.

O Esporte Paralímpico Brasileiro na Atualidade

Conforme pudemos perceber, desde sua implantação e consolidação no Brasil, o Esporte Paralímpico vem passando por importantes transformações. Tais mudanças são ao mesmo tempo, causa e efeito de um processo de amadurecimento político, econômico e social. São mudanças que perpassam desde o campo legislativo até a própria maneira de olhar, perceber e conceber a pessoa com deficiência. Esse novo olhar sobre as pessoas com deficiência foi e vem sendo, em grande parte, influenciado pela criação de ações governamentais dirigidas às crianças, aos jovens e os adolescentes com algum tipo de comprometimento físico, cognitivo e/ou sensorial. Elas podem ser percebidas através de jogos escolares, incentivos a campeonatos regionais e nacionais, cursos de capacitação de professores de Educação Física escolar, fomento de projetos paralímpicos, dentre outras.

Embora sejam iniciativas que precisam ser melhoradas e estejam voltadas para o esporte competitivo, elas demonstram o crescimento e o amadurecimento de ideias que, além de disseminar a prática paradesportiva, busca também promover ações que possibilitem a renovação dos atletas paralímpicos brasileiros, característica que faz parte do funcionamento natural do esporte competitivo. Visto isso, o CPB em parceria com o Ministério do Esporte começa, por volta de 2008, a criar programas, projetos e ações governamentais cujo foco maior seja estimular a prática esportiva, da iniciação ao alto rendimento, por crianças, jovens e adolescentes com deficiência. Como exemplo, podemos citar iniciativas como: “Paralímpicos do futuro”; Clube Escolar Paralímpico; Paralimpiadas Escolares; Circuito Loterias Caixa; Clínicas de Desporto Paralímpico; Academia Paralímpica Brasileira; Programa Segundo Tempo para Pessoas com deficiência; Programa Bolsa Atleta (CPB, 2012d).

Paralímpicos do Futuro

O primeiro projeto, que marcou o início de uma nova era do movimento paralímpico brasileiro foi o *Paralímpicos do Futuro*, criado em 2006. Este projeto buscava divulgar o Movimento Paralímpico em todo sistema educacional além de oportunizar e facilitar a implantação, em abrangência nacional, da prática do esporte para pessoas com deficiência a partir das escolas do ensino fundamental e médio, das redes pública e privada. Acreditando que os profissionais de Educação Física podem muito contribuir para o crescimento do Esporte Paralímpico, esta iniciativa buscou subsidiar a atuação consistente desta categoria no contexto escolar. Para tanto, foram

desenvolvidas ações de sensibilização e capacitação dos dirigentes e dos profissionais de Educação Física atuantes no sistema de ensino, bem como ações que permitiam a esses profissionais detectar alunos elegíveis para o Esporte Paralímpico e a época mais adequada para seu desenvolvimento psicomotor (CONDE *et al.*, 2006).

Ao oportunizar a prática esportiva para os alunos com deficiências, os professores de educação física estarão rompendo e substituindo muitos paradigmas: da incapacidade pela capacidade, da baixa estima pela alta autoestima, da exclusão pela inclusão. Certamente a maior vitória nesse processo será nossa contribuição para formação de cidadãos mais conscientes, justos e solidários (CONDE *et. al.*, 2006, p. 9).

Embora não esteja sendo desenvolvido atualmente, este projeto possuía, dentre seus princípios básicos, o grande desafio de desenvolver aulas de Educação Física diferenciadas, das quais todos os alunos poderiam participar efetivamente, sem qualquer tipo de exclusão por idade, habilidade ou gênero.

Entretanto, a inserção de práticas esportivas dentro de contextos escolares ainda enfrenta muitas dificuldades, seja pelo despreparo profissional, pela resistência demonstrada pela direção escolar e até mesmo por alguns pais e familiares ou pela inexistência de espaços e materiais adequados para o desenvolvimento das atividades. A inclusão escolar do esporte adaptado exige acessibilidade, capacitação de docentes, dentre outros fatores, mas acima de tudo, ampla conscientização e conhecimento sobre questões que envolvem a pessoa com deficiência, por parte de toda a comunidade e, principalmente, dos profissionais envolvidos no processo de educação.

Clube Escolar Paralímpico

Em 2010, foi lançado o programa *Clube Escolar Paralímpico*, cujo objetivo tem sido promover o fomento e o desenvolvimento esportivo escolar dos futuros atletas paralímpicos do país. Ele é destinado a alunos de 06 a 20 anos de idade, com deficiência física, intelectual e/ou visual, matriculados e frequentes em escolas públicas ou particulares, de ensino fundamental e médio reconhecidas pelo MEC ou instituições especializadas.

Atualmente o Clube Escolar Paralímpico atende milhares de jovens em 21 projetos espalhados pelas cidades brasileiras. Este programa oferece a cada projeto, durante dez meses de funcionamento (março a dezembro), R\$ 60 mil destinados à

contratação de pessoal, transporte, aquisição de material esportivo e equipamento, estrutura e divulgação (CPB, 2012e). Essa forma de fomentar o paradesporto contribui também na captação de profissionais da Educação Física uma vez que permite o aumento das oportunidades de trabalho junto à pessoa com deficiência.

Lançado em 2009 e realizado pela primeira vez em 2010, esta iniciativa pôde contemplar 19 instituições de 8 estados brasileiros, permitindo o acesso de 687 alunos com comprometimentos diversificados, às práticas esportivas diversificadas. Já em 2011, houve a inserção de mais 1 estado brasileiro, 2 novas instituições e um total de 921 alunos atendidos.

Tabela 2 – No número de instituições, alunos e estados contemplados pelo Clube Escolar Paralímpico

Ano	Instituições com Projetos aprovados	Unidades federativas	Alunos atendidos
2010	19	8	687
2011	21	9	921

Fonte: Site oficial do CPB (2012e).

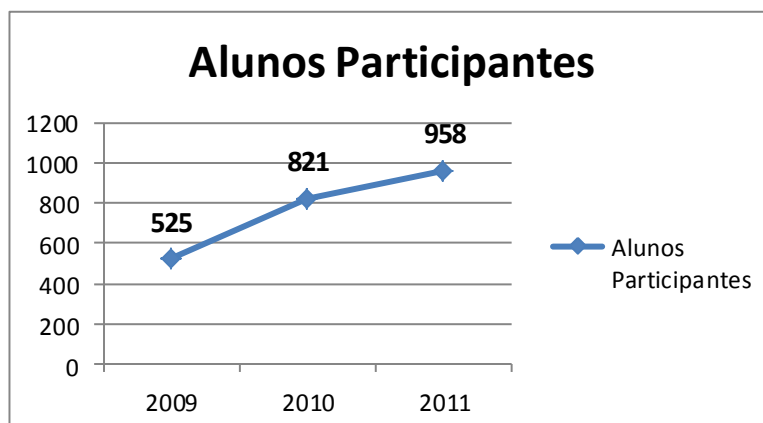
Esse aumento visível na quantidade de alunos inseridos em práticas paradesportivas incrementou a participação de crianças e jovens nas Paralimpíadas Escolares. Como um dos principais objetivos do Clube Escolar é a detecção de novos talentos, encaminhando esses alunos para um treinamento mais sistematizado, torna-se interessante acompanhar a participação dos alunos nas Paralimpíadas Escolares.

Paralimpíadas Escolares

Com o intuito de descobrir novos talentos, promover a integração e o intercâmbio sociocultural e, mais uma vez, aumentar a participação dos estudantes com deficiência em atividades esportivas, foi criado em 2009, também pelo CPB, a maior competição paralímpica nacional de jovens estudantes com deficiência, de escolas públicas e privadas reconhecidas pelo MEC: as *Paralimpíadas Escolares*. Essa iniciativa foi mais um importante passo dado pelo movimento paralímpico nacional rumo ao desenvolvimento do país e do paradesporto. Pois, sabendo que a educação do jovem também ocorre pela prática esportiva escolar, iniciativas como essas reforçam a construção de valores de cidadania e os ideais do movimento. Além disso, ajuda a direcionar os jovens para a construção do entendimento da diversidade humana, solidariedade, compreensão mútua, cultura da paz e *fair play* (CPB, 2011b). Entretanto, esses valores devem ser cuidadosamente transmitidos de forma que o indivíduo compreenda e aprenda a lidar com o contexto competitivo, sem que este, ao invés de contribuir, dificulte ainda mais o cotidiano da pessoa com deficiência.

As Paralimpíadas Escolares contam com a participação de alunos entre 12 e 21 anos de idade. Como o número de participantes a cada ano, é muito grande, são realizados campeonatos regionais e estaduais a fim de selecionar aqueles que participarão da etapa nacional. No Gráfico 1, é possível observar a progressão no número de estudantes que participaram das três edições das Paralimpíadas Escolares em 2009 (525), 2010 (821) e 2011 (958).

Gráfico 1 – Número de alunos participantes nas Paralimpíadas Escolares



Fonte: Comitê Paralímpico Brasileiro.

Em 2011, o CPB conseguiu congregar 958 alunos com deficiências visual, física e intelectual, um aumento de quase 83% comparado com sua primeira edição em 2009. Segundo dados fornecidos pelo CPB, a terceira edição do evento (2011) contou com representantes de 24 unidades federativas, deixando de serem representadas apenas Roraima, Amapá e Tocantins (CPB, 2011c). Apesar dos números demonstrarem o crescimento deste evento, alguns pontos carecem de maior investigação, como é o caso da não participação desses estados nas últimas competições. Além disso, seria interessante que as organizações responsáveis pela disseminação do paradesporto tentassem recrutar outros estudantes de todas as regiões brasileiras, de forma que as Paralimpíadas escolares façam realmente parte da vida de outros inúmeros estudantes com deficiência.

Circuito Loterias Caixa

Além dos jogos escolares, foi instituído também, desde 2005, o *Circuito Loterias Caixa Brasil Paralímpico de atletismo e natação* (a modalidade de halterofilismo foi introduzida posteriormente), uma competição que ocorre em etapas e possui calendário fixo, abrangência nacional e premiação em dinheiro. Realizada com o patrocínio da Caixa Econômica Federal, este evento esportivo representa uma das mais importantes competições nacionais e marca uma nova era do Movimento Paralímpico Brasileiro (CPB, 2011d).

O Gráfico 2 a seguir exibe a quantidade de atletas participantes nesses eventos desde 2007. Os números correspondem ao somatório de todas as etapas ao longo de cada ano. Os dados referentes a 2005 e 2006 não puderam ser tabulados, pois não foram divulgados pelo CPB.

Gráfico 2 – Número de atletas participantes do Circuito Loterias Caixa

Fonte: Comitê Paralímpico Brasileiro.

De acordo com os números é possível inferir que em 5 anos, o circuito teve um crescimento de 223% em número de atletas. Da mesma forma que as Paralimpíadas Escolares possuem alunos-atletas representantes de instituições de ensino formal, o Circuito Caixa acontece através da participação de atletas de todos os estados brasileiros representantes de seus respectivos clubes, associações, institutos, entre outros. Segundo dados fornecidos pelo CPB, em 2011, esse evento contou com a participação de 206 clubes (CPB, 2011d). Levando em consideração que atualmente existem 253 entidades filiadas ao CPB, parece necessário incentivar e gerar condições para que todas elas possam participar dos próximos Circuitos. Afinal, a participação neste evento permite que o atleta adquira experiência, demonstre suas habilidades, conheça seus adversários brasileiros e incremente sua preparação para as competições internacionais.

Clínicas de Desporto Paralímpico e a Academia Paralímpica Brasileira

Com o objetivo de oferecer condições favoráveis para o crescimento dos projetos anteriormente citados, o CPB também investiu na realização das chamadas *Clínicas de Desporto Paralímpico*. Estes eventos ocorrem em diferentes estados brasileiros e são responsáveis por estimular a formação e capacitação dos profissionais interessados em trabalhar com o esporte adaptado (CPB, 2011e).

As Clínicas de Desporto Paralímpico originaram-se de uma parceria firmada em 2010, entre o CPB e professores universitários brasileiros, denominada *Academia Paralímpica Brasileira*. Simbolizando uma aliança entre o Esporte Paralímpico e a produção de conhecimento científico no Brasil, a Academia se sustenta em três importantes pilares: a relação com o meio acadêmico, a capacitação de profissionais para o Movimento Paralímpico e a publicação. A congregação entre o esporte e a publicação acadêmica já é uma realidade recente que precisa ser mais explorada, porém a capacitação profissional é uma inovação. Esta nova parceria busca aprimorar e atualizar o setor de recursos humanos do país, que inclui técnicos, árbitros, classificadores funcionais e professores de Educação Física (CPB, 2011e).

A realização das clínicas, de fato, são muito importantes para ampliar o número de profissionais competentes envolvidos com o paradesporto. Porém, este não pode ser o único caminho encontrado pelos profissionais interessados. Conforme Ribeiro e Araújo (2004), é necessário que os cursos superiores de Educação Física, e demais áreas da saúde, também tenham condições de preparar seus futuros professores para atuarem junto à pessoa com deficiência, seja através da atividade física, seja através do esporte, competitivo, recreativo ou educacional. Ao oferecer conteúdos que abordem essa temática e capacitem os educadores, os cursos superiores contribuem para a disseminação do esporte adaptado, para a melhoria da qualidade de vida das pessoas com deficiência e, conseqüentemente para a ampliação de uma importante área de atuação profissional.

Programa Bolsa Atleta

Uma iniciativa que contribuiu para o crescimento do Esporte Paralímpico nacional foi a implantação do programa *Bolsa Atleta*, instituída por meio da Lei nº 10.891 de 9 de julho de 2004 pelo Presidente Luís Inácio Lula da Silva (FLORENCE, 2009). Ela é responsável por “garantir uma manutenção pessoal mínima aos atletas (olímpicos e paralímpicos) de alto rendimento, buscando dar condições para que se dediquem ao treinamento esportivo e à participação em competições visando o desenvolvimento pleno de sua carreira esportiva” (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2012^a, p.3). Diferenciando o valor do financiamento de acordo com as diferentes categorias existentes (base, estudantil, nacional, internacional e olímpico/paralímpico), este programa do Ministério do Esporte investe na formação, manutenção e renovação

periódica de gerações de atletas com potencial para representar o país nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos. A bolsa, que pode ou não ser renovada, é direcionada ao atleta de acordo com os resultados demonstrados nos campeonatos (CASTRO, 2005).

Desde a sua implantação, este programa vem permitindo que atletas que não possuem condições mínimas para permanecerem no paradesporto, possam financiar suas práticas. Entretanto, esta iniciativa ainda não é suficiente para garantir que todos os sujeitos envolvidos no paradesporto possam nele permanecer por muito tempo. Da mesma forma como ocorre no esporte convencional, alguns atletas enfrentam dificuldades financeiras ao longo da carreira, fazendo-se necessário recorrer a outras formas de auxílio para se manter no esporte. Como exemplos, existem os auxílios alimentação e auxílios transporte, que podem ser oferecidos pelos clubes, associações ou demais empresas fomentadoras.

Programa Segundo Tempo para Pessoa com Deficiência

Além da Bolsa Atleta, um novo programa, também criado pelo Ministério do Esporte e recentemente inaugurado foi o *Programa Segundo Tempo para Pessoa com Deficiência*. Como uma nova modalidade do já existente Programa Segundo Tempo, essa ideia surgiu com o propósito de democratizar o acesso à prática e à cultura do Esporte de forma a “promover o desenvolvimento integral de crianças e jovens com algum tipo de deficiência e/ou necessidades educacionais especiais, prioritariamente em áreas de vulnerabilidade social” (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2012b). Essa nova modalidade foi implantada em 2010, como projeto piloto, na Universidade Federal de Pelotas (RS). Após um ano de experiência e a comprovação de excelentes resultados, o Governo Federal resolveu expandi-la para outras universidades federais do Brasil.

Essa nova modalidade proposta pelo Programa Segundo Tempo é interessante, pois busca recrutar indivíduos com deficiência em situações vulneráveis e possivelmente sedentários, para a prática paraesportiva. Porém, assim como nos demais projetos anteriormente citados, é preciso encontrar profissionais competentes para atuar tanto junto ao aluno quanto ao contexto familiar no qual ele vive. O desenvolvimento de um trabalho em conjunto com a comunidade é essencial para que o esporte adaptado possa se tornar parte do cotidiano dos sujeitos com e sem deficiência. Além disso, a educação e a disseminação do conhecimento acerca do respeito à diversidade devem

caminhar lado a lado com as práticas esportivas de modo que elas possam contribuir efetivamente na qualidade de vida do público em questão.

Considerações finais

Como foi possível perceber, desde o seu surgimento, o Esporte Paralímpico vem se transformando e perpassando contextos diferenciados em busca de maior abrangência e modernização. Adquirindo ao longo do tempo maior visibilidade e importância política, econômica e social, este fenômeno vem se consolidando e atraindo cada vez mais profissionais e praticantes. Dirigentes esportivos, educadores, professores, médicos, fisioterapeutas, familiares, indivíduos com deficiência, dentre outras inúmeras pessoas, lutam para que as organizações, associações e entidades paradesportivas sejam criadas, ampliadas e modernizadas de forma a disseminar as práticas paradesportivas no Brasil e no mundo. As iniciativas governamentais consolidadas ao longo dos anos também foram e vem sendo responsáveis pelo crescimento do Esporte Paralímpico brasileiro.

O CPB, órgão máximo de paradesporto nacional, com seu caráter inovador, desenvolveu nos últimos anos, ideias, projetos e programas que contribuíram para a disseminação do Esporte Paralímpico e para a estimulação de uma nova mentalidade: a da inclusão de crianças com deficiência nas práticas esportivas. Embora sejam iniciativas passíveis de melhorias e, em alguns casos, interessadas em detectar e formar futuros competidores brasileiros, elas ampliam as oportunidades de atuação da pessoa com deficiência.

Ao estimular o aumento das oportunidades às crianças em idade escolar, o Movimento Paralímpico Brasileiro facilita a construção de um campo no qual possa ser possível amadurecer discussões e experiências sobre temáticas que envolvem os direitos e as potencialidades das pessoas com deficiência desde as fases iniciais da vida. Além disso, permite também estimular o interesse pelo esporte adaptado e a futura renovação dos atletas paralímpicos brasileiros.

As ações estratégicas de promoção do Esporte Paralímpico fortalecem a importância do esporte enquanto fator de inclusão, integração e promoção da qualidade de vida. E também, reforçam o crescimento de uma prática esportiva pautada nos princípios do rendimento e da profissionalização de atletas, técnicos, clubes, dirigentes, patrocinadores e de todos os envolvidos no desporto adaptado. Esses princípios

favorecem a associação entre o Esporte Paralímpico e a atividade profissional desprendida de caráter comiserativo. Porém é preciso atentar para que esta atividade não se prenda na reprodução fiel do sistema capitalista segregacionista cujos objetivos são pautados na obtenção do lucro e a qualquer preço.

Abrangendo também o princípio básico da inclusão social, esses novos projetos oportunizam as pessoas com deficiência a descoberta, o desenvolvimento e o aprimoramento de suas potencialidades auxiliando-os a superar, diariamente, as barreiras historicamente construídas pela sociedade. Através da prática de atividade física, seja ela de iniciação ou de alto rendimento, a visão de piedade, incapacidade e inutilidade acerca da pessoa com deficiência, pode ir aos poucos, sendo transposta pelo olhar cunhado na potencialidade, independência e autonomia.

Referências Bibliográficas

ADAMS, R. C.; DANIEL, A. N.; CUBBIN, J. A. M. C.; RULLMAN, L. **Jogos, esportes e exercícios para o deficiente físico**. São Paulo: Manole, 1985.

ARAÚJO, P. F. **Desporto Adaptado no Brasil**: Origem, Institucionalização e Atualidade. 1997. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, 1997.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 16. ed. Atual. e ampl. São Paulo: Saraiva, 1997. (Coleção Saraiva de legislação).

BEDBROOK, G. M. The development and care of Spinal Cord Paralysis (1918-1986). **Paraplegia**, v.25, n.3, 1987.

CARMO, A. A. do. **Deficiência física**: a sociedade brasileira cria, recupera e discrimina. Brasília, Secretaria dos Desportos, 1991.

CASTRO, M. de. **Atividade Física Adaptada**. Ribeirão Preto, SP: Tecmedd, 2005.

CONDE, A. J. M.; SOBRINHO, P. A. S.; SENATORE, V. **Introdução ao movimento paraolímpico**: manual de orientação para professores de educação física. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

Comitê Paralímpico Brasileiro. **Conheça o CPB**: Movimento Paralímpico. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/movimento-paralimpico/>>. Acesso em: 25 out. 2011a.

_____. **Esportes**: paralimpíadas escolares. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/paralimpiadas-escolares/>>. Acesso em: 14 nov. 2011b.

_____. **Esportes:** circuito. Disponível em:
<<http://www.cpb.org.br/circuito/>>. Acesso em: 19 nov. 2011d.

_____. **Conheça o CPB:** Academia Paraolímpica Brasileira. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/academia-paralimpica-brasileira/>>. Acesso em: 18 nov. 2011e.

_____. **Esportes.** Modalidades. Disponível em:
<<http://www.cpb.org.br/modalidades/>>. Acesso em: 27 mar. 2012a.

_____. **Esportes.** Classificação Funcional. Disponível em:
<<http://www.cpb.org.br/classificacao-funcional/>>. Acesso em: 28 mar. 2012b.

_____. **Conheça o CPB:** Institucional. Disponível em:
<<http://www.cpb.org.br/institucional/>>. Acesso em: 28 mar. 2012c.

_____. **Conheça o CPB:** Institucional. Disponível em:
<<http://www.cpb.org.br/institucional/>>. Acesso em: 15 mar. 2012d.

_____. **Esportes.** Clube Escolar Paralímpico. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/clube-escolar/>>. Acesso em: 16 mar. 2012e.

GOLD, J. R.; GOLD, M. M. Access for all: the rise of the Paralympic Games. The **Journal of the Royal Society for the Promotion of Health**, v.127, p.133, 2007.

GORGATI, M. G.; GORGATI, T. O esporte para pessoas com deficiência. In: GORGATI, M. G.; COSTA, R. F. Atividade Física Adaptada. Qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais. 2. ed. Barueri-SP: Manole, 2008.

INTERNATIONAL WHEELCHAIR & AMPUTEE SPORT FEDERATION. About IWAS. 1952-2010. Disponível em: <<http://www.iwasf.com/iwasf/index.cfm/about-iwas/history/>>. Acesso em: 27 mar. 2012a.

_____. **About IWAS.** History. ISOD History. Disponível em:
<<http://www.iwasf.com/iwasf/index.cfm/about-iwas/history/isod-history/>>. Acesso em: 26 mar. 2012b.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMITEE. **The IPC** – Who we are – The history of the movement. Disponível em:
<<http://www.paralympic.org/TheIPC/HWA/HistoryoftheMovement>>. Acesso em: 10 mar. 2012a.

_____. **Paralympic Games** – Results, Rankings and Records. Disponível em: <<http://www.paralympic.org/Athletes/Results>>. Acesso em: 26 mar. 2012b.

_____. **Sports.** Disponível em:
<<http://www.paralympic.org/Sports/Winter>>. Acesso em: 27 mar. 2012c.

LIMA, S. R. Introdução ao Esporte Adaptado: História, Evolução e Atualidades. In: FERREIRA, E. L. **Atividade Física, Deficiência e Inclusão Escolar**. Niterói: Intertexto, 2010.

MATTOS, E. Esporte adaptado para portadores de deficiência física: implicações e aplicações. In: Simpósio Paulista de Educação Física Adaptada, 3. 1990. São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP/EEFUSP/CEPEUSP, 1990. p.84-88.

MATTOS, E. Pessoa portadora de deficiência física (motora) e as atividades físicas, esportivas, recreativas e de lazer. In: PEDRINELLI, V. J.; TEIXEIRA, L. **Educação Física e Desporto para pessoas portadoras de deficiência**. Brasília, DF: MEC/SEDES: Sesi-DN, 1994. p.78-79.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. Alto rendimento. **Bolsa atleta**. Sobre a bolsa atleta. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/snear/bolsaAtleta/sobre.jsp>>. Acesso em: 10 mar. 2012a

_____. **Esporte, educação, lazer e inclusão social**. Segundo tempo. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/snelis/segundotempo/default.jsp>>. Acesso em: 10 mar. 2012b.

RIBEIRO, S. M.; ARAÚJO, P. F. A formação acadêmica refletindo na expansão do desporto adaptado: uma abordagem brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.25, n.3, p.57-69, maio 2004.

SHERRIL, C. **Adapted Physical Activity, recreation and sport: crossdisciplinary and lifespan**. 5. ed. Dubuque: McGraw-Hill, 1998.

SILVA, M. A. **Desporto para deficientes: uma análise de sua evolução**. Porto: Pelouro de Fomento Desportivo da Câmara Municipal do Porto, 1992.

STROHKENDL, H. et al. **The 50th Anniversary of Wheelchair Basketball**. New York: Waxmann, 1996.

WINNICK, J. P. **Educação Física e esportes adaptados**. Tradução de Fernando Augusto Lopes. 3. ed. . Barueri, SP: Manole, 2004.

2.2 Esporte Paralímpico: o primeiro contato e as dificuldades vivenciadas ao longo da carreira esportiva

Resumo

O esporte adaptado é uma prática que desenvolve atividades esportivas para pessoas com diferentes tipos de deficiência através de adaptações ambientais, materiais e em algumas regras dos jogos. Devido aos inúmeros benefícios físicos, sociais e psicológicos gerados pelo paradesporto, parece necessário estimular a aderência e permanência no esporte assim como desenvolver estratégias que minimizem as possíveis dificuldades encontradas pelo atleta. Desse modo, esta pesquisa buscou conhecer as maneiras como os atletas paralímpicos selecionados iniciaram suas práticas esportivas e, na percepção desses indivíduos, quais foram as maiores dificuldades vivenciadas ao longo de suas carreiras. Para a coleta de dados, foi realizada entrevista semiestruturada com o objetivo de coletar informações referentes às experiências vividas pelos atletas e suas percepções acerca das mesmas. A análise dos dados foi baseada na técnica de análise categorial, através da qual foram elencadas categorias temáticas que representassem o objetivo proposto no estudo. Os resultados encontrados demonstraram que os programas de reabilitação, em alguns casos, possibilitaram o primeiro contato entre alguns dos atletas entrevistados e as práticas paradesportivas. Para outros entrevistados, técnicos, treinadores, familiares e amigos também exerceram grande influência na aderência e permanência no desporto adaptado. Dentre as maiores dificuldades vivenciadas pela amostra, algumas barreiras sociais fizeram-se marcantes como: o preconceito; a falta de acessibilidade urbana e esportiva; a ausência de profissionais qualificados para atuar junto ao esporte adaptado; a ausência de incentivo financeiro; e a baixa divulgação midiática do esporte paralímpico. Embora algumas dessas dificuldades não se façam mais presentes na vida dos atletas entrevistados, elas merecem atenção e reflexão, pois podem estar diretamente relacionadas à concepção construída acerca da pessoa com deficiência.

Introdução

Considerando as questões sociais, políticas, econômicas e culturais vividas em diferentes momentos históricos, as classificações, os sentidos e os significados atribuídos à pessoa com deficiência foram se modificando com o tempo. Nesta perspectiva de mudança, as pessoas com deficiência foram aos poucos ocupando diferentes espaços sociais.

Dentro de uma concepção de reabilitação, surgiram as primeiras propostas de inserção da pessoa com deficiência às práticas esportivas. Num cenário de pós-guerra e de graves consequências aos diversos soldados combatentes, iniciou-se um trabalho de promoção da qualidade de vida dessas pessoas através da utilização do esporte. De maneira global, tais práticas buscavam promover melhorias tanto nos aspectos fisiológicos quanto em questões psicológicas e sociais, tais como: melhoria da autoestima, independência para desenvolver determinadas tarefas cotidianas, possibilidade de estabelecer novas relações, conhecer outras pessoas, oportunidades de desenvolver potencialidades e estimular novas habilidades, dentre outros objetivos relacionados à qualidade de vida (WINNICK, 2004). Desde então, numa perspectiva que vem crescendo a cada dia, o esporte incrementa a visibilidade das pessoas com deficiência além de permitir a construção de um novo olhar cunhado na adoção de um estilo de vida ativo e saudável, por essas pessoas.

O esporte adaptado de alto rendimento praticado pelas pessoas com deficiência, segundo Gorgati e Costa (2008), caracteriza-se por permitir a existência de adaptações nas regras, nos materiais e no espaço de forma que indivíduos com diferentes tipos de comprometimentos (motor, cognitivo ou sensorial) tenham a oportunidade de vivenciar atividades esportivas de caráter competitivo.

As práticas esportivas possuem diferentes manifestações, embora elas não sejam excludentes: esporte performance, que busca o rendimento numa estrutura formal e institucionalizada; esporte participação, que busca o bem-estar e a saúde, de forma voluntária e não necessariamente desligada do princípio educativo; esporte educação, baseado em princípios socioeducativos com finalidade clara de formação e preparação dos praticantes para a cidadania e lazer. Enquanto as perspectivas do esporte participação e do esporte educação, estão preocupadas, respectivamente, com aspectos sociais e educativos, o esporte *performance* tratado neste estudo, procura dentro do espetáculo esportivo, mesclar sonho, política e paradigmatismo. Dessa forma, as competições nacionais e internacionais e seus respectivos quadros de medalhas, atuam

como palcos de disputas sociais, políticas e econômicas entre as nações (TUBINO, 1993).

As pessoas com deficiência iniciam-se no esporte adaptado por razões e formas diferenciadas. Seja por vontade própria, por recomendação médica ou por influências de terceiros, a aderência às práticas esportivas promove ganhos físicos, psicológicos e sociais significativos para a qualidade de vida dos indivíduos (LABROCINI *et al.*, 2000; GORLA *et al.*, 2007; GORGATTI *et al.*, 2008). Entretanto, nem todas as pessoas em condição de deficiência possuem o conhecimento sobre as possibilidades de atuar junto ao esporte competitivo. Por esse motivo, torna-se importante conhecer e divulgar quais são as formas mais comuns de aderência ao esporte adaptado de forma a refletir sobre novas maneiras de atrair outras pessoas para o paradesporto.

Após estar inserida no contexto esportivo, a pessoa com deficiência que está na fase inicial do treinamento tem um caminho a percorrer rumo ao crescimento da sua carreira esportiva. Apesar de toda a evolução vivenciada pelo esporte paralímpico nacional no que tange a legislação esportiva, bem como as condições de treinamentos, viagens e competições, este caminho muitas vezes é perpassado por situações que podem comprometê-lo. Dificuldades relacionadas a questões financeiras, como ausência de patrocínio, ou ligadas a questões sociais, tais como, acessibilidade, preconceito e falta de profissionais qualificados, dentre outras, podem dificultar a trajetória esportiva do atleta, bem como reduzir o número de atletas que permanecessem no esporte adaptado (ROSADAS, 2000; TEODORO, 2006).

Embora estejamos adentrando em um novo cenário do paradesporto nacional, através do qual é visível maior nível de racionalização e profissionalização tanto de suas práticas quanto de seus adeptos, ainda é possível perceber aspectos que podem se transformar em barreiras para os atletas paralímpicos. Dentro deste contexto, identificar e conhecer questões que envolvem o processo de aderência da pessoa com deficiência ao esporte, bem como as dificuldades que surgem durante sua trajetória são estratégias, no mínimo necessárias, para a valorização do atleta e do paradesporto. O conhecimento dessas questões permite detectar problemas existentes e, sobretudo, visualizar as ações necessárias para o amadurecimento, valorização e consolidação do esporte paralímpico brasileiro.

Objetivo Geral

Conhecer aspectos que permearam a trajetória esportiva de atletas paralímpicos brasileiros.

Objetivos Específicos

- Compreender a forma como se deu a inserção e permanência dos atletas de alto rendimento no Desporto Paralímpico; e
- Descrever as dificuldades vivenciadas pelos atletas selecionados, ao longo de suas trajetórias esportivas.

Metodologia

Caracterização do estudo

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, oriunda das Ciências Sociais, que pretende analisar o fenômeno Esporte Paralímpico, bem como os aspectos específicos da sua relação com o atleta com deficiência. Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória, uma vez que pretende descrever, analisar e interpretar questões emergentes desta relação (GIL, 2010).

Os sujeitos

Contribuíram para a realização deste estudo dez atletas paralímpicos brasileiros, atualmente ativos, filiados ao CPB e com participação em, pelo menos, uma Paralimpíada. Dentre eles, quatro são mulheres, praticantes da modalidade atletismo, sendo que, duas possuem deficiência visual e duas possuem deficiência física. Os outros seis atletas são homens, dos quais apenas um possui deficiência visual e os demais, deficiência física. Apenas um deles é praticante de atletismo enquanto os outros cinco são atletas da natação. Sete possuem deficiência congênita enquanto três a adquiriram após o nascimento. A faixa etária varia de 22 a 47 anos de idade. Apenas um atleta não é contemplado com a bolsa-atleta paralímpica, porém todos recebem apoio de outros patrocinadores.

Com o objetivo de garantir a privacidade e o anonimato dos atletas investigados, utilizaremos números para identificar os mesmos.

Coleta dos dados

Para a coleta dos dados foi utilizada a entrevista semiestruturada. Esta técnica, comumente utilizada na pesquisa qualitativa, é caracterizada pela existência da flexibilidade, quando necessária, e formada por questões que delineiam os objetivos propostos pelo estudo. O uso desta técnica permite ao pesquisador esclarecer dúvidas no momento da fala e observar as informações não verbais emitidas pelo seu entrevistado (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Utilizamos o gravador de voz *Stereo MP3 Recording Panasonic RR-US551* sob o consentimento dos entrevistados, para captar o máximo de detalhes dos depoimentos.

Análise dos dados

A análise dos dados foi realizada baseando-se na técnica de análise categorial. As entrevistas foram transcritas na íntegra e submetidas à leitura, a fim de que fosse possível extrair delas, temas e pontos relevantes da trajetória esportiva dos atletas. Após concluir a transcrição e leitura das entrevistas, passou-se à identificação, descrição e análise dos dados coletados. Esta fase da pesquisa ocorreu em três etapas: identificação de elementos essenciais presentes nas falas de cada atleta (unidades de análise); categorização desses elementos de acordo com os objetivos da pesquisa (categorias temáticas); e análise e discussão das categorias de acordo com referencial teórico (BARDIN, 2010).

Os dados são apresentados e discutidos através de recortes dos depoimentos, retirados das entrevistas, conforme as categorias e subcategorias eleitas.

Cuidados éticos

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa, parecer Of. Ref. Número 067/2011/Comitê de Ética (Apêndice A).

Os atletas participaram de forma voluntária, sendo previamente informados sobre o estudo, seus objetivos e procedimentos adotados. Todos eles assinaram os termos de consentimento livre e esclarecido e o termo de autorização de uso de imagem e voz (Anexo A e Apêndice B, respectivamente).

A Academia Paralímpica Brasileira, responsável pela coordenação de estudos científicos com os atletas paralímpicos, foi devidamente informada sobre este estudo, dando parecer favorável para a realização do mesmo (Apêndice C).

Análise e discussão dos dados

A presente pesquisa considerou a participação dos atletas nas entrevistas como um dos principais elementos para sua construção teórica e científica. Os depoimentos constituíram a fonte primária e essencial na elaboração da mesma e através deles foram elencadas categorias e subcategorias que permitiram a análise dos dados de acordo com os objetivos designados.

A primeira categoria é a Aderência esportiva, que diz respeito à forma como ocorreu o primeiro contato dos sujeitos com as práticas esportivas adaptadas. A partir das respostas, surgiram subcategorias relacionadas à reabilitação, convite de treinadores e influência de familiares.

A segunda categoria, Dificuldades vivenciadas, diz respeito às barreiras encontradas pelos atletas ao longo da trajetória esportiva. Segundo os depoimentos, as dificuldades permearam aspectos sociais, estruturais e financeiros. As subcategorias encontradas foram: preconceito, ausência de incentivos financeiros, mídia, despreparo de profissionais e acessibilidade.

1ª Categoria: Aderência Esportiva

A adoção de um estilo de vida ativo e saudável proporciona melhorias à saúde humana, pois promove o crescimento e o desenvolvimento físico, motor, emocional e social dos indivíduos (FLORENCE, 2009). A aderência às práticas esportivas proporciona experiências motoras amplas e diversificadas cuja intenção seja ampliar a qualidade de vida. No que se refere à pessoa com deficiência, Araújo (2007) diz que a iniciação esportiva possui uma conotação diferenciada, pois pode representar um (re)começo de sua vida. Devido às diferenças pessoais, a busca pela atividade esportiva possui formas diversificadas, podendo ser influenciada por profissionais da saúde, dirigentes esportivos, familiares e amigos próximos aos sujeitos com deficiência. Neste

trabalho, as subcategorias elencadas para representar as experiências vividas pelos atletas foram: reabilitação, convite de técnicos e treinadores e influência familiar.

A reabilitação

Uma das razões que levaram os atletas a procurarem pelo esporte foi a reabilitação. Considerada como uma das finalidades propostas por Guttmann, em 1945, a reabilitação continua sendo um dos caminhos pelo qual as pessoas com deficiência aderem às práticas físicas e esportivas. Visto os inúmeros benefícios fisiológicos, sociais e psicológicos provocados pela prática de atividade física de pacientes em fase de recuperação de traumas e lesões, a sua utilização com finalidade terapêutica é frequentemente recomendada pelos médicos e profissionais da saúde (BRAZUNA, CASTRO, 2001). A fisioterapia, componente da reabilitação física, é considerada, em alguns casos, a ponte que liga o paciente ao primeiro contato com o esporte.

Aos 16 anos de idade fiz a minha última e quarta cirurgia e meu médico recomendou a natação como fisioterapia, como reabilitação. Eu tive a sorte de procurar esse tratamento fisioterapêutico no clube de natação... (Atleta 9).
Eu comecei por reabilitação. A princípio foi por reabilitação, na cidade de Natal, Rio Grande do Norte (Atleta 4).

Ao entrevistar cinco atletas paralímpicos com deficiência física ou visual, Teodoro (2006) verificou que quase todos ingressaram no esporte através dos programas de reabilitação. Segundo Araújo (1997) e Castro (2005), a aderência ao esporte após a conclusão da fase de recuperação é um fato comum aos atletas com deficiência.

Num estudo realizado por Samsoniene *et al.* (2010), através do qual 159 atletas com deficiência da Lituânia responderam a um questionário sobre o envolvimento com o esporte adaptado, a maioria afirmou que o programa de reabilitação no hospital e nos clubes especializados para pessoas com deficiência foram os contextos mais importantes para a aderência ao esporte, após a lesão. Em suas falas, os atletas salientaram que as atividades esportivas auxiliaram a perceber o potencial que tinham com relação ao esporte. Florence (2009), após entrevistar atletas paralímpicos, também encontrou indícios de que a reabilitação é uma forma eficaz de fazer com que os sujeitos percebam suas próprias habilidades para determinadas modalidades esportivas.

De acordo com o estudo de Van der Ploeg *et al.* (2006), a reabilitação proporciona uma excelente oportunidade para começar a promover um estilo de vida fisicamente ativo por dois motivos. Em primeiro lugar, para muitas pessoas, a reabilitação representa o começo de uma vida com uma deficiência sendo, portanto, uma estratégia eficaz para integrar a atividade física na rotina diária do indivíduo. Em segundo lugar, os esportes e as atividades físicas são muitas vezes componentes dos programas de reabilitação. Dessa forma, é mais fácil integrar as atividades físicas e esportivas na vida das pessoas que participam de programas de reabilitação do que naquelas que levam uma vida sedentária.

Corroborando as ideias de Poeg *et al.* (2006), Vlák *et al.* (2009) complementam que as pessoas com deficiência geralmente começam a praticar esportes após a conclusão da reabilitação médica, porque, além de terem utilizado de práticas esportivas durante a recuperação e terem adaptado suas atividades motoras às exigências da medicina e do esporte, eles acabam percebendo os benefícios alcançados pela prática prazerosa do exercício. Os autores ainda acrescentam que o esporte para as pessoas com deficiência podem ser desenvolvidos em várias direções: continuação da reabilitação com o objetivo de alcançar função física máxima juntamente com a melhoria de condições mentais e com o objetivo de promover a socialização; esporte recreativo; esporte competitivo, que inclui diferentes modalidades. Esta última abordagem foi a escolhida pelos atletas entrevistados e a responsável por conduzi-los ao esporte paralímpico.

O esporte é uma alternativa que, além de melhorar capacidades físicas, reduzir o estresse e melhorar a socialização permite também que a pessoa com deficiência explore suas habilidades e capacidades. Dessa forma, após a reabilitação, a aderência ao esporte pode estar relacionada ao desejo de vencer as limitações e mostrar pra si mesmo, as verdadeiras potencialidades (FLORENCE, 2009).

O convite de técnicos e treinadores esportivos

A iniciação esportiva pode ocorrer, em algumas situações, por meio de convite de técnicos e treinadores. Durante o processo de reabilitação, alguns dos atletas entrevistados receberam tais convites e começaram a participar de treinamentos mais rigorosos e direcionados para o desenvolvimento de modalidades esportivas específicas.

(...) Tempos depois, saindo da piscina, o José Roseiro Vilar, o Zeca, que há muito tempo, foi técnico da seleção paraolímpica de natação chegou perto de mim e falou: “Olha, te vi nadando e gostaria de te fazer um convite. Essa equipe é uma equipe que treina e compete regionalmente, nacionalmente e internacionalmente, e eu gostaria que você pudesse fazer parte dessa equipe (Atleta 9).

“Certo dia, saindo da fisioterapia, o técnico da seleção estava dando treino, porque a escola de natação ficava dentro da clínica de fisioterapia. E ele me viu né, o Zeca, técnico da seleção, aí perguntou se eu tinha vontade de nadar, e eu falei que tinha. Então ele mandou que eu viesse na semana seguinte (Atleta 4).

Em situações semelhantes, outros atletas entrevistados, embora não estivessem em fase de reabilitação, também começaram a praticar o esporte adaptado por meio do convite de técnicos de equipes paralímpicas.

Eu comecei o atletismo paraolímpico em 2007 com o convite da minha treinadora (Atleta 8).

E, quando eu conheci o esporte adaptado, me chamaram pra jogar basquete (Atleta 3).

(...) eu comecei a estudar no Instituto São Rafael, e através do Instituto São Rafael, o diretor da Associação, na época foi procurar atletas no Instituto, pessoas que tinham interesse em praticar atletismo. E eu fui uma das escolhidas, porque nas aulas de Educação Física eu sempre destacava na corrida (Atleta 10).

Após observarem o desempenho obtido durante a fase de recuperação, técnicos e treinadores convidam alguns atletas para participarem de um treinamento mais sistemático e rigoroso, dentro de equipes, clubes e associações ligadas ao esporte adaptado competitivo. Dentro da perspectiva do rendimento e da *performance*, os atletas iniciaram suas participações em competições a nível local, regional, nacional e, posteriormente, internacional.

Rosadas (2000) relata que esses convites realizados por “olheiros”, técnicos ou militantes do esporte adaptado representam uma forma de “descobrir” novos talentos e, consequentemente, motivar o indivíduo a aderir ao paradesporto.

O convite recebido por alguns atletas contribui para que algumas pessoas com deficiência conheçam e pratiquem o esporte paralímpico, pois conforme relatado nos depoimentos, ainda é grande o desconhecimento sobre o esporte adaptado. Alguns dirigentes do paradesporto nacional, através de conversas informais realizadas no II Congresso Paralímpico Brasileiro e I Congresso Paradesportivo Internacional (ocorridos de 27 a 29 de outubro de 2011, em Uberlândia/MG), confirmaram esta informação e

acrescentaram que ainda são poucas as pessoas que efetivamente procuram por clubes, associações, ou qualquer entidade destinada à promoção do esporte adaptado.

Eu não sabia que existia o desporto paraolímpico... (Atleta 2).

Bom, eu sempre gostei de esportes, sempre fui uma criança muito ativa, né, mas não conhecia o esporte paraolímpico, o esporte adaptado (Atleta 1).

(...) Para mim ele (o esporte adaptado) ainda é muito desconhecido no nosso país (Atleta 7).

Apesar desses depoimentos se referirem ao passado desses atuais atletas paralímpicos entrevistados, o desconhecimento por parte das pessoas, de uma forma geral, a respeito do esporte adaptado ainda é uma realidade brasileira. Algumas pessoas ainda não o conhecem, nunca assistiram à uma competição e outras sequer imaginam as possibilidades de atuação deste público junto ao esporte competitivo (GORGATI; GORGATI, 2008).

Em estudos como os de Teodoro (2006) e Florence (2009) se observou que os atletas também ingressaram no esporte competitivo por meio de convites de pessoas envolvidas no esporte paralímpico. Segundo esses atletas, se não tivessem recebido o convite dos treinadores, talvez não teriam se engajado no Movimento Paralímpico, pois também não conheciam o esporte adaptado.

O desconhecimento sobre o esporte paralímpico não é uma realidade exclusivamente brasileira, pois, no estudo realizado por Samsoniene *et al.* (2010), atletas lituânios com e sem deficiência também consideraram baixa a divulgação sobre o esporte adaptado na Lituânia. Segundo esses atletas, os meios de comunicação não divulgam adequadamente informações referentes ao esporte paralímpico nacional.

Esses pontos sugerem que os meios de comunicação exercem alguma influência na disseminação do esporte paralímpico, uma vez que, transmitindo informações diversificadas sobre este fenômeno, eles podem facilitar o acesso ao conhecimento e, conseqüentemente, às práticas paradesportivas. Da mesma forma, professores de Educação Física e profissionais envolvidos com questões esportivas são responsáveis por informar seus alunos sobre todas as modalidades esportivas existentes, as quais podem ser praticadas também pelas pessoas com deficiência.

A questão referente à divulgação midiática do esporte paralímpico será melhor analisada posteriormente.

Influência familiar

Alguns atletas entrevistados relataram ter iniciado suas práticas esportivas por indicação de familiares e amigos.

(...) eu recebi o convite assim... o meu irmão insistiu muito pra que eu fosse conhecer a associação (Atleta 2).

Bom, eu comecei a praticar natação com 8 anos de idade, por incentivo do meu pai que é pediatra (Atleta 5).

O apoio familiar no momento da iniciação esportiva demonstra ser importante, tanto no aspecto financeiro, relacionado à compra de materiais e transporte quanto no aspecto emocional. Anjos (2005), ao investigar sobre fatores estressantes de atletas com deficiência física, percebeu que o incentivo dos familiares a jogadores amputados de futebol facilitou o aumento de autoestima e, conseqüentemente, a confiança. Samulski (2009) verificou que o ganho de confiança auxilia na diminuição do *stress* favorecendo o bom desempenho atlético e a permanência do indivíduo na atividade esportiva. Portanto, o apoio familiar pode atuar como fonte de estímulo para o esporte.

Teodoro (2006) também encontrou relatos de atletas que evidenciavam a importância das famílias tanto no conhecimento sobre o esporte adaptado quanto na aderência e permanência no mesmo. Neste trabalho, o apoio financeiro advindo dos pais demonstrou-se fundamental para que os atletas alcançassem boas condições de treinamento. Além do apoio financeiro, o estudo realizado por Florence (2009) destacou o suporte emocional dos pais como ferramenta de auxílio aos atletas, tanto no início da carreira quanto após anos de prática (durante as parolimpíadas, por exemplo). Esse último trabalho investigou a trajetória esportiva de atletas paralímpicos participantes das Paralimpíadas de Atenas.

Segundo Rosadas (2000), os pais assumem um papel encaminhador na vida de seus filhos com deficiência, tornando-se muitas vezes fonte de estímulo para que esses possam alcançar e desenvolver práticas de atividades físicas e desportivas.

Todos esses achados corroboram as respostas encontradas neste estudo e salientam o que Palla (2001) diz sobre o apoio familiar. Segundo ele, a iniciação e a permanência no esporte dependem, em grande parte, do incentivo realizado pelos pais e amigos mais próximos ao atleta.

2ª Categoria – Dificuldades vivenciadas

Após a inserção no esporte de alto rendimento, os atletas passaram a lidar com um novo estilo de vida, marcado por rotinas rigorosas de treinamentos e competições. Por se tratar de um novo contexto, algumas questões podem ser consideradas como dificuldades relacionadas à carreira profissional do atleta. Outras, embora não estejam diretamente ligadas ao esporte, também podem interferir em aspectos da sua vida pessoal e social.

Dessa forma, procuramos conhecer, através das experiências e percepções dos atletas, quais foram suas maiores dificuldades vivenciadas ao longo de suas trajetórias esportivas. A primeira subcategoria analisada se refere à existência de uma dificuldade muito comum nos ambientes sociais pelos quais circulam os atletas: o preconceito. A segunda diz respeito a um aspecto presente dentro do contexto esportivo de alto rendimento: a ausência de incentivo financeiro. A terceira subcategoria diz respeito à divulgação midiática vivenciada pelo paradesporto nacional. As duas últimas categorias estão relacionadas a problemas que tangem o atleta com deficiência e despreparo, tanto de profissionais quanto de espaços urbanos, para atendê-los.

Algumas dessas subcategorias elencadas podem também ilustrar experiências vividas por outras pessoas com deficiência, sejam elas atletas ou não.

Preconceito

Uma das dificuldades vividas por todos os atletas entrevistados diz respeito ao preconceito contra a deficiência, seja ela visivelmente marcada no corpo ou não. Fruto do desconhecimento das pessoas e dos diversos aspectos que envolvem o contexto social, político, econômico e cultural, o preconceito resulta em atitudes excludentes e discriminantes, tais como a restrição ao acesso à escola, ao mundo do trabalho, aos diversos espaços públicos, dentre outras situações.

Em relação ao preconceito e discriminação, eu sofri também. Mas, a discriminação e o preconceito vêm muito da falta de orientação (...) na minha vida de adolescente eu sofria esse preconceito, mas não sofri só esse preconceito com pessoas anônimas, sofri preconceitos também, em programas de televisão (Atleta 9).

O preconceito, na perspectiva de Castro (2005, p.53) “(...) é um julgamento pré-formado que leva ao ato de segregar (discriminar), imprimir uma cicatriz (estigmatizar), torná-la imutável (estereótipo) e, por fim, invisível”. A construção antecipada de um julgamento, conceito ou opinião, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos refletem-se em atitudes discriminatórias que, sejam elas verbais, físicas ou corporais, alteram a forma como as pessoas se percebem e comunicam entre si. Utilizadas para esconder uma limitação pessoal, exercer poder e praticar a opressão sobre o outro, essas atitudes prejudicam as relações sociais e comprometem as possibilidades de atuação social dos sujeitos que estão sendo julgados negativamente, como é o caso das pessoas com deficiência (MAUERBERG-DE-CASTRO, 2005).

Atletas investigados por Teodoro (2006) também relataram que as situações de preconceito sofridas em decorrência de discriminação também foram barreiras enfrentadas ao longo de suas trajetórias esportivas.

Amaral (1995) sugere que, além de estarem relacionadas ao desconhecimento sobre a deficiência, as atitudes preconceituosas podem estar intimamente ligadas também à aversão ao diferente e aos estereótipos criados para tal. O uso de denominações como “aleijado”, “manco”, “retardado”, “pessoa portadora de necessidades especiais” e “pessoa especial”, entre tantas outras expressões ainda vigentes em nosso léxico ativo; além de alimentar um conhecimento equivocado sobre a deficiência e desse modo limitar as ações dessas pessoas, geram situações que humilham e inferiorizam.

Eu passava por preconceitos antes, quando eu tinha 15, 16, 17 anos sempre tinha um: Olha o pequeno ali! Não sei o quê, anãozinho e tal... (Atleta 8).

Eu tive sim na escola, fui chamado de saci, de aleijado. (...) E aí, eu chegava chorando em casa, enfim, foi um momento muito difícil pra mim (Atleta 1).

O autor supracitado aponta que, em outros casos, é possível perceber também o caráter comiserativo de pena e piedade ao se referir a essas pessoas. Este fato pode ser extraído da utilização de expressões como “coitadinho”, “pobrezinho”, “sofredor”, dentre outras.

As pessoas com deficiência, segundo Goffman (1982), possuem em seus corpos sinais e marcas que estigmatizam e antecipam papéis a serem exercidos socialmente. Esses sinais são delineados a partir da comparação com os corpos que não o possuem,

ou seja, são rótulos ou categorias assinaladas por outros, que indicam um desvio indesejável da norma. Assim, ao contrastar o corpo com deficiência àquele que não possui nenhuma deficiência, acaba-se criando uma concepção de deficiência enquanto uma anormalidade ou desvio da norma da espécie humana. Essa concepção histórica foi uma criação discursiva originada no século XVIII. Entretanto, segundo Diniz (2007), não é possível nem correto descrever um corpo com deficiência como anormal, pois “a anormalidade é um julgamento estético e, portanto um valor moral sobre os estilos de vida” (p.8).

Os julgamentos geralmente feitos às pessoas com deficiência tendem a levar em consideração a ideia transmitida pela imagem do corpo mutilado, pela ausência da visão ou pela existência de próteses, ou seja, pelo aparente nível de funcionalidade ou habilidade decorrentes da lesão. Essa concepção acaba fazendo com que as pessoas com deficiência sejam julgadas como incapazes ou ineficientes para a realização das atividades comuns a todas as pessoas da sociedade (MACIEL, 2000).

Eu me lembro muito bem quando eu comprei meu primeiro carro, eu fui numa loja e, não me deram atenção nenhuma. Simplesmente porque eu estava numa cadeira de rodas, achando que eu não tinha condições de comprar um carro. Acho que isso é uma forma de preconceito, né. Se de repente eu não estivesse numa cadeira de rodas e tivesse...o pessoal teria me aceitado bem (Atleta 4).

Várias vezes. (risos). Várias vezes. Às vezes eu chego a algum lugar, que as pessoas não sabem que eu sou uma atleta, que eu chego comum, né, uma mulher comum, com uma bengala na mão, então tem sim... tem sim...”essa ceguinha...”, “ah, ela não está vendo mesmo...”. é... me trata indiferente, sabe? Às vezes: “Ah, a gente não dá esmola!”. Então tem muito isso ainda (Atleta 6).

O desrespeito aos direitos das pessoas com deficiência e a inexistência de espaços adequados e acessíveis a esse público também acarretam situações e atitudes preconceituosas que, além de constranger, dificulta a liberdade de ir e vir dessas pessoas.

(...) eu acho que, o maior preconceito ainda que, as pessoas com deficiência sofrem, e eu também estou incluído nisso, é a falta de acessibilidade no Brasil, que nós não temos. Então o preconceito é quando você quer ir ao teatro, você quer ir ao cinema, você quer ir ao shopping e, ao invés de ter a rampa de acesso, tem um monte de escadaria com degraus. Né, então isso me deixa triste. Quando você chega pra estacionar o seu carro, na vaga exclusiva pra pessoas com deficiência e tem uma pessoa que não tem nenhum tipo de deficiência

e coloca o seu carrão lá e, não tem nenhuma consciência, nenhuma cultura de respeito com o próximo. Então eu acho que esse é o maior preconceito... (Atleta 9).

Essa fala revela as inúmeras restrições provocadas pela falta de acessibilidade, aspecto discutido mais adiante. Porém, é preciso esclarecer um ponto levantado pelo atleta. Essa ausência de estrutura física, espacial e de materiais adaptados necessários para o livre acesso das pessoas com deficiência, nos diversos locais sociais é um desrespeito ao direito do cidadão. A transgressão desses direitos, associada ao desconhecimento das pessoas geram julgamentos equivocados de que as pessoas, por terem uma deficiência, não são capazes de frequentar tais espaços, quando na verdade é a sociedade que não lhe proporciona condições para tal.

Já sofri preconceito, assim, logo de deficiente eu logo fui pro esporte. Então eu sofri logo de cara um preconceito. Foi em locais públicos, bancos, né... eles te discriminam..."não vai entrar." Você quer entrar, você não pode porque você usa uma cadeira de rodas, porque você é deficiente (Atleta 3).

Rosadas (2000), ao questionar atletas paralímpicos sobre os maiores desafios encontrados ao longo da carreira esportiva, constatou que as ideias erroneamente construídas a respeito de suas habilidades e competências são grandes obstáculos para o atleta. A concepção equivocada da pessoa com deficiência como aquela que depende de outras para realizar suas atividades cotidianas pode se tornar o motivo de situações desagradáveis e constrangedoras, conforme relatado pelo atleta 5, neste estudo.

Ah, sim. Já, já. Mas... é que no meu caso muitas vezes eu sofro o preconceito inverso, né. Às vezes, se eu vou, por exemplo, pegar uma fila, ou uma coisa sim eu... é... dependendo da situação eu nem entro em fila pra deficiente porque a minha deficiência não é tão perceptível, né. Então, muitas vezes acham assim: 'Pow, um cara desse tamanho precisa ficar na fila preferencial'? (...) Já fui tratado como oportunista porque eu estava junto com pessoas que eram deficientes (Atleta 5).

A imagem da pessoa com deficiência visual, geralmente associada ao uso de bengalas, cão-guias ou algum auxiliar, pode acabar gerando estranhamento ao ser confrontada pela independência e autonomia de certos indivíduos. Neste caso, novamente o desconhecimento sobre as pessoas com deficiência e o julgamento

antecipado de suas capacidades pode gerar comentários e atitudes preconceituosos por parte de outras pessoas da sociedade.

O modelo de deficiência concebido atualmente está intimamente relacionado às concepções médicas. O modelo médico, ainda hegemônico para as políticas de bem-estar voltadas para os deficientes, sugere que a experiência da segregação, desemprego e baixa escolaridade, entre tantas outras variações de opressão, são decorrentes da inabilidade do corpo lesado para o trabalho (DINIZ, 2007). Entretanto, parece ser necessário refletir sobre o que, de fato, prejudica as pessoas com deficiência a exercerem suas funções sociais como qualquer outro cidadão. A ausência de um membro e a locomoção sobre rodas são os responsáveis por tornar o indivíduo inapto ao trabalho? A falta da visão condiciona uma criança a não ter a educação prevista na lei? Ou será que a inexistência de uma sociedade sensível à diversidade é o motivo mais coerente para a discriminação?

Diniz (2007), em seu livro “O que é deficiência”, expõe uma discussão que se iniciou na década de 1970 e ainda hoje, se encontra inacabada. Com o objetivo de reunir um grupo de pessoas responsável por criar propostas políticas que relevassem os direitos das pessoas com deficiência, foi fundada no Reino Unido a Liga dos Lesados Físicos Contra a Segregação (Upias). Essa primeira organização política formada e gerenciada por pessoas com deficiência incitou reflexões e debates que retratam de forma pontual o equívoco existente na concepção dessas pessoas.

Através de uma abordagem sociológica e não puramente médica, essa organização política defende a ideia de que a deficiência é uma questão eminentemente social e não uma consequência da lesão em um corpo ou um problema individual, como explica o modelo médico de deficiência. Ou seja, é o resultado da interação de um corpo com lesão em uma sociedade discriminatória, não preparada para as demandas das pessoas que possuem restrições sociais (como por exemplo, os cadeirantes que necessitam de rampas para se locomoverem; os cegos que precisam da escrita em braille para circularem livremente na sociedade ou os surdos, que precisam da linguagem dos sinais para se comunicarem em determinadas situações). O conceito de deficiência, segundo os idealizadores da Upias, é apresentado por Diniz (2007):

Uma desvantagem ou restrição de atividade provocada pela organização social contemporânea, que pouco ou nada considera aqueles que possuem lesões e os exclui das principais atividades da vida social (DINIZ, 2007, p.37).

Desse modo, o modelo social da deficiência proposto pela Upias, reconhece a lesão como um “problema na função corporal ou na estrutura, com desvios ou perdas significativas” e a pessoa que possui a lesão como “pessoa deficiente” ou “deficiente”, de forma a demonstrar que a deficiência é apenas parte constitutiva da identidade das pessoas².

Discussões como essas propostas pela Upias nos fazem refletir sobre as situações de preconceito, discriminação e opressão pelas quais passam as pessoas deficiência. A baixa funcionalidade e a inabilidade para determinadas tarefas podem ser consequências de lesões. Porém, o indivíduo atua no espaço de acordo com as condições que lhe são concedidas. Dessa forma, a existência de contextos sociais pouco sensíveis à compreensão da diversidade humana dificultam a circulação e atuação plena de todos os cidadãos. Ou seja, o que a pessoa é capaz de fazer não depende unicamente das suas características físicas, sensoriais e intelectuais, mas também e, principalmente, das condições sociais disponíveis para cada tarefa. Um cadeirante que não trabalha em determinado lugar devido à sua dificuldade de locomoção nos espaços urbanos, por exemplo, não é incapaz pelo fato de não possuir duas pernas e se locomover em cadeira de rodas. E sim porque a ele não são dadas as condições mínimas necessárias para se deslocar de sua casa até seu ambiente de trabalho (como ônibus, calçadas e ruas adaptados).

É preciso repensar os sentidos atribuídos às expressões que utilizamos para designar essas pessoas e, mais ainda, refletirmos se o que realmente leva à atitude preconceituosa é o que está visível no corpo ou o que está ausente na sociedade.

A partir dessas reflexões, torna-se importante analisar a necessidade e urgência de ações políticas que realmente concretizem os direitos das pessoas com deficiência.

Ausência de incentivos

² Vale lembrar que, como este trabalho opta por utilizar a terminologia “pessoa com deficiência” proposta por Fávero (2007), estamos refletindo somente a concepção da deficiência. A diferença terminológica encontrada entre os idealizadores da Upias e a deste trabalho, não é uma discussão proposta neste momento.

A falta de incentivo financeiro vivenciada no início da carreira foi a principal dificuldade, relacionada à trajetória esportiva, segundo os depoimentos dos atores desta pesquisa.

Embora atualmente, todos os atletas entrevistados possuam financiamento do Governo Federal sob a forma de bolsa-atleta e, em alguns casos, também de outros patrocinadores, todos eles alegaram que, na fase inicial da carreira a ausência de apoio financeiro foi um fator complicador.

A maior dificuldade foi no início da carreira, a falta de patrocínio (Atleta 1).

Ah, dificuldade logo no início, patrocinador, né (Atleta 2).

Sempre é a falta de incentivo, de patrocínio (Atleta 4).

Tive algumas dificuldades assim, com relação a conseguir apoio, patrocínio. Esse tipo de coisa que, se você quer se dedicar somente ao esporte, é necessário, né (Atleta 5).

A dificuldade em encontrar incentivo financeiro no início da carreira é uma realidade comum a outros atletas, conforme foi possível perceber no estudo realizado por Teodoro (2006). Esta autora constatou que alguns atletas que estão no início da carreira e, portanto, ainda não conquistaram uma posição de destaque nacional, enfrentam dificuldades para encontrar patrocinadores e, conseqüentemente, condições para se manterem no esporte de alto nível. Esses dados corroboram os depoimentos encontrados na pesquisa realizada por Florence (2009), pois os atletas paralímpicos investigados afirmaram que começaram a receber investimentos financeiros somente após conquistarem medalhas e que esses resultados eram necessários para a manutenção do patrocínio.

No esporte competitivo, seja ele convencional ou adaptado, o incentivo financeiro pode ser fundamental para o desenvolvimento do atleta, pois em alguns casos facilita a sua dedicação exclusiva aos treinamentos e campeonatos. Dependendo do valor do investimento, o atleta pode obter melhores condições de treinamento e de preparação para os campeonatos. Esse tipo de investimento, associado ao âmbito esportivo recebe a denominação de patrocínio o qual pode ser entendido, conforme Cardia (2004) como

(...) uma relação de troca entre patrocinador e patrocinado, em que o primeiro investe de forma tangível (bens, serviços ou dinheiro) na organização ou celebração de um evento ou indivíduo, e recebe em troca espaços e facilidades para difundir mensagens a um público mais

ou menos determinado com a intenção de fazer promoção, criar *goodwill*, boa imagem ou vendas (CARDIA, 2004, p. 23).

Portanto, nesta relação de troca, o atleta, ao receber o investimento, tem a oportunidade de melhorar suas condições de treinamento, as quais incluem a adoção de uma alimentação balanceada e de qualidade, obtenção de estrutura física, equipamentos e materiais adaptados, além do financiamento de outras atividades que possam incrementar a sua preparação (fisioterapia, pilates, acompanhamento com fisiologista e biomecânico, dentre outras). Tais facilidades proporcionadas pelo apoio financeiro podem ser determinantes no desempenho do atleta, afinal, quanto melhor for a preparação do atleta, maior serão suas chances de obter êxito na busca pela máxima *performance*. No trabalho desenvolvido por Teodoro (2006), os atletas relataram que sem o patrocínio fica muito difícil dedicar-se exclusivamente para o treinamento e, conseqüentemente, obter o desempenho atlético necessário para participar de campeonatos importantes como as Paralimpíadas.

Alguns atletas, que não possuem nenhum apoio financeiro podem encontrar dificuldades para se manter no esporte paralímpico uma vez que este demanda custeios com alimentação balanceada, transporte, roupas e calçados apropriados para a atividade esportiva, viagens, compra de materiais adaptados, dentre outros aspectos.

Hoje em dia, eu tenho a felicidade de ter um apoio melhor e... eu acho que quem quer competir no alto rendimento tem que ter, porque não é só o fato de você precisar se manter ou querer comprar alguma coisa...mas é pelo fato de você também precisar treinar, pagar eventualmente alguma coisa pro treinamento, suplementação é cara, tem tratamento ou acompanhamento com o fisioterapeuta que a gente tem que fazer... é... tem todo um... por trás de um atleta tem uma equipe grande né (Atleta 5).

Quando você começa, às vezes você não tem apoio, um patrocínio, você dificulta muito pra poder ter equipamentos (Atleta 3).

Na revisão de literatura realizada por Brazuna e Castro (2001) foram encontrados registros sobre dificuldades vivenciadas e relatadas por atletas paralímpicos. Os relatos giravam em torno da falta de patrocínio, pois, segundo os atletas, por fazerem uso de materiais adaptados, a manutenção destes – como a cadeira de rodas, por exemplo – acaba sendo um fator limitante quando não há um bom suporte financeiro. Strapasson (2007), ao interrogar alguns atletas de bocha paralímpica sobre suas maiores dificuldades relacionadas ao esporte, também verificou um alto nível de insatisfação com relação ao apoio financeiro.

É importante destacar que, mesmo que os atletas entrevistados tenham relatado sofrer com a falta de patrocínio no início da carreira, não são somente os iniciantes que enfrentam problemas como esses. Peduzzi (2009) revela que, ainda hoje, alguns atletas consagrados e com várias conquistas, também encontram dificuldades para encontrar patrocinadores. Além disso, esta não é uma realidade exclusiva do paradesporto, pois atletas do esporte convencional também enfrentam obstáculos para alcançar o apoio financeiro.

O investimento econômico faz parte de um fenômeno presente no contexto esportivo: o *marketing*. Este é definido como o processo pelo qual são supridas as necessidades de entidades esportivas (clubes, atletas, federações, entre outros) através da troca de produtos e valores com seus mercados. As empresas que investem no esporte, o fazem sob a perspectiva de obter lucro. Logo, o investimento se baseia em aspectos como visibilidade da entidade esportiva financiada, dimensão do evento ao qual está vinculada a entidade e a valorização midiática que será dada aquele evento (CARDIA, 2004).

E assim... a realidade é que os empresários, as empresas só patrocinam quem tem resultados, infelizmente é isso, né (Atleta 4).

No estudo realizado por Florence (2009) os atletas reconhecem que as vitórias e os resultados conquistados são essenciais para o alcance e a manutenção do apoio econômico. Esses aspectos talvez possam justificar a existência de maiores investimentos aos atletas paralímpicos que se destacam dentro das competições e do cenário esportivo mundial. E, da mesma forma, a dificuldade que atletas iniciantes vivenciam para obter apoio financeiro.

A fim de minimizar tais dificuldades e facilitar a permanência dos atletas no esporte competitivo, o Governo Federal implantou, em 2004, o programa de incentivo ao atleta denominado bolsa-atleta. Sob a gestão do Ministério do Esporte, este programa busca garantir a manutenção pessoal dos atletas de alto rendimento que não possuem patrocínio. Busca gerar condições necessárias para que se dediquem ao treinamento esportivo e possam participar de competições que permitam o desenvolvimento de suas carreiras. O valor do benefício mensal varia de R\$ 370,00, para atletas estudantes, a R\$ 3.100,00, para esportistas olímpicos e paralímpicos praticantes de modalidades vinculadas ao Comitê Olímpico Internacional (COI) e ao Comitê Paralímpico

Internacional (CPI). Além desse incentivo do Governo Federal, o CPB tem, como Patrocinador Oficial, as Loterias Caixa que contribuem no financiamento de campeonatos, gastos com viagens, hospedagens e alimentação de atletas e toda a equipe envolvida nos mesmos. Vale ressaltar que, além do patrocínio oficial ao CPB, as Loterias CAIXA também repassam 2% do total que arrecadam com a venda de apostas para instituições ligadas ao esporte olímpico e paralímpico – Lei Agnelo Piva de 2001 (CAIXA ECONÔMICA FEDERAL, 2012).

Mídia

Ao analisar a trajetória histórica do Movimento Paralímpico Brasileiro torna-se possível confirmar seu desenvolvimento ao longo dos anos e, não diferentemente, o seu crescimento frente aos meios de comunicação de massa, tais como a televisão, a internet, o jornal e a rádio. Florence (2009) constatou que muitos atletas reconhecem essa evolução do esporte adaptado dentro da mídia. Porém, assim como os entrevistados no presente estudo, a autora confirmou a insatisfação de alguns atletas quanto à divulgação vivenciada pelo paradesporto nacional.

O depoimento a seguir, realizado por um atleta que está envolvido com o esporte paralímpico desde a criação do CPB (em 1995), demonstra o quanto, na sua percepção, a divulgação ainda precisa ser ampliada.

Eu digo muito assim, porque eu estou na seleção desde 1994 e no Movimento Paralímpico desde 1993. As coisas têm mudado bastante. Mas, se tivesse mais divulgação e se, sei lá, os empresários aí de TV, rede Globo, e outros, realmente divulgassem, né, uma paraolimpíada... Eu gostaria muito que tivesse mais divulgação e que as pessoas tivessem mais conhecimento (Atleta 4).

O atleta faz menção a uma relação presente no cenário esportivo: a divulgação midiática e a atuação de empresários. Atualmente, algumas empresas brasileiras e internacionais atuam como fomentadoras do esporte paralímpico. Entretanto, conforme discutimos anteriormente, ainda existem atletas e equipes brasileiras enfrentando dificuldades para encontrar incentivos financeiros. Cardia (2004) afirma que a decisão pelo financiamento esportivo perpassa questões como, por exemplo, a repercussão midiática que será dada ao produto e ao evento ao qual está vinculada a marca do patrocinador. Tendo em vista esse aspecto, refletir sobre a divulgação realizada sobre o

esporte paraolímpico se faz necessário uma vez que ela pode influenciar na decisão dos investidores e se tornar mais uma dificuldade vivenciada pelos atletas.

Embora seja visível o desenvolvimento do Esporte Paralímpico Brasileiro, conforme já relatamos, para que o movimento ganhe cada vez mais adeptos e, principalmente, maior visibilidade dentro da sociedade, sugere-se que uma maior divulgação seja realizada, tanto nos canais de comunicação quanto nas prefeituras municipais, instituições de ensino e centros de reabilitação.

O aumento da divulgação do esporte paralímpico, segundo depoimento do presidente do CPB Andrews Parsons, proferido no II Congresso Paralímpico Brasileiro e I Congresso Paradesportivo Internacional (realizado em Uberlândia/MG, entre 27 e 29 de outubro de 2011), é uma das principais metas do Comitê Paralímpico Brasileiro. Tornar o paradesporto conhecido e disseminar a sua prática por todas as regiões do país são alguns dos objetivos do Movimento. Iniciativas do CPB, como as Paralimpíadas Escolares, o Circuito Loterias Caixa, as Clínicas do Desporto Paralímpico, dentre outras, vêm buscando consolidar tais objetivos (CPB, 2011).

Conforme aponta Gorgati e Gorgati (2008), a divulgação midiática possui papel relevante na disseminação do esporte paraolímpico, pois permite que outras pessoas com deficiência conheçam-no. Os depoimentos a seguir ilustram esta afirmativa, pois revelam que os atletas conheceram o paradesporto após assistirem pela televisão, os Jogos Paralímpicos de 2004. Neste ano, o Comitê Paralímpico Brasileiro investiu na divulgação midiática dos Jogos através da organização, captação e produção das imagens e sua consequente distribuição gratuita para as emissoras de televisão (CPB, 2011a).

Eu fui conhecer o paradesporto assistindo pela TV em 2004, na Paraolimpíada de 2004 que foi em Atenas. Eu vi Clodoaldo e Cia, e aí me interessei (Atleta 7).

Vim conhecer em 2004, depois das paraolimpíadas de Atenas, né, já tinha meus 16 anos. E aí conheci, através de divulgação, Clodoaldo Silva ganhando várias medalhas pro Brasil. Aí eu falei: 'Poxa, existe esporte para o deficiente, existe esporte paraolímpico'. E aí que eu passei a praticar (Atleta 1).

A divulgação do paradesporto nacional, ainda que incipiente nos diferentes meios de comunicação de massa pode influenciar positivamente na disseminação do esporte adaptado e no consequente aumento no número de pessoas com deficiência praticantes de atividade física. Este dado é corroborado pela pesquisa realizada por Furst *et al.* (1993) que, após entrevistar atletas paralímpicos, constatou que um dos

fatores que mais motivou a prática esportiva foi a visualização do esforço e da conquista demonstrados por seus pares. Conforme ficou explícito nos depoimentos anteriormente citados, a divulgação dos Jogos Paralímpicos de 2004, permitiu que atletas brasileiros, que já se destacavam no cenário esportivo mundial – como o atleta Clodoaldo Silva – pudessem ser conhecidos por outras pessoas com deficiência.

Atualmente fica difícil dissociar o esporte dos meios de comunicação de massa, visto a grande influência que estes exercem sobre aquele. Sobre esta relação Betti (1998) nos traz importantes considerações. Segundo o autor, com a disseminação das transmissões de eventos esportivos realizadas ao vivo a partir de 1960, surgiu um novo personagem na história esportiva: o telespectador. Esse novo personagem transformou o esporte num espetáculo enquanto produto a ser consumido. A incessante busca pelo entretenimento fortaleceu a indústria do lazer transformando a televisão num agente fundamental dentro do processo midiático. Este meio de comunicação de massa abrange a maioria das pessoas, independente da classe social. O discurso midiático se sustenta na associação entre a informação, o entretenimento e a publicidade e na lógica de que tudo é mercadoria, portanto, passível de ser consumido.

A televisão modificou a audiência do esporte em todo mundo, e forçou-o a um papel de dependência conforme o tornou menos capaz de subsistir com espectadores ao vivo, dependendo do patrocínio resultante das transmissões televisivas (MIDWINTER, 1986 *apud* BETTI, 1998, p.32).

Neste contexto, Florence (2009) sugere que o aumento da divulgação dos eventos esportivos através da televisão, ampliou a importância do patrocinador na transmissão dos jogos, o que não exclui a relevância dos espectadores. Porém, o investimento financeiro realizado pela televisão, através dos patrocinadores, tornou-se decisivo no desenvolvimento do esporte competitivo. Afinal, patrocínio e profissionalismo estão correlacionados.

A partir dessa relação estabelecida entre a televisão e os patrocinadores, pode-se sugerir que o esporte adaptado talvez não seja rentável o suficiente para obter espaço dentro deste meio de comunicação. Esta inferência pode ser sustentada pela baixa divulgação que tiveram os Jogos Parapan-americanos realizados no México, em 2011. Após conquistar o direito de exibir com exclusividade, as imagens desse evento, a emissora de televisão optou por divulgar somente os resultados e as medalhas conquistadas pelo Brasil, através de curtas chamadas diárias.

Tem coisa que o atleta fica muito triste. Existiu o Pan. O Pan foi divulgado, poxa, passou no Brasil todo, porque eu assisti todo o pan. Aí, a gente está no Pan também e, eu sempre ligo, eu ligava pro Brasil e: “E aí, como que tá a divulgação?”, e as pessoas simplesmente: “Olha, não tá passando nada!”. Eu conquistei a medalha, ninguém sabia, sabe. Ninguém ficou sabendo. Agora, a divulgação que fazem com o desporto paraolímpico é muito pequena, ainda, perante o olímpico. Isso deixa a gente triste. E a bandeira que os olímpicos honram, não é diferente não” (Atleta 2).

Embora possa se referir a uma questão contratual, essa pouca divulgação midiática vivida pelo esporte paralímpico nacional pode estar relacionada aos princípios que regem o funcionamento dos grandes meios de comunicação em massa. A mídia enquanto uma empresa, opera segundo a lógica do mercado capitalista: obtenção de lucro através da venda de produtos (imagens, notícias, programas de televisão) que sejam atrativos ao público consumidor (ouvintes, espectadores, leitores, entre outros). Uma vez que o produto não se torna atrativo para o consumidor, ele também já não é mais atrativo para os meios de comunicação, pois não será rentável.

Tomemos como exemplo o fenômeno do *marketing* esportivo, o *Super Bowl*. Conhecido mundialmente como a grande final da temporada regular da *National Football League*, a liga profissional de futebol americano dos Estados Unidos, o *Super Bowl* é um evento que a cada ano, surpreende com os ganhos referentes à publicidade e audiência gerada. Em 2012, cada cota de publicidade, que tem como opção comerciais de 30 segundos no intervalo, foram vendidas por 3,5 a 4 milhões de dólares. São recordes de publicidade, audiência, redes sociais e personagens famosos durante o show do intervalo (a última edição contou com um *show* da cantora Madonna). Este evento esportivo, que tem a duração de três horas e meia de transmissão, é fundamental para o sucesso das empresas e profissionais envolvidos (ESTEVEES, 2012).

Outros exemplos são as novelas ou as programações relacionadas ao futebol. Esses dois fenômenos nacionais fortemente consolidados culturalmente e dentro da mídia, sempre estão em evidência, pois possuem público para “financiá-los” (as noveleiras de plantão e os diversos torcedores fanáticos espalhados por todo o país). Os valores de propagandas aumentam nos horários em que essas programações estão sendo transmitidas, , garantindo o lucro às emissoras de televisão. Portanto, a intenção em divulgar um produto é fazer com que o público se identifique com ele. Caso isso não aconteça, este produto terá menor repercussão e, consequentemente, menor divulgação.

A baixa divulgação do esporte paralímpico no Brasil pode estar associada ao desconhecimento das pessoas sobre esta prática e a pouca circulação do mesmo, nas grandes mídias nacionais. Embora seja visível o seu gradativo crescimento, parece ser necessário buscar por uma maior popularização do esporte adaptado de forma que ele, aos poucos, faça parte do cotidiano das pessoas e, conseqüentemente, adquira maior visibilidade dentro dos meios de comunicação.

Uma suposta associação entre o corpo deficiente e a ideia de incapacidade e inutilidade talvez possa interferir no interesse das pessoas em assistir programações que incluam os esportes adaptados, afetando, assim, a relação econômica estabelecida entre a mídia e o patrocinador. Nesta perspectiva, Randazzo (1996) nos diz que a marca de um produto – ou ele próprio – é uma entidade física e perceptual, o que significa dizer que embora o produto e sua embalagem (aspecto físico) sejam geralmente encontrados estáticos nas propagandas ou nas prateleiras dos supermercados à espera do consumidor, o seu aspecto perceptual existe no espaço psicológico do mesmo, na sua mente. Ou seja, embora o consumidor adquira determinado produto em função dos benefícios provocados por ele, existe também um aspecto psíquico envolvido nesta compra. O autor a denomina como *mitologia latente do produto*. Esta, por sua vez, vai além dos aspectos físicos/benefícios do produto. De forma não muito evidente, ela abarca todas as percepções, crenças, experiências e sentimentos associados ao produto, bem como as histórias e os fatos que o cercam. Conseqüentemente, influencia na concepção criada pelo consumidor em relação ao produto.

Este aspecto perceptual apontado por Randazzo é maleável e dinâmico, sendo passível de flexibilidade de acordo com as imagens, símbolos, sensações e significados atribuídos à determinada marca. Este fato nos sugere uma suposição: a dissociação do corpo deficiente da imagem negativa da imperfeição, da anormalidade e da improdutividade em detrimento da sua associação ao corpo produtivo, capaz e saudável poderia ser uma alternativa para melhorar o olhar sobre o esporte paralímpico enquanto um produto a ser vendido pelos meios de comunicação. Essa dissociação requer algumas importantes transformações sociais, econômicas e políticas, dentre as quais se destaca o entendimento social sobre a pessoa com deficiência. No sentido de auxiliar neste processo, a própria televisão, esse meio de comunicação que alcança diversos setores sociais, poderia ser um dos agentes atuantes junto à melhoria da imagem da pessoa com deficiência através da divulgação de imagens e mensagens (verbais e não verbais) que demonstrem a realidade sobre as capacidades dessas pessoas.

Ribas (2003) relata sobre a maneira como concebemos as pessoas com deficiência. Além de falar e refletir sobre este público, o autor diz que:

Escrever sobre pessoas deficientes é muito mais difícil e complexo do que poderia parecer. Um dos problemas sérios reside no fato de que qualquer “noção” ou “definição” de deficiência implica uma imagem que nós fazemos das pessoas deficientes (RIBAS, 2003, p.7).

Dessa forma, a partir do momento que as pessoas se desprenderem de conceitos pejorativos relacionados à deficiência, poderá ficar mais fácil desvincular a imagem negativa da pessoa que possui uma lesão física, sensorial ou intelectual. Consequentemente, os empresários terão mais chances de perceber que o esporte paralímpico também é uma fatia rentável do mercado de consumo.

Neste contexto, algumas questões econômicas devem ser revistas de modo a evitar que o corpo lesado seja reprimido pelos princípios capitalistas. A criação de políticas públicas que respeitem os direitos das pessoas com deficiência também é uma importante ação na tentativa de minimizar o olhar preconceituoso sobre os atletas com deficiência e, consequentemente, sobre o esporte paralímpico.

Despreparo de profissionais

Como já mencionamos anteriormente, o esporte paralímpico brasileiro vem crescendo gradativamente. Junto a essa evolução, cresce também o número de pessoas interessadas pela prática do esporte adaptado. Porém, o relato de uma das atletas entrevistadas aponta para mais uma dificuldade enfrentada atualmente: a escassez de profissionais realmente capacitados para atuarem junto à pessoa com deficiência e o esporte de alto rendimento.

Olha, a maior dificuldade é de você encontrar profissional capacitado pra trabalhar, que queira trabalhar, que se dedique, que faça com amor, que faça com carinho. Não só pelo dinheiro (Atleta 6).
Então assim, o mais difícil é isso. Você conseguir um profissional, porque você vai se entregar pra essa pessoa. Você tem que confiar. “Ela é os seus olhos” (Atleta 6).

O depoimento da atleta aponta para uma discussão interessante, pois influencia diretamente, o crescimento e a disseminação do paradesporto nacional. Além disso, corrobora algumas atitudes do CPB em busca da captação e qualificação dos profissionais interessados.

Estudos como o de Cardoso (2011) revelam que, apesar de todo o crescimento vivido historicamente pelo Movimento Paralímpico, uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos atletas é a carência de profissionais qualificados para trabalhar junto à pessoa com deficiência. Teodoro (2006) corrobora essa afirmação, pois, ao investigar as dificuldades vivenciadas por atletas paralímpicos, encontrou depoimentos que enfatizam o despreparo dos profissionais de Educação Física para desenvolver o esporte adaptado. Essa autora aponta que uma das razões para a escassez de profissionais nesta área é a recente implantação de disciplinas voltadas para esta temática, nos cursos superiores.

Como se sabe, as ações políticas voltadas para a inserção das pessoas com deficiência na vida social começou efetivamente a ocorrer a partir de 1980. Neste momento, o governo brasileiro começava a se preocupar, através de decretos e portarias, com mudanças que levavam em consideração os direitos das pessoas com deficiência. Um dos marcos deste período foi a proclamação, em 1981, do “Ano Internacional da Pessoa Portadora de Deficiência”. Este ano marcou o início de uma nova década durante

a qual países membros da Organização das Nações Unidas (ONU) deveriam planejar ações e metas direcionadas às pessoas com deficiência (ARAÚJO, 1997).

Nos anos posteriores, novas iniciativas políticas abriram espaço para discussões acerca de questões que envolviam as pessoas com deficiência. Além de assuntos referentes à saúde, transporte, alimentação, lazer, esporte, começou a ser discutida também a inclusão de disciplinas voltadas para o atendimento desses indivíduos nos cursos superiores de Educação Física. Após diversos debates realizados entre docentes e a extinta Secretaria de Educação, buscou-se criar diretrizes que favorecessem a integração da Educação Física e desporto ao contexto da Educação Especial. Foi então elaborado o novo currículo para os cursos superiores de Educação Física (CARMO, 1991).

Após determinação do Conselho Federal de Educação (CFE) em 1987, os novos currículos de Educação Física deveriam abarcar conteúdos referentes à conhecimentos humanísticos e técnicos, além de propor a estimulação à pesquisa e estudos teóricos e/ou práticos com maior qualidade. Essa reestruturação curricular propunha também várias disciplinas para compor o novo currículo, dentre elas uma destinada a atender as pessoas portadoras de deficiência³: Educação Física e esporte especial (atividade física para pessoas portadoras de deficiências: física, mental, auditiva, visual ou múltiplas). Portanto, foi através deste parecer n. 215/87 que a formação do profissional de Educação Física com habilitação para o atendimento de pessoas com deficiência, tornou-se legal (BRASIL, 1987).

A recente legalização pode ser uma das razões para a escassa existência de educadores físicos realmente capacitados para atuar no campo paradesportivo. E, também, embora muitas faculdades já estejam oferecendo disciplinas voltadas para o atendimento da pessoa com deficiência, o desinteresse de alguns profissionais pela área pode também dificultar o suprimento da demanda.

Preocupados com a desigualdade entre a oferta de profissionais e a demanda de pessoas com deficiência aptas para praticar esportes, organizadores, fomentadores e envolvidos no paradesporto nacional procuram criar alternativas. Uma iniciativa realizada pelo Governo Federal, juntamente com o CPB, é a organização das Clínicas de desporto Paralímpico (CPB, 2011b). Essas clínicas são coordenadas por profissionais

³ Utilizamos este termo “pessoas portadoras de deficiência” por ser ele o utilizado na reestruturação curricular vivenciada naquele momento.

competentes e experientes na área do esporte adaptado de alto rendimento e tem o objetivo de proporcionar aos profissionais interessados em atuar na área, oportunidades para se qualificarem e estarem aptos a trabalhar.

Acessibilidade

Assim como alguns profissionais se demonstram despreparados para atender às pessoas com deficiência, outros aspectos da nossa sociedade ainda não se adequaram para colocar em prática os princípios da inclusão e da acessibilidade aos diversos espaços públicos e privados.

Os atletas investigados neste estudo reconheceram que a falta de acessibilidade em nosso país foi e ainda é uma dificuldade diariamente vivenciada por eles. Seja para se deslocar do treino para casa e vice-versa, seja para viajar, participar dos campeonatos, hospedar-se em hotéis ou ter acesso a outros diversos lugares, eles declararam enfrentar barreiras no que tange a acessibilidade.

(...) Nos locais públicos, nos estabelecimentos, sempre tem uma barreira (Atleta 3).

(...) a adaptação é muito precária, né. A gente ainda não tem todas as coisas adaptadas. O fato de você sair da sua casa, sozinho, pra ir pro seu local de treino, é difícil. As calçadas, a acessibilidade, né. Não tem. É muito difícil. Então você tem essa limitação, na dependência (Atleta 6).

O acesso ao lazer e às atividades esportivas, conforme afirma o artigo 217 da Constituição Federal, é um direito de todas as pessoas. As adaptações realizadas em algumas modalidades esportivas visam permitir, portanto, que diferentes grupos de pessoas com deficiência possam ter acesso às suas práticas. Apesar disso, é preciso também os espaços públicos e privados de lazer e de práticas esportivas estejam preparados para o atendimento desse público. A construção de edificações e a aquisição de materiais e equipamentos adaptados e acessíveis, além de fazer parte do cumprimento do direito das pessoas com deficiência é essencial para a promoção da prática paradesportiva (SANTOS, 2010).

Porém, a falta de acessibilidade nesses espaços ainda é uma barreira enfrentada pelos atletas entrevistados. Esta constatação também pôde ser observada num estudo recente realizado por Medola *et al.* (2011), cujo objetivo era analisar a acessibilidade de

um centro de treinamento da cidade no qual uma equipe de basquetebol em cadeira de rodas treina diariamente. Foi observado que o mesmo não possui condições apropriadas de acesso aos usuários de cadeira de rodas. Outra pesquisa, elaborada por Leoni *et al.* (2006), não diferentemente, constatou que a falta de acessibilidade ainda é uma das grandes dificuldades enfrentadas pelos atletas com deficiência. A presença de calçadas irregulares, mal conservadas, sem rampas e identificação dificulta os deslocamentos dos atletas entre os clubes e suas casas.

Dados semelhantes aos do estudo anterior foram relatados por Meyers *et al.* (2002), ao buscar informações sobre o acesso às configurações do ambiente entre adultos usuários de cadeira de rodas. Os resultados demonstraram que muitas pessoas são impossibilitadas de ter acesso às instalações esportivas devido a barreiras, tais como calçadas inadequadas para a passagem de cadeiras de rodas, portas de banheiros inacessíveis, ausência de estacionamentos prioritários, ausência de rampas ou rampas muito íngremes, força muscular limitada, dentre outros problemas. Esse estudo norte-americano permite inferir que além dos brasileiros, outros atletas com deficiência, ainda enfrentam dificuldades relacionadas à acessibilidade urbana e esportiva.

Atualmente, vivemos, tanto no Brasil como em outros países, um momento de reflexão, discussão e conscientização social a respeito da pessoa com deficiência. Partindo de um processo sócio-histórico totalmente excludente, iniciamos, na década de 1970, um novo discurso em busca da inclusão dessas pessoas na sociedade. Frente a um debate de igualdade de oportunidades, algumas escolas começam a reconhecer o direito da criança com deficiência à educação regular, empresas se conscientizam das qualidades e capacidades profissionais dessas pessoas e alguns comércios dão conta do potencial consumidor dos mesmos. Enfim, mesmo que lentamente, é possível perceber maior entendimento, de uma parcela da sociedade, sobre as possibilidades de atuação das pessoas com deficiência (SANTOS, 2010).

Porém, conforme afirmam Cidade e Freitas (1997), a inclusão é um processo que abrange muito mais do que simplesmente aceitar e valorizar a diferença⁴. Ele sugere que as pessoas com e sem deficiência, aprendam a conviver com a diversidade humana e,

⁴ Embora entendamos que a inclusão social diz respeito às sociedades multiculturais e diferentes (negro, índio, pobre, rico, homossexual, diferença de raça, gênero, deficiência, classe social, cor, entre outros), vamos nos ater, neste trabalho, à inclusão social das pessoas com deficiência (física, sensorial e intelectual).

para isso, exige pequenas e grandes transformações nos ambientes físicos, nas tecnologias, na consciência e nas atitudes humanas.

Nos últimos anos assistimos a uma mudança do termo “barreiras arquitetônicas” para “acessibilidade”, ampliando o seu significado. Designado a abarcar outros campos, este novo termo se refere à educação, trabalho, lazer, cultura, esportes, informação e à internet. Nesse sentido, conforme Gil (2006), indo além da construção de rampas e banheiros adaptados, a acessibilidade responde pelo acesso e permanência das pessoas com deficiência nos diversos espaços públicos e privados. Portanto, os centros de treinamento, hotéis, clubes, restaurantes, dentre os demais ambientes frequentados pelos atletas durante os treinamentos e competições devem, estar aptos a recebê-los adequadamente.

Conforme ficou demonstrado através deste e de outros estudos, diversos locais públicos e privados, ainda não se reorganizaram para atender as pessoas que possuem alguma deficiência. Este fato sugere novas posturas governamentais no que se refere à fiscalização do cumprimento dos direitos das pessoas com deficiência relacionados à acessibilidade.

Considerações finais

Os atletas entrevistados aderiram ao esporte adaptado de formas diferenciadas. A participação em programas de reabilitação, em alguns casos, proporcionou o contato do indivíduo com deficiência às atividades físicas e esportivas. Além de proporcionar um estilo de vida fisicamente mais ativo, a reabilitação ainda possibilita a percepção do sujeito sobre suas habilidades para determinadas modalidades esportivas.

O incentivo de pais e amigos e o convite de treinadores também foram essenciais para que alguns atletas conhecessem e aderissem ao paradesporto, afinal, parte deles desconhecia a possibilidade de atuação dentro do esporte competitivo. Segundo pesquisadores, o apoio familiar, tanto financeiro quanto emocional, influencia diretamente no processo de aderência e permanência nas atividades esportivas.

Embora a divulgação midiática de Jogos Paralímpicos de Atenas tenham contribuído para que alguns atletas conhecessem e se tornassem praticantes do esporte paralímpico, a divulgação midiática, principalmente televisiva, do mesmo ainda é muito pequena perante a grandiosidade do Movimento Paralímpico. Essa baixa visibilidade, concedida pela mídia, é uma das preocupações dos atletas, pois pode dificultar a

disseminação do paradesporto e, conseqüentemente, a construção de novas parcerias entre atletas, equipes paralímpicas e empresas patrocinadoras.

Conforme análise e discussão dos aspectos levantados pelos atletas, pôde-se perceber que, assim como no esporte convencional, alguns deles enfrentam dificuldades para se manter no paradesporto devido à ausência do apoio financeiro. Como a obtenção de patrocínio geralmente depende dos resultados alcançados pelo atleta, da sua visibilidade e da importância dos eventos dos quais ele participa, os sujeitos entrevistados neste estudo encontraram maiores dificuldades financeiras para se manter no esporte no início da carreira esportiva. Outra barreira enfrentada diz respeito aos profissionais atuantes na área. Ainda é baixo o número de educadores físicos capacitados para atuar junto ao desporto adaptado.

Frutos do desconhecimento, do desrespeito e da ausência de políticas públicas efetivas, o preconceito e a falta de acessibilidade também são barreiras sociais que em um, ou vários momentos, prejudicaram a circulação e a atuação plena dos atletas com deficiência na sociedade e nos diversos ambientes esportivos. Por possuírem características que divergem do corpo considerado “padrão”, as pessoas com deficiência acabam sendo julgadas antecipada e equivocadamente como inferiores às demais. Esses pré-conceitos, segundo os atletas entrevistados, estiveram (e ainda podem estar) presentes ao longo de sua trajetória esportiva, comprometendo suas relações pessoais e sociais dentro e fora do contexto esportivo. A falta de adaptações mínimas nos diversos espaços públicos e privados de lazer e de práticas esportivas, além de desrespeitar os direitos das pessoas com deficiência também foi um fator que dificultou, algumas vezes, a mobilidade dos atletas entrevistados.

Esses problemas, assim como outros, reafirmam a urgente necessidade de refletir sobre a atual concepção da pessoa com deficiência. Antes de julgarmos as capacidades dessas pessoas de acordo com características físicas, sensoriais e cognitivas que possuem, é relevante analisarmos se as reais condições fornecidas pela sociedade respeitam a diversidade e as necessidades de todos os cidadãos.

Referências Bibliográficas

AMARAL, L. A. **Conhecendo a deficiência**: em companhia de Hércules. São Paulo, Robe. 1995. 205p. (Série Encontros com a Psicologia).

ANJOS, D. R. **Elaboração e validação de um instrumento para percepção subjetiva dos fatores estressantes de atletas com deficiência física**. 2005. Dissertação (Mestrado em treinamento Esportivo) - Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

ARAÚJO, P. F. **Desporto Adaptado no Brasil**: Origem, Institucionalização e Atualidade. 1997. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, 1997.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 5 ed. Lisboa: Edições 70, 2010.

BETTI, M. **A janela de vidro**: Esporte, televisão e educação física. Campinas: Papirus, 1998. (Coleção Fazer/Lazer).

BRASIL. Parecer n. 215/87. Ministério da Educação e Cultura, Conselho Federal de Educação. 11 de março de 1987.

BRAZUNA, M. R.; CASTRO, L. M. A Trajetória do Atleta Portador de Deficiência Física no Esporte Adaptado de Rendimento. Uma Revisão da Literatura. **Motriz**, v.7, n.2, p.115-123, jul./dez. 2001.

CARDOSO, V. D. A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v.33, n.2, p.529-539, abr./jun. 2011.

CARMO, A. A. do. **Deficiência física**: a sociedade cria, “recupera” e discrimina. Brasília: Secretaria dos Desportos, PR, 1991.

CASTRO, M. de. **Atividade Física Adaptada**. Ribeirão Preto, SP: Tecmedd, 2005.

CARDIA, W. Marketing e marketing esportivo. Patrocínio e patrocínio esportivo. In: **Marketing e patrocínio esportivo**. Editora Bookman, 2004.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. Disponível em: http://www.caixa.gov.br/Voce/social/beneficios/bolsa_atleta/index.asp. Acesso em: 15 fev. 2012.

CIDADE, R. E.; FREITAS, P. S. **Noções sobre Educação Física e Esporte para pessoas com deficiência**: uma abordagem para professores de 1º e 2º graus. Uberlândia: Breda, 1997.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. Conheça o CPB: Movimento Paralímpico. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/movimento-paralimpico/>>. Acesso em: 25 out. 2011a.

_____. **Conheça o CPB**: Academia Paraolímpica Brasileira. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/academia-paralimpica-brasileira/>>. Acesso em: 18 nov. 2011b.

DINIZ, D. O que é deficiência. São Paulo: Brasiliense, 2007. Coleção Primeiros Passos.

ESTEVEES, E. Suporbowl. Disponível em: <<http://www.mktesportivo.com>>. Acesso em: 03 fev. 2012.

FÁVERO, E. A. G. **Direitos das Pessoas com Deficiência**: garantia de igualdade na diversidade Editora Wva, 2007.

FLORENCE, R. B. P. **Medalhistas de ouro nas paraolimpíadas de Atenas 2004**: reflexões de suas trajetórias no desporto adaptado. 2009. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2009.

FURST, D. M.; FERR, T.; MEGGINSON, N. Motivation of disable athletes to participate in triathlons. **Psychological Reports**, v.72, n.2, p.403-406, 1993.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas. 2010.

GIL, M. **Acessibilidade, inclusão social e desenho universal**: tudo a ver. 2006. Disponível em: <<http://www.bengalalegal.com>>. Acesso em: 15 fev. 2012.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1982.

GORGATI, M. G.; GORGATI, T. O esporte para pessoas com deficiência. In: GORGATI, M. G.; COSTA, R. F. **Atividade Física Adaptada**. Qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais. 2. ed. Barueri-SP: Manole, 2008.

GORLA, J. I.; ARAÚJO, P. F.; CALEGARI, D. R.; CARMINATO, R. A.; COSTA E SILVA, A. A. A composição corporal em indivíduos com lesão medular praticantes de basquetebol em cadeira de rodas. **Arq. Ciênc. Saúde Unipar**, Umuarama, v.11, n.1, p.39-44, jan./abr. 2007.

GORGATTI, M. G. *et al.* Tendência competitiva no esporte adaptado. **Arquivos Sanny de Pesquisa e Saúde**, v.18, n.1, p.18-25, 2008.

LABRONICI, R. H. D. D. *et al.* Esporte como fator de integração do deficiente físico na sociedade. **Arquivos Neuro-Psiquiatria**, v.58, n.4, p.1092-1099, 2000.

LEONI, C. F.; ZAMAI, C. A. [Análise das dificuldades de cadeirantes para a prática do basquetebol em cadeira de rodas](#). **Movimento e Percepção**, v.6, n.9, 2006.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, E. D. A. **Pesquisa em Educação**: Abordagens Qualitativas. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986.

MACIEL, M. R. C. Portadores de deficiência: a questão da inclusão social. São Paulo **Perspectiva**, São Paulo, v.14, n.2, abr./jun. 2000.

MEDOLA, F. O.; MACEDO, D. L.; CARRERI, D. S.; MARQUES, E. F. A.; KIKUCHI, L. T.; COSTA, N. L.; BUSTO, R. M. Acessibilidade de um Centro de Treinamento Esportivo para Usuários de Cadeira de Rodas. **Revista Neurocienc**, v.19, n.2, p.244-249, 2011.

MEYERS, A. R.; ANDERSON, J. J.; MILLER, D. R.; SHIPP, K.; HOENIG, H. Barriers, facilitators, and access for wheelchair users: substantive and methodologic lessons from a pilot study of environmental effects. **Am. J. Prev Med**, v.23 (suppl 2), p.15-25, 2002.

PALLA, A. C. **Atitude de profissionais e alunos universitários sobre a proposta de inclusão**. 2001. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP, 2001.

PEDUZZI, P. [Esporte paraolímpico ainda enfrenta dificuldades para crescer por falta de patrocínio](#). **Agência Brasil**, jul. 2009.

RANDAZZO, S. **A criação de mitos na publicidade**. Como publicitários usam o poder do mito e do simbolismo para criar marcas de sucesso. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

RIBAS, J. B. C. **O que são pessoas deficientes?** 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

ROSADAS, S. C. **Sucesso de pessoas portadoras de deficiência através da prática esportiva: um estudo de caso**. 2000. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, São Paulo, SP, 2000.

SAMSONIENĖ, L.; BAUBINAS, A.; ADOMAITIENĖ, R.; JANKAUSKIENĖ, K.; KOROTKICH, I.; KĖVELAITIS, E. Quality of life of athletes with disability and some aspects of equal possibilities. **Medicina (Kaunas)**, v.46, n.3, p.211-218, 2010.

SAMULSKI, D. **Psicologia do Esporte: conceitos e novas perspectivas**. Barueri: Manole, 2009.

SANTOS, C. S. Acessibilidade Urbana, escolar e esportiva. In: FERREIRA, L. E. **Atividade Física, Deficiência e Inclusão Escolar**. Niterói: Intertexto, 2010.

STRAPASSON, J. B. F. Fatores psicossociais que dificultam treinamento e competição de atletas de bocha adaptada. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 12, n.107, abr. 2007. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>>. Acesso em: 15 fev. 2011.

TEODORO, C. M. **Esporte adaptado de alto rendimento praticado por pessoas com deficiência: relatos de atletas paraolímpicos**. 2006. Dissertação (Mestrado) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, 2006.

TUBINO, M. J. G. Uma visão paradigmática das perspectivas do esporte para o início do século XXI. In: MOREIRA, W. W. (Org.). **Educação Física & Esporte: perspectivas para o século XXI**. Campinas: Papirus, 1993.

WINNICK, J. **Educação Física e Esportes Adaptados**. Editora Manole, 2004.

VLAK, T.; PADJEN, I.; PIVALICA, D. Paralympians – Unknown Heroes Next Door. **Croat Med J.**, v.50, p.527-530, 2009.

VAN DER PLOEG, H. P.; STREPPPEL, K. R. M.; VAN DER BEEK, A. J.; VAN DER WOUDE, L. H. V.; VOLLENBROEK-HUTTEN, M. M. R.; VAN HARTEN, W. H.;

VAN MECHELEN, W. Counselling increases physical activity behaviour nine weeks after rehabilitation. **Br J Sports Med.**, v.40, p.223-229, 2006.

2.3 A contribuição do esporte adaptado de alto rendimento na vida pessoal e social de atletas paralímpicos brasileiros

Resumo

O Esporte Paralímpico, desde o seu surgimento, vem se desenvolvendo e abarcando cada vez mais atletas. A sua racionalização e seu profissionalismo estimulam o interesse, a disciplina e a persistência de atletas que, através do esforço e treinamento rigoroso, almejam participar de importantes campeonatos, conquistar grandes vitórias e, assim, se tornarem ícones nacionais e internacionais. Adentrando neste cenário esportivo, este estudo buscou conhecer e analisar as contribuições trazidas pelo esporte de alto rendimento ao atleta com deficiência e identificar quais são os planos desses atletas para o período que corresponde ao término da carreira de sua carreira, ou seja, a aposentadoria esportiva. Para tanto, foi realizada uma entrevista semiestruturada em que foi possível conhecer as experiências e percepções dos atletas sobre o fenômeno abordado. A análise dos dados se baseou na técnica de análise categorial. Os resultados demonstraram que o esporte paralímpico pode interferir positivamente na aceitação pessoal do atleta com deficiência, além de proporcionar-lhe aumento da autoestima, do autoconceito, da independência e de novas interações sociais. Novas oportunidades financeiras, culturais e educacionais também podem ser geradas pela profissionalização do atleta no desporto paralímpico. Na percepção dos atletas entrevistados, o reconhecimento alcançado dentro do cenário esportivo auxilia na visibilidade social da identidade do atleta em detrimento da de pessoa com deficiência, uma vez que suas capacidades e habilidades podem sobrepor as limitações associadas à deficiência. Com relação ao planejamento realizado para o término da carreira esportiva, a maioria dos atletas deseja continuar envolvido no esporte adaptado, porém nem todos estão realmente se preparando para este momento.

Introdução

O esporte adaptado de alto rendimento ou esporte paralímpico é uma prática que, embora possua objetivos e características semelhantes ao esporte convencional, permite adaptações nas regras, no espaço e nos materiais de acordo com as necessidades de cada tipo de comprometimento, seja ele físico, sensorial ou intelectual. A busca pelo máximo desempenho do atleta com deficiência, no que tange os aspectos biofísicos, sociais e psicológicos é o que caracteriza o esporte adaptado de alto nível ou de alto rendimento. (BARROS, 1993).

Nesta perspectiva, rotinas marcadas por treinamentos intensos e sistemáticos e diversas competições ao longo do ano fazem parte da preparação do atleta que busca melhorar seu desempenho atlético e alcançar bons resultados. Os atletas que atingem ótimos níveis de rendimento através de conquistas e recordes em campeonatos importantes, como as Paralimpíadas, os Parapan-americanos e as outras competições mundiais, tornam-se parte de um pequeno grupo de elite que ocupam o topo da pirâmide esportiva. Segundo Barbanti (1994), o esporte de elite pode ser conceituado como

(...) forma de esporte que objetiva uma *performance* elevada a nível regional, nacional ou internacional. O principal critério para o esporte de elite são os recordes, e o sucesso internacional. Na era moderna o esporte de elite é caracterizado pela racionalização (treinamento) quantificação (competição) e abstração (recordes, apresentação para a mídia). Atualmente o esporte de elite constitui um show, espetáculo e uma fonte de entretenimento com grande importância econômica, direta ou indiretamente (BARBANTI, 1994, p.109).

Ao se inserirem no esporte adaptado, algumas pessoas com deficiência vivenciam, conforme Souza (1994), ganho de agilidade e força muscular no manejo de cadeira de rodas, melhoria do equilíbrio (estático e dinâmico), do condicionamento cardiorrespiratório, coordenação motora e dissociação de cinturas. Outros ganhos também são observados no decorrer dos treinamentos, como aumento da autonomia e independência para a realização de atividades diárias, melhoria de sua autoestima, imagem corporal e autoconfiança, maior integração social, prevenção de doenças secundárias, dentre outros aspectos (GORLA *et al.*, 2007; GORGATTI; GORGATTI, 2008).

Os atletas paralímpicos, usufruem dos benefícios descritos acima e também de outros. Afinal, eles podem passar também por mudanças que afetam diretamente suas relações pessoais e sociais, tais como, a visibilidade social alcançada pela posição de destaque no cenário esportivo ou a forma como passam a ser percebidos pelos seus pares não atletas.

A profissionalização esportiva parece provocar alterações também no que se refere às condições econômicas desses atletas de elite uma vez que, além de serem financiados pelo Governo Federal, a maioria deles recebe, também, apoio financeiro de outras empresas patrocinadoras. As melhores condições econômicas não são as únicas vantagens que o esporte traz para os atletas paraolímpicos, pois estes podem usufruir também de outros benefícios oriundos do esporte competitivo como, as viagens realizadas para diferentes cidades e países, por exemplo.

Entretanto, assim como todos os atletas de elite um dia chegam ao término de suas carreiras atléticas, cabe a eles planejarem para essa nova fase de forma que, pelo menos, algumas das transformações positivas vivenciadas ao longo da trajetória esportiva possam se prolongar para o período pós-atleta.

Realizar um planejamento adequado e se preparar para a aposentadoria são ações urgentes e necessárias para a manutenção da qualidade de vida desses sujeitos. No Brasil, o fenômeno esporte adaptado ainda está na sua infância, mas desde já precisa começar a refletir sobre a forma como os atletas se planejam para o fim da carreira esportiva (BRAZUNA; CASTRO, 2001).

Conhecer as mudanças positivas geradas pelo fenômeno esportivo, na vida do atleta de elite com deficiência, além de valorizar o esporte paralímpico permite também analisar as (re)significações da pessoa com deficiência, ao se tornar um profissional do esporte. Verificar esses acontecimentos faz parte do processo que almeja o amadurecimento, a disseminação e a consolidação do esporte paralímpico brasileiro e, ainda, permite a visualização e a construção de metas e ações necessárias para este alcance.

Objetivos

Compreender as transformações mais marcantes proporcionadas pelo esporte de alto rendimento ao atleta com deficiência e, conhecer os planejamentos futuros desses indivíduos, referentes ao período que corresponde ao término da carreira como atleta.

Metodologia

Caracterização do estudo

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa que busca compreender o fenômeno esporte paralímpico e sua contribuição na vida do atleta. É uma pesquisa descritiva uma vez que busca descrever, analisar e interpretar este fenômeno. Utiliza-se da linguagem e da subjetividade como fatores fundamentais para se obter uma melhor compreensão do fenômeno estudado (GIL, 2010).

Os sujeitos

Este estudo contou com a participação de dez atletas paralímpicos brasileiros, atualmente ativos, filiados ao Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) e com participação em, pelo menos, uma Paralimpíada. Dentre eles, quatro são mulheres, atletas do atletismo, sendo que, duas possuem deficiência visual e duas possuem deficiência física. Os outros seis atletas são homens, dos quais apenas um possui deficiência visual e os demais possuem diferentes tipos de deficiência física. Apenas um deles é praticante de atletismo enquanto os outros cinco são atletas da natação. Sete possuem deficiência congênita e três adquiriram-na após o nascimento. A faixa etária varia de 22 anos a 47 anos de idade.

Neste estudo, os atletas são identificados por números com o objetivo de garantir a privacidade e o anonimato dos mesmos.

Coleta dos dados

Para a coleta de dados foi realizada entrevista semiestruturada. A utilização dessa técnica permite que, a partir do objetivo principal proposto pelo pesquisador, o entrevistado discorra sobre suas experiências e percepções de forma livre e espontânea. A entrevista semiestruturada valoriza também a atuação do entrevistador que pode, durante a entrevista, elucidar questões importantes que não tenham sido esclarecidas (MINAYO, 1994).

Com a finalidade de obter o máximo de informações e garantir a fidelidade com os depoimentos obtidos, foi utilizado o gravador de voz *Stereo MP3 Recording Panasonic RR-US551*, sob a autorização dos entrevistados.

Análise dos dados

Após transcrever integralmente as entrevistas, foi realizada uma leitura detalhada de todas elas de modo a detectar temas e pontos relevantes da trajetória esportiva dos atletas e das suas relações com o esporte paralímpico. Baseando-se na detecção de palavras, frases, expressões e ideias que respondiam às perguntas elaboradas, ao concluir a transcrição e leitura das entrevistas, passou-se à identificação dos elementos importantes existentes nas narrativas. Em seguida, esses elementos foram categorizados de acordo com os objetivos do estudo.

Logo depois, foram realizadas as análises e discussões acerca das categorias elencadas de acordo com referencial teórico. A partir de algumas categorias emergiram subcategorias que facilitaram as análises.

A análise dos dados foi baseada na técnica de análise categorial proposta por Bardin (2010).

A apresentação dos dados e suas discussões ocorreram através de recortes extraídos das entrevistas dos atletas de acordo com as categorias e subcategorias elencadas.

Cuidados éticos

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa, parecer Of. Ref. Número 067/2011/Comitê de Ética (Apêndice A).

Os atletas participaram voluntariamente neste estudo e para tanto, assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido e o de autorização de uso de imagem e de voz (Anexo A e Apêndice B, respectivamente).

A Academia Paralímpica Brasileira, responsável pela coordenação de estudos científicos com os atletas paralímpicos, foi devidamente informada sobre esta pesquisa, emitindo parecer favorável para a realização da mesma (Apêndice C).

Análise e discussão dos resultados

A partir dos depoimentos dos atletas emergiram três categorias que possibilitaram a interpretação dos dados de acordo com os objetivos propostos neste estudo.

A primeira categoria, denominada Mudanças no âmbito pessoal, diz respeito às mudanças positivas relacionadas às questões pessoais do atleta. As subcategorias que representam esta categoria são: aceitação pessoal e oportunidades econômicas, culturais e educacionais.

A segunda categoria, Mudanças no âmbito social, refere-se às mudanças positivas relacionadas à forma como o atleta percebe sua visibilidade perante a sociedade. As subcategorias são: visibilidade/notoriedade social e mito do atleta herói.

A terceira categoria, denominada Aposentadoria, diz respeito ao conhecimento sobre os planejamentos, feitos pelos atletas, com relação ao período que representa o fim da carreira atlética. Esta categoria não possui subcategoria de análise.

1ª Categoria – Mudanças no âmbito pessoal

A pessoa que possui uma deficiência, seja ela congênita ou adquirida, geralmente passa por reestruturações que envolvem importantes aspectos da sua vida pessoal. A adoção de um estilo de vida mais ativo e saudável, a aquisição de novos conhecimentos e, acima de tudo, a percepção sobre novas maneiras de lidar com o

próprio corpo podem acarretar mudanças positivas nos aspectos pessoais inerentes aos seres humanos.

Aceitação pessoal

As pessoas com deficiência, ao aderirem as práticas esportivas, têm a oportunidade de ampliar o repertório motor, de desenvolver atividades até então não realizadas e, de, conseqüentemente, perceber novas aquisições corporais. Tais aquisições, dentre outras, podem atribuir novos significados a relação entre o indivíduo e o seu corpo. Porém, antes que o sujeito comece a (re)significar suas relações corporais e pessoais, Florence (2009) sugere que ele passa por um período de identificação da deficiência para posterior conscientização sobre a sua (nova) condição. No que se refere a este período, alguns atletas entrevistados relataram ter vivido grandes dificuldades para aceitar a condição de pessoa com deficiência.

Acho que a minha dificuldade maior foi eu me aceitar como pessoa com deficiência, quando eu sofri o acidente (Atleta 4).
No meu caso, especificamente, a minha maior dificuldade foi a aceitação enquanto pessoa com deficiência (Atleta 7).

A autora supracitada, ao enfatizar a resistência inicial que a maioria dos atletas demonstra em aceitar a si mesmos, destaca a importância do esporte como ferramenta capaz de auxiliá-lo na descoberta de novas habilidades, capacidades e verdadeiras potencialidades. De acordo com esta autora, através do desporto, novos caminhos e oportunidades podem se abrir para a pessoa com deficiência.

O esporte adaptado, pela sua característica peculiar de possibilitar a realização de movimentos que respeitem a individualidade biológica, permite que pessoas com deficiência executem algumas ações até então inimagináveis por elas mesmas. Após se esforçarem e desenvolverem tais ações, esses sujeitos tendem a se descobrirem sob uma nova perspectiva: a da capacidade. No estudo realizado por Labronici *et al.* (2000), ficou comprovado que os benefícios psicológicos gerados pelo esporte melhoraram a relação do atleta consigo mesmo, fazendo com que ele se sentisse mais capaz perante algumas atividades.

A percepção de novas habilidades e capacidades pode auxiliar o indivíduo a adquirir confiança tanto para lidar consigo mesmo quanto para interagir com as outras

peessoas. Nesse sentido, alguns aspectos relacionados à vida pessoal do atleta, podem ser reafirmados positivamente, através da prática esportiva.

É... ele me facilitou... pra mim mais... pessoal mesmo... né... a eu me tornar a pessoa que eu me tornei... uma pessoa falante... uma pessoa extrovertida... uma pessoa que tem vontade, que busca, que corre atrás. É... hoje eu chego nos lugares, eu não tenho mais vergonha de entrar porque eu sou deficiente visual (Atleta 6).

Eu acho que melhorou, posso dizer 95% do que eu era antes, porque a expectativa de vida que eu tinha antes era totalmente diferente da que eu tenho hoje (Atleta 2).

Eu acho que eu devo tudo ao esporte, de hoje eu estar aqui, de eu estar treinando, competindo, porque eu acho que se eu não tivesse ido naquele momento, eu acho que eu estaria dentro de casa hoje ainda esperando talvez a morte chegar (...) A vida pra mim voltou a fluir, voltou... eu voltei a viver depois do esporte, né (Atleta 3).

Vários são os benefícios, comprovadamente, alcançados com a prática de atividade física e esportes. Conforme Melo e López (2002), a prática paradesportiva promove qualidade de vida às pessoas com deficiência, proporciona-lhes a oportunidade de testar seus limites e potencialidades e prevenir as enfermidades secundárias a sua deficiência. Auxilia também na reabilitação física, psicológica e social, promove ganhos na aptidão física, na independência, autoconfiança para a realização de atividades cotidianas interferindo positivamente no autoconceito e na autoestima dos praticantes (CARDOSO, 2011). Esses benefícios gerados pelas práticas esportivas contribuem para o aumento da qualidade de vida das pessoas com e sem deficiência. Porém, quando levamos em consideração o contexto no qual está inserida a pessoa com deficiência, esses benefícios se tornam ainda mais relevantes, uma vez que esse indivíduo geralmente carrega consigo o estigma de ser diferente.

Apesar de sabermos que cada pessoa é única por possuir características diversificadas, como cor de cabelo, de pele, altura, personalidade, preferências, dentre outras, a deficiência é uma característica que, além de diferenciar pode também segregar. O estigma, conforme afirma Goffman (1982), extingue, isola e ao mesmo tempo reúne os possuidores de um mesmo atributo. Ao serem isolados de atividades comuns aos demais indivíduos da sociedade, em algumas situações, as pessoas com deficiência acabam sendo vistas (erroneamente) como pessoas de baixa capacidade para comandar suas próprias vidas e realizar determinadas tarefas que, na verdade, são capazes de executar. Entretanto, esta forma equivocada de perceber a pessoa com deficiência, pode influenciar negativamente a avaliação que ela faz de si e de suas

capacidades, levando-a a se sentir inferiorizada, dependente e desacreditada dos seus potenciais.

Conforme relatado por Blinde e Taub (1999), como resultado das experiências vividas socialmente e das restritas oportunidades de atuação social, as pessoas com deficiência encontram dificuldades para se identificarem como integrantes da sociedade assim como para perceber as competências que possuem. Muitas vezes, a falta de emprego e as baixas oportunidades educacionais, necessárias para reforçar a posição social, limitam o poder dessas pessoas sobre suas próprias vidas e, conseqüentemente, restringe a autonomia do indivíduo. As autoras afirmam que, com o objetivo de reverter esta situação, torna-se necessário que o sujeito reconheça suas capacidades e habilidades de forma a melhorar a sua percepção sobre suas ações. Sendo assim, os benefícios físicos, sociais e psicológicos oriundos das práticas esportivas, auxiliam no resgate da autoestima, na concretização de sonhos, e na realização pessoal podendo também, proporcionar uma nova avaliação (positiva) sobre si mesmo.

Ah, o esporte paraolímpico facilitou a minha autoestima, eu posso dizer assim. O que melhorou muito foi minha autoestima. (...) não é porque eu não tenho os braços e uma perna que eu não vou conseguir realizar meus sonhos e objetivos (Atleta 1).

O esporte paraolímpico trouxe na minha vida a realização de um sonho, realização de um ideal (Atleta 7).

Eu tive que enxergar com meus próprios olhos, aonde eu tinha minhas limitações. Dentro d'água eu consegui aprender que, com a minha deficiência, as minhas limitações, elas estão exatamente, dentro da minha cabeça (Atleta 7).

(...) eu descobri o sentido da vida, depois que eu comecei a conviver com pessoas com deficiência. (...) Se não fosse o esporte, eu acho que estaria em casa... eu não teria me aceitado ainda...estaria em casa, ainda, numa cama, deitado... (Atleta 4).

De acordo com as autoras supracitadas, ao modificar suas crenças sobre de si mesmo, as pessoas percebem que exercem papel determinante nos eventos cotidianos e na própria vida, aceitando melhor a condição de pessoa com deficiência.

Ashton-Shaeffer *et al.* (2001), após entrevistarem dez atletas paralímpicas, constataram que os benefícios provocados pelo esporte, tais como, aumento da autoestima, do autoconceito, independência, saúde, construção de novas interações sociais, dentre outros, proporcionam maior autonomia diante da vida pessoal e, conseqüentemente, melhor aceitação de si mesmo. Por este motivo, esses autores, concordando com as ideias de Blinde e Taub (1999), afirmam que o esporte adaptado é

um grande aliado das pessoas com deficiência, pois ao desafiar o indivíduo, permite que ele explore suas habilidades, perceba suas potencialidades e adquira confiança para gerenciar a própria vida.

A realização de movimentos, atividades e exercícios antes considerados impossíveis, a superação de limites fisiológicos e psicológicos, a satisfação pessoal e a oportunidade de novas interações sociais são algumas das ações proporcionadas pelo esporte que podem (re)significar positivamente questões individuais do atleta. De fato, o esporte para pessoas com deficiência surgiu com o intuito de auxiliar na recuperação, na (re)inserção das pessoas na sociedade e acima de tudo, promover-lhes uma vida mais ativa, saudável e útil. Consequentemente, o alcance desses objetivos pode proporcionar-lhes a (re)descoberta de características e capacidades que até então, permaneciam sobrepostas/escondidas pela deficiência.

Conforme foi possível perceber, a pessoa com deficiência após se inserir no contexto esportivo, alcança diversos benefícios os quais são responsáveis por melhorar questões pessoais importantes para a qualidade de sua vida. Além dos benefícios psicológicos, melhorias financeiras também podem incrementar aspectos pessoais do atleta com deficiência, assim como pode ser observado nas análises que se seguem.

Oportunidades econômicas, culturais e educacionais

O esporte de alto rendimento, como é classificado o esporte paralímpico, demanda do atleta, investimento físico, psicológico e financeiro. As exigências diárias relacionadas ao treinamento físico, à alimentação, viagens para competições, entre outros, fazem com que, muitas vezes, o atleta não tenha tempo suficiente para se ocupar com outras atividades. Por esse motivo, o esporte passa a ser a profissionalização do atleta, o modo como ele ascende financeiramente.

O esporte me traz condição de vida. Me traz condições.” (Atleta 3).
Hoje, eu ajudo minha família, pago a faculdade do meu irmão... vivo do meu próprio bolso, o que pra mim é uma vitória. E ajudo em casa, então é... isso mais do que uma vitória, é um ideal de vida (Atleta 7).

O esporte paralímpico, desde a sua origem, passou por várias transformações, dentre elas, algumas que, especificamente contribuíram para sua evolução enquanto um esporte competitivo e rentável, tanto para o atleta quanto para os demais profissionais

envolvidos. Com o intuito de se distanciar de um caráter assistencialista, comumente encontrado em projetos sociais, o esporte paralímpico se baseia na profissionalização da pessoa com deficiência, enquanto atleta. Entretanto, para que essa realidade fosse alcançada, algumas iniciativas governamentais se fizeram necessárias e foram surgindo ao longo dos anos facilitando assim, a dedicação exclusiva do atleta ao paradesporto (FLORENCE, 2009).

Uma das iniciativas que muito contribuiu para este avanço foi a implantação, pelo Governo Federal, do programa bolsa-atleta. Inaugurado em 2004, este programa destina a atletas olímpicos e paralímpicos que se destacam nos campeonatos nacionais e mundiais, um incentivo financeiro. Essas bolsas possuem diferentes categoriais tais como, de base, estudantil, nacional, internacional e olímpico/paralímpico. A bolsa olímpica/paralímpica é a que possui maior valor econômico e, no caso dos atletas com deficiência, se destina àqueles que conquistam medalhas nos Jogos Paralímpicos (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2012).

Tem a bolsa-atleta aí, que foi pelo ministério... quer dizer, hoje...eu sempre digo assim: “acho que a moda hoje é ser deficiente físico! Vou ser deficiente!” Porque, você vive bem... só é querer. Vive bem... porque hoje tem bolsa-estudantil, bolsa-nacional, bolsa-internacional, bolsa-paraolímpica... quer dizer... pra você ganhar assim, hoje, R\$ 2.000,00 você tem que ralar (Atleta 4).

Semelhante ao funcionamento do esporte convencional, alguns atletas paralímpicos que se destacam e possuem bons resultados, podem receber bolsas de incentivo financeiro e/ou investimentos de empresas patrocinadoras. Essas, por sua vez, com a intenção de divulgar suas marcas vinculando-as ao paradesporto, despendem valores financeiros, benefícios ou bens materiais destinados ao aprimoramento do atleta. Esses investimentos tanto do Governo Federal quanto de empresas privadas e parceiras do esporte paralímpico nacional proporcionam ao atleta melhores condições de treinamento⁵.

Hoje eu utilizo meu dinheiro com a estrutura de treinamento, como massagens, suplementos, os gastos de casa. Para o nível ao qual a gente chegou, a gente precisa de uma nutricionista, a gente precisa de

⁵ É preciso destacar que nem todos os atletas paralímpicos que ocupam boa posição no cenário esportivo, possuem patrocinadores. Além disso, o patrocínio ainda é uma dificuldade vivenciada tanto por atletas olímpicos quanto paralímpicos.

uma suplementação. Tem treinos que não dá pra você suportar aquele período de treinos sem tomar uma suplementação e ter uma boa alimentação. Então eu uso esse dinheiro pra isso tudo (Atleta 10).

A profissionalização alcançada no alto rendimento pode permitir que o atleta alcance novas condições financeiras e de status pessoal enquanto ascende na categoria de atleta de elite. Desse modo, conforme depoimentos dos atletas entrevistados nesta pesquisa, pode ser possível alcançar e usufruir de benefícios econômicos, geralmente ligados à aquisição de bens materiais e melhores condições de moradia.

É... Os meus quatro irmãos, cada um tem uma casa, né, graças à Deus eu pude tentar retribuir um pouco do que eles fizeram por mim e principalmente minha mãe. (...) E hoje, eu pude dar a casa de 2 pavimentos à minha mãe que, no total são mais de 500m² construídos, né, então é uma casa bem grande, uma casa que eu sempre sonhei e, tudo graças ao esporte (Atleta 9).

Hoje eu posso dizer que eu tenho uma boa moradia (Atleta 2).

Graças a Deus eu consegui ajudar minha família, né, meus pais principalmente. Né, estar realizando o sonho de dá uma casa pra eles, né, e eu consegui fazer isso, esse ano (Atleta 1).

No estudo realizado por Florence (2009), foi possível perceber que apesar de ser numa escala menor que o esporte convencional, o esporte paralímpico possibilita um crescimento financeiro do atleta, o que, lhe garante maior autonomia econômica, principalmente, dentro do contexto familiar. De acordo com a autora, os financiamentos realizados pelo Governo Federal como a bolsa-atleta e outros patrocínios são possíveis responsáveis por esse crescimento.

Os atletas relataram também usufruir de benefícios culturais gerados pelo esporte paralímpico tal como é a oportunidade de conhecer diferentes países e culturas através das viagens que realizam para competições nacionais e internacionais.

Hoje eu conheço o Brasil inteiro, conheço o mundo, graças à natação... Consigo entender melhor as pessoas, a cultura, a regionalidade, graças à natação... Então tudo isso, graças ao esporte (Atleta 9).

Você ter essas oportunidades de conhecer países diferentes, culturas diferentes, pessoas diferentes. De ser um ícone no esporte. O esporte foi muito, muito bom, na minha vida. Foi e tá sendo né (Atleta 10).

(...) E as viagens, né... Pow... Eu já conheci muitos lugares no mundo, Já fui pra China... Nunca imaginei conhecer a China, Pequim... Vários países que eu já conheci, vários lugares do Brasil também que... A gente acaba também, não tendo muito tempo pra conhecer efetivamente, mas são experiências muito ricas, né (Atleta 5).

Segundo os entrevistados, esses benefícios culturais são algumas das vantagens do esporte de alto rendimento. Num estudo realizado por Samulski e Noce (2002), cuja proposta era analisar o perfil psicológico de atletas paralímpicos brasileiros, foi possível perceber que o retorno financeiro e as viagens realizadas para as competições são alguns dos motivos para a aderência e permanência do atleta no paradesporto. Teodoro (2006) também relata a satisfação de atletas paralímpicos, quanto às viagens realizadas e os ganhos pessoais que elas promovem tais como, fazer novas amizades e conhecer diferentes culturas. De acordo com esta autora, esses benefícios fazem parte do funcionamento do esporte adaptado competitivo uma vez que as diversas viagens fazem parte do planejamento anual de todas as modalidades paralímpicas.

O aumento do poder aquisitivo, resultado do trabalho desses atletas também lhes proporciona benefícios intelectuais relacionados ao aperfeiçoamento educacional. Na vida pessoal de um dos atletas entrevistados, esses benefícios se concretizaram através da oportunidade de cursar uma faculdade e fazer um curso de inglês.

O esporte hoje me deu tudo, me deu uma faculdade... Hoje eu sou formado em Educação Física... É... Hoje eu consigo falar... Principalmente com meus adversários, na língua inglesa, que a língua universal né... Fiz curso de inglês... Então, assim, o esporte me deu tudo (Atleta 4).

Jones e Wilson (2009) sugerem que a associação desses benefícios tais como, obtenção de melhores condições financeiras, maior deslocamento geográfico e diferentes oportunidades culturais, pode ampliar a mobilidade (o ir e vir) desses atletas, dentro da sociedade.

Como foi possível perceber através dos depoimentos analisados, essas novas experiências podem, consequentemente, melhorar aspectos da vida particular da pessoa com deficiência, como por exemplo, adquirir bens materiais, aperfeiçoar a formação educacional e conhecer diferentes lugares. Porém, vale ressaltar que nem todos os atletas envolvidos no Movimento alcançam todas elas, pois assim como no esporte convencional, não são todos os atletas que atingem uma posição de destaque.

2ª Categoria – Mudanças no âmbito social

A melhoria de aspectos pessoais do atleta, assim como o seu desenvolvimento profissional podem influenciar questões sociais, como, por exemplo, a maneira como o

atleta é visto pelas outras pessoas e como suas relações sociais podem ser alteradas por este novo olhar. As transformações positivas provocadas pelo Esporte Paralímpico percebidas pelos atletas selecionados podem, portanto, demonstrar a contribuição deste fenômeno na vida dos entrevistados.

Visibilidade/reconhecimento social

Os atletas treinam arduamente com o objetivo de alcançar vitórias, conquistar medalhas, bater recordes e satisfazer uma necessidade pessoal. Quando atingem uma posição satisfatória no *ranking* nacional e mundial, passam a ocupar uma posição de destaque dentre os demais e, conseqüentemente, tornam-se mais visíveis na sociedade. Conforme uma pesquisa realizada por Kosel (1993), a visibilidade social constitui um importante fator para o reconhecimento das pessoas com deficiência e de suas potencialidades. De acordo com o autor, através desse reconhecimento, torna-se mais fácil aos atletas se sentirem melhor aceitos pela sociedade em geral e, admirados por familiares, amigos e conhecidos. Conseqüentemente, em alguns casos, as relações pessoais e sociais podem ser estabelecidas com base na capacidade e autonomia do indivíduo em detrimento da dependência e da exclusão. Entretanto, ressaltamos que nem todos os atletas alcançam este reconhecimento social e que este não é obrigatoriamente positivo. A ponderação deve ser feita levando em consideração as características do indivíduo e o contexto no qual ele está inserido.

A percepção dos atletas entrevistados neste estudo, sobre a sua configuração diante da sociedade demonstrou que eles se sentem, atualmente, reconhecidos, seja a nível local, nacional ou internacional. Alguns depoimentos sugerem que o esporte de alto rendimento proporcionou-lhes maior visibilidade e reconhecimento social. Este ponto demonstra uma percepção diferenciada do atleta com deficiência sobre ele mesmo, pois em detrimento daquela pessoa anônima e com baixo valor, os atletas se percebem atualmente, reconhecidos e valorizados pelas outras pessoas.

Hoje eu sou uma atleta de nome, conhecida na nossa cidade de São José do Rio Preto, interior de SP e, até mesmo em SP eu sou conhecida. Algumas vezes a gente passa, as pessoas param: “Olha eu te vi na televisão! Olha eu te vi no Fantástico!”. Jornal Nacional... Então, assim... Isso muda (Atleta 6).

A facilidade que o esporte trouxe pra mim é... Ser reconhecida. Pra mim, pra mim Rosinha, é muito gostoso você ser reconhecida na...

você andar, você ir ao shopping, as pessoas pararem você, tirar foto. (...) Eu fui lançada para um mundo e aí o mundo todo me conhece (Atleta 2).

Eu saio na rua, acho que acontece comigo e com outros atletas né... Você não é visto mais como um deficiente, é visto como um atleta. Você entra numa loja, a pessoa te olha assim... Quando te conhece, vê que você é a... “Nossa! Eu te conheço de algum lugar!”. Né? Então, o tratamento já é diferente (Atleta 10).

Atletas interrogados por Rosadas (2000) também se sentiram mais reconhecidos socialmente após tornarem-se esportistas paralímpicos e conquistarem medalhas importantes para o país.

A percepção dos sujeitos de se tornarem reconhecidos através da prática paradesportiva, sugere que “o ser atleta” tenha uma conotação ainda mais representativa, tanto para as pessoas com deficiência quanto para a sociedade, de forma geral. Os treinamentos, as competições, a rotina, as pessoas envolvidas, o ambiente e os demais aspectos que caracterizam a condição de ser atleta, estão associados à busca pelo máximo desempenho, ao rendimento e à superação de limites biológicos. Portanto, a ideia de se identificar com um novo grupo – atletas – pode conferir ao indivíduo com deficiência uma nova concepção de seu corpo: a concepção de um corpo produtivo e eficiente em detrimento daquele historicamente construído como debilitado e ineficiente.

A Teoria da Identidade Social de Henri Tajfel (1981), citada por Fialho e Pereira (2006), aponta que as pessoas precisam de uma identidade pessoal e uma identidade social positiva e, por isso, necessitam pertencer a grupos socialmente valorizados. Ao pertencer a este novo grupo, o indivíduo cria um sentimento de coletividade que o envolve e o faz se identificar cada vez mais com ele, suas normas e valores.

Este fato pode, conseqüentemente, fazer com que as pessoas passem a identificar o indivíduo com deficiência como “o atleta”, “o recordista”, “o nadador” ao invés de “o coitadinho”, “o aleijado”. Essas situações são corriqueiramente vivenciadas pelos atletas que começam a se destacar no cenário esportivo nacional e mundial, conforme alguns depoimentos.

Antes eu era conhecida como a “faxinerinha da rodoviária” em Pianópolis, né. A “ceguinha da rodoviária”. Eu trabalhava, né, como faxineira de lá. Aí, depois eu me tornei “a atleta” (ênfase na fala). A atleta Rio Pretense, a atleta pirapolense, a Ana Tércia Soares. Então eu deixei de ser a ceguinha da rodoviária. (...) Eu não sou vista como

uma deficiente, uma coitadinha... Que supera. Hoje eu sou vista como uma atleta de alto rendimento (Atleta 6).

Elas (as pessoas da sociedade) me veem como uma pessoa, um ser humano e também eles visam muito “a atleta”, a “Bete atleta”. “Olha a Bete atleta! Olha! Ela está aqui, está ali...” (...) Existe uma visibilidade maior (Atleta 3).

As considerações feitas sobre esses depoimentos levam em consideração os ambientes nos quais esses atletas transitam. Por estarmos analisando as falas de um grupo de atletas que possuem visibilidade dentro do movimento paralímpico e fazermos referência às questões pessoais e subjetivas, não é possível afirmar que o mesmo ocorre com todas as pessoas com deficiência que praticam esportes no Brasil.

Brazuna e Castro (2001) afirmam que essa construção da percepção da identidade de atleta, ao invés da identidade de “pessoa deficiente”, pode ser um dos resultados mais importantes do esporte de alto rendimento para a pessoa com deficiência. Além de possibilitar o reconhecimento social a partir da demonstração das próprias capacidades, ainda permite a consagração de um corpo habilidoso. Segundo essas autoras, o desempenho alcançado pelo atleta com deficiência, dentro da água, torna imperceptível a falta de um membro, embora ele reconheça sua ausência.

Corroborando as ideias anteriores, Ashton-Shaeffer *et al.* (2001) encontraram, através de relatos de dez atletas paralímpicos, evidências de que o envolvimento com o esporte adaptado de alto nível foi uma forma de recuperar o controle sobre seus corpos que se encontravam mais ativos e saudáveis. As atletas afirmaram que as capacidades desenvolvidas através do esporte competitivo ajudaram-lhes a estabelecer uma identidade social baseada no papel de “ser atleta” ao invés de ser “uma pessoa com deficiência”, tornando mais fácil resistir aos estereótipos associados à deficiência.

Taub *et al.* (1999) afirmam que, por estarem inseridos numa cultura que engrandece o belo, o perfeito, o “desejável”, as pessoas que possuem deficiência física, geralmente são estigmatizadas por possuírem atributos físicos que não correspondem à maioria dos corpos, e, portanto, são discriminadas e excluídas socialmente. Por entender que tais atributos podem prejudicar as relações pessoais e sociais desses indivíduos, as autoras entrevistaram 24 atletas, do sexo masculino, que possuem deficiência física. Através dos resultados, as autoras verificaram que, os esportistas acreditam que o esporte pode interferir positivamente na vida da pessoa com deficiência, pois ao desenvolver habilidades físicas específicas das modalidades, e, conseqüentemente, um corpo saudável, habilidoso, musculoso, torna-se mais fácil superar as limitações físicas,

ao mesmo tempo em que é possível demonstrar socialmente uma estreita relação com a identidade atlética. De acordo com os entrevistados, essa associação pode minimizar o efeito negativo atribuído à deficiência.

As participações em campeonatos internacionais, vitórias e recordes alcançados nesses eventos podem também contribuir no aumento da visibilidade do atleta. O depoimento a seguir exemplifica essa situação.

Eu acho que essa visibilidade ganhou muita força né, o esporte paraolímpico ganhou muita força. Depois desse Parapan-americano agora (2011), voltar com medalha te trás uma visibilidade maior pra população em geral e, na minha cidade foi... Né... Em Santos... Eu sou daqui de São Paulo, mas eu resido em Santos. Foi sensacional, né. O pessoal que treina comigo, da onde eu moro, muita gente que acompanhou, torceu, né... É fantástico, né (Atleta 5).

Apesar de reconhecer que a conquista de medalhas pode gerar reconhecimento social a nível local, neste depoimento o atleta pode ter se equivocado quanto à visibilidade alcançada através dos Jogos Parapan-americanos realizados no México, em 2011, uma vez que a mídia televisiva se limitou a divulgar apenas os resultados finais de cada competição, através de curtas chamadas no noticiário. Porém, ao relembramos os Jogos Parapan-americanos de 2007, realizados no Rio de Janeiro, verificamos que eles grande repercussão no território nacional e influenciaram positivamente a visibilidade do paradesporto nacional (CPB, 2012). Afinal, além de terem sido realizados numa grande cidade brasileira, na qual se concentram as maiores mídias nacionais, permitiu que diversas pessoas tivessem acesso ao esporte paralímpico, tanto no que diz respeito à divulgação midiática quanto à possibilidade de assistir ao vivo, as competições. Esses jogos contribuíram para que pessoas que até então desconheciam o paradesporto, pudessem conhecê-lo, assim como conhecer os atletas que representavam o país naquele momento. Este fato ampliou a visibilidade aos atletas brasileiros e ao movimento paralímpico.

O mito do atleta herói

Alguns atletas, após se tornarem reconhecidos podem se transformar em referência para alguns de seus pares. Em estudos como os de Furst *et al.* (1993) e Rosadas (2000), ficou comprovado que algumas pessoas com deficiência começaram a

se envolver com o esporte adaptado, após se espelharem em seus pares que se destacavam dentro do cenário esportivo nacional. Goffman (1982) afirma que neste caso, as pessoas possuidoras de um estigma, que conhecem os problemas vividos pelos seus pares e alcançam algum destaque social, passam a atuar como seu representante. Esse representante ameniza socialmente o rótulo do grupo a que pertence e pode acabar se transformando num exemplo a ser seguido.

Quando eu penso num ponto de vista... Social... Vamos dizer... Eu não me considero ídolo, mas eu me coloco num patamar de referência. Então eu sei que, pra 25 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência no Brasil, eu sou espelho, eu sou... Modelo a se seguir (...) (Atleta 7).

Numa revisão de literatura, realizada por Brazuna e Castro (2001), foram encontrados dados que confirmam que os atletas com deficiência tornam-se exemplos a serem seguidos pelos seus pares que se encontram em diferentes fases de sedentarismo, recuperação ou iniciação esportiva.

O esporte moderno, consolidado pelos mesmos princípios que regem a sociedade capitalista pós-industrial, possui dentre outras características fundamentais, a queda do amadorismo e a busca incessante pelo alto rendimento, ou seja, o esporte competitivo. Em meio a esse fenômeno que arrasta multidões de torcedores e admiradores, não é somente a ideologia e a paixão os responsáveis por tamanho sucesso. Segundo Helal (1997) e Rúbio (2001), um fenômeno de massa como o esporte necessita de “heróis”, “estrelas” ou “ídolos” para se sustentar por muito tempo, uma vez que eles levam as pessoas a se identificarem com aquele evento.

Dessa forma, numa relação entre o ego e o desempenho de papéis sociais, muitas vezes o atleta também acaba se identificado com a figura espetacular sugerida pela condição de esportista, ou seja, aquele capaz de gerar grandes feitos. No esporte paralímpico esses aspectos parecem também estar presentes, conforme os depoimentos a seguir.

Hoje me deixa muito feliz olhar pra trás e ver que eu passei por tudo aquilo e, graças à natação, quando veio na minha vida, quando eu comecei a ser ídolo, quando eu comecei a ganhar dinheiro na natação, hoje a vida na minha família é bem diferente. Hoje eu conheço o Brasil inteiro, conheço o mundo, graças à natação (...) (Atleta 9).

(...) hoje em dia... Eu como atleta paraolímpico que sou, hoje eu sou um espelho pra família. Entendeu? Meus irmãos se espelham em mim (Atleta 4).

(...) eu jamais imaginei... Uma pessoa com deficiência ser exemplo pra uma criança sem deficiência nenhuma, né. Então muitos chegaram já pra mim e falaram: “Poxa, você é um exemplo pra mim”. Sabe, uma criança falar isso. Eu jamais, jamais, jamais imaginei isso, então isso é fantástico, isso é bacana, isso é a pessoa ver o campeão, e não o deficiente que se superou. Então é... Isso é fantástico! (Atleta 1).

Essa identificação do atleta com o ídolo, o exemplo a ser seguido vem associada à ideia daquele indivíduo que, apesar de todas as dificuldades vivenciadas, conseguiu superá-las. Tal relação nos faz lembrar a figura mítica do herói, pois, segundo Rubio (2001, p.97), o “papel que desempenham como representantes de uma comunidade, frequentemente transpondo obstáculos aparentemente intransponíveis, favorece a construção da condição de herói”. Embora essa condição tenha sido construída num contexto diferenciado no qual não se considerava a pessoa com deficiência como um herói, atrevemo-nos a relacioná-la com o atleta paralímpico.

Os obstáculos aparentemente intransponíveis mencionados pela autora podem ser visualizados na trajetória esportiva dos atletas com deficiência. Uma vez que a superação de dificuldades pessoais, sociais e físicas já faz parte do cotidiano dessas pessoas, visto a sociedade pouco preparada para lidar com a diversidade, no esporte competitivo que visa a máxima *performance*, esses obstáculos podem se tornar ainda maiores. Não que o esporte convencional não exija superação de seus atletas, mas a superação da deficiência, por si só, pode se transformar em uma das grandes dificuldades enfrentadas por eles. Além dessas dificuldades, alguns sacrifícios também são realizados em função da vida atlética, como por exemplo, o abandono da casa dos pais em detrimento da mudança para outras cidades e a convivência com pessoas desconhecidas. Essas dificuldades, dentre outras, caracterizam os sacrifícios realizados pelos heróis, ao buscar pelas suas vitórias (RUBIO, 2003).

A superação e o sacrifício, conforme aponta Gonçalves *et al.* (2010), podem ser entendidos como uma via de ascetismo e como algo inerente à imagem do paratleta, como um mecanismo de compensação da deficiência, mas que ao mesmo tempo reduz o sujeito à condição de deficiente. Este autor destaca que tal discurso – o de inigualável esforço e sofrimento vivido por essas pessoas – fomenta a construção de um ideário de prestígio moral para o paradesporto. Ao serem considerados como exemplos de superação, os paratletas usufruem determinado reconhecimento social devido a todo seu

empenho e sacrifício em se inserirem na sociedade por meio da prática de esportes adaptados.

Segundo Rúbio (2001), a trajetória esportiva em si, pode ser um caminho desconhecido que requer do indivíduo, persistência, determinação, paciência e disciplina. Os atletas que transpõem todas as etapas deste caminho representam uma parcela ínfima da população que superou todas as dificuldades. Esses, que realmente conseguem atingir satisfatórios níveis de atuação e exposição – como os paratletas de elite – podem acabar se tornando ídolos ou referências para seus pares. Assim como Rubio (2001), Gonçalves *et al.* (2010) também sugerem que é por essas vias que vai sendo construída a ideia dos paratletas heróis. Essa configuração se estabelece, pouco a pouco, a partir da relação com o sacrifício e a superação inigualáveis.

A construção desta ideia referente aos paratletas nos leva a esclarecer sobre o mito do herói oriundo da mitologia grega. De acordo com Campbell (1990),

Herói é o nome dado por Homero aos homens que possuem coragem e méritos superiores, favoritos entre os deuses; para Hesíodo são filhos da união entre um deus e uma mortal ou de uma deusa com um mortal. Na mitologia grega, das uniões que Zeus contraiu com mulheres nasceram, por exemplo, heróis como Perseu e Herácles (CAMPBELL, 1990, p.145).

Ainda segundo este autor, a esses heróis, dos tempos arcaicos, era concedida a missão de proteger as cidades, os povos e as crenças. Essas, por sua vez, destinavam aos deuses o poder sobre todas as manifestações da natureza. Campbell afirma que as histórias de heróis variam de acordo com a cultura e acompanham a evolução temporal vivida pelas sociedades. Por este motivo, torna-se essencial distinguir aquele herói mítico grego do que podemos encontrar em nossa sociedade moderna. Diferentemente dos tempos arcaicos, a ideia do herói moderno, segundo Campbell (1990), está intimamente associada ao homem ou a mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas (CAMPBELL, s/d *apud* RUBIO, 2001). Logo, existe um significado psicológico tanto para o indivíduo quanto para a sociedade. Nesta relação, o paratleta, ao perceber seu esforço reconhecido e admirado, encontra e/ou reafirma parte de sua personalidade. Enquanto isso a sociedade, em situação análoga, institui uma identidade coletiva na qual pode também se sustentar. O depoimento a seguir ilustra um pouco essa relação.

Mas o gostoso disso tudo (ser um atleta reconhecido) é... aquelas pessoas anônimas que nunca... né... não tinha amizade e nada...e que você sai na rua, aquelas pessoas vêm te abraçar, vem dizer que você – como já aconteceu comigo várias vezes – quando eu morava no RJ, eu morei 7 anos no RJ, e um momento assim que marcou muito a minha vida, foi logo que eu voltei de Sidney, eu tava indo... voltando do Célio de Barros, e veio um senhor... eu tava com a minha filha e ele chegou pra mim e disse assim: “Eu posso te dar um abraço?”. Eu falei: “Claro que sim!”. Ele me abraçou e falou assim: “Olha menina, muito obrigada. Você me tirou de um buraco. Eu tava pensando em fazer muitas coisas com a minha vida, e quando eu vi você na televisão, você correndo, você vencendo.... no outro dia, minha cabeça já era outra. Ele só me abraçou e saiu (Atleta 10).

As ideias expostas anteriormente, oriundas das categorias elencadas, reafirmam a importância que a visibilidade social gerada pelo esporte paralímpico exerce na vida dos sujeitos entrevistados. Essa notoriedade, consolidada através de algumas atitudes, permite que os atletas se sintam reconhecidos e valorizados profissionalmente. Em alguns casos, essa nova configuração percebida pelo atleta, contribui também para que ele se torne um exemplo a ser seguido e admirado, permitindo a identificação da sociedade – ou parte dela – com os seus feitos.

Essas ressignificações sociais provocadas pelo esporte de alto rendimento são essenciais para o crescimento pessoal do atleta com deficiência, para a afirmação da sua personalidade e acima de tudo, para a melhoria de suas interações sociais. Entretanto, apesar de as interferências negativas não tenham sido foco deste estudo, é importante destacar que o aumento da visibilidade social e a identificação do atleta com o herói, devem ser encarados com cautela e criticidade. Deve-se evitar que esses fatores gerem situações utópicas aos atletas paralímpicos, como por exemplo, o fim do preconceito, da discriminação ou ideia de que o esporte paralímpico possui apenas aspectos positivos. De fato, este fenômeno possui vantagens e desvantagens, porém, neste trabalho, optamos por conhecer e refletir somente as mudanças positivas vivenciadas pelos atletas entrevistados.

Analisando todas essas vantagens adquiridas dentro do paradesporto, nos perguntamos: até quando esses benefícios farão parte da vida do atleta paralímpico? Como ele planeja sua vida para o período “pós-atleta”? O que ele faz para que, pelo menos parte desses benefícios alcançados durante a trajetória esportiva, perpetue após o término da carreira atlética? Se existe um plano de carreira para esses atletas, qual é a sua perspectiva? Foi tentando responder ou pelo menos clarear essas questões, que chegamos à última categoria de análise: a aposentadoria.

3ª Categoria: Aposentadoria

A aposentadoria, conhecida como a saída de um trabalho regular ou como o fim de uma carreira profissional é uma realidade para grande parte da população. O atleta passa por várias transições ao longo da carreira esportiva, porém, essa fase de transição para o término da carreira de atleta requer ajustamentos em todas as esferas da vida ocupacional, financeira, psicológica e social. Conforme Brandão *et al.* (2000), essa transição pode ser positiva, quando há uma elaboração prévia das condições para o ajustamento, ou negativa, quando não há uma preparação adequada e/ou dificuldades para se adaptar à nova fase.

Ao abordarmos a temática da aposentadoria tomando como sujeitos os atletas paralímpicos, verificamos na literatura que ainda é baixo o número de pessoas que realmente se preparam para o fim da carreira atlética. Uma pequena parcela desta população recebe alguma informação ou apoio institucional a respeito, enquanto a grande maioria possui uma vaga ideia, ao invés de um plano bem elaborado. Sendo uma questão recentemente levantada por pesquisadores ligados ao esporte paralímpico este assunto sugere uma reflexão tanto para os atletas quanto para as organizações que controlam o desporto adaptado (BRASIL, 1994).

Após questionarmos os dez atletas participantes deste estudo sobre o que planejavam fazer após o fim da carreira atlética, apenas um atleta declarou não planejar nada para seu futuro.

Eu não planejo nada... eu quero sim concretizar um sonho de 4 grandes eventos na minha vida, então, com certeza até 2020 vocês ainda vão ver minha carinha aí. (risos). Mas com 36 anos com certeza não vou estar nadando todas as provas. Isso é algo que é uma realidade pra mim... mas aposentadoria eu não falo (Atleta 7).

Este dado vai de encontro aos estudos de Wheeler *et al.* (1996) que, ao investigar a transição para a aposentadoria de dezoito atletas paralímpicos observaram que o planejamento não foi uma ação comum entre os indivíduos. Segundo os autores, além de alguns atletas não terem sido informados sobre a elaboração de um plano de carreira, outros achavam que sempre era cedo para realizá-lo. Fatores como tristeza, medo e ameaça à identidade estavam, em alguns casos, associados à falta ou à prorrogação do planejamento.

A maioria dos atletas entrevistados respondeu que deseja atuar dentro do paradesporto, dentro do movimento paraolímpico. As áreas de atuação abrangem treinamento físico e técnico de atletas, direção administrativa do esporte e coordenação de projetos sociais.

Eu pretendo, tenho um sonho de abrir uma empresa em Alagoas, pra ajudar vários atletas que nunca tem investimento. Atletas paraolímpicos, adaptados (Atleta 8).

Quando eu terminar, eu quero trabalhar com pessoas com deficiência e, descobrir aí também, novos atletas (Atleta 4).

Quando eu terminar minha carreira de atleta, eu quero trabalhar com meu público. Meu público é criança. A minha equipe está providenciando um projeto e nesse projeto eu vou trabalhar junto com o esporte paraolímpico (Atleta 2).

Eu penso em muitas coisas quando parar, assim... de repente, não sei... trabalhar na piscina mesmo... ou de repente, estar envolvido no esporte, mas sem estar do lado da piscina. Então, são algumas coisas que... eu sei que eu quero melhorar o esporte paraolímpico fora (Atleta 1).

Ah, eu provavelmente vou querer continuar trabalhando próximo ao esporte paraolímpico. Ainda não sei exatamente em que área. Gostaria muito de trabalhar como técnico de natação (...) e, se não for como técnico, de alguma forma dentro do esporte paraolímpico contribuindo para a melhoria, né. Para que o esporte paraolímpico no Brasil cresça, né. E no mundo também, né, porque, conseqüentemente, vai acabar melhorando a condição do atleta no mundo todo (Atleta 5).

Bom, eu digo assim... se eu tiver 105 anos e puder estar no esporte, eu vou estar (...) Mas, de outra forma, eu vou querer ser uma dirigente do esporte (Atleta 3).

Esses planos são similares aos achados de Florence (2009) que, ao entrevistar atletas paralímpicos, constatou que a maioria deles deseja estar envolvida em projetos sociais destinados ao desenvolvimento do paradesporto, após o término da carreira atlética. Apenas dois sujeitos declararam não terem feito nenhum planejamento ainda. Palla (1997 *apud* BRAZUNO; CASTRO, 2001) afirma que o reinvestimento no esporte é uma das estratégias mais utilizadas pelos atletas podendo estar associado ao treinamento, administração e envolvimento contínuo nos esportes em nível recreativo quanto competitivo.

Embora a maioria dos atletas (nove sujeitos) tenha planos para o que vão fazer durante a aposentadoria, apenas dois estão realmente se preparando ou vão se preparar para desenvolver as atividades planejadas.

Sim... eu estou fazendo a faculdade, né...pra trabalhar com atletas, né. Paratletas. Eu quero trabalhar com pessoas de alto rendimento ou que esteja iniciando no esporte, eu quero trabalhar. Quero fazer parte do CPB (Atleta 6).

Meu sonho é, terminar meus estudos, fazer uma faculdade. É... ficar no meio esportivo, trabalhando com atletas. Penso também, de repente, numa nutrição ou fisioterapia, mas... eu tenho vontade de fazer uma coisa pra eu continuar no esporte (paraolímpico) (Atleta 10).

Conforme ressalta Brandão *et al.* (2000), a concretização de uma transição positiva entre a carreira de atleta e o seu término depende, em grande parte, da conquista e manutenção da autonomia pessoal e da conscientização sobre as formas de investimento, reinvestimento e desligamento dentro e/ou fora da área esportiva. Segundo os autores, “alguns atletas negligenciam a importância desta preparação, iludidos de que a notoriedade atlética irá resolver todos os seus problemas” (p.49). Porém não é sempre que os atletas de elite estão habilitados para desenvolver determinadas atividades. Por esse motivo, é importante que a preparação do atleta para sua futura atividade profissional faça parte do planejamento realizado ao longo da trajetória esportiva.

A realização desses apontamentos sobre o planejamento da aposentadoria incita questões importantes referentes ao futuro profissional dos atuais atletas paralímpicos. Será que os atletas que desejam trabalhar no movimento, desenvolvendo novas atividades, estão se preparando para tal? Como esses atletas pretendem se manter em tais atividades, sem uma formação adequada, se um dos objetivos do CPB é qualificar profissionais para atuar no paradesporto? Esses questionamentos devem ser refletidos, debatidos e colocados em prática pelos atletas que atualmente estão trabalhando com o esporte adaptado. De forma que, ao deixar a carreira atlética, todos possam continuar desenvolvendo, de forma competente e prazerosa suas novas atividades profissionais.

Considerações finais

O esporte adaptado é uma prática que possui a peculiar característica de estimular o desenvolvimento de atividades físicas cujos princípios respeitam a diversidade e as necessidades específicas de pessoas com deficiência. Ao aderirem às práticas paradesportivas, as pessoas com deficiência têm a oportunidade de vivenciar

novas experiências motoras psicológicas e sociais provocando melhorias na qualidade de sua vida.

Os benefícios provocados pelo esporte, tais como aumento da autoestima, do autoconceito, independência para realizar atividades cotidianas, saúde, construção de novas interações sociais, dentre outros, incrementam a autonomia do indivíduo diante da sua própria vida e, conseqüentemente, sua aceitação pessoal. Dessa forma, torna-se possível alterar positivamente a avaliação feita sobre si mesmo.

Outro aspecto modificado na vida dos atletas entrevistados, após terem se tornado destaques do esporte adaptado de alto rendimento diz respeito às oportunidades financeiras, culturais e intelectuais geradas pela profissionalização esportiva. Conforme foi possível perceber, melhores condições econômicas, viagens para diversos países, investimentos pessoais, são alguns das vantagens proporcionadas pelo esporte paraolímpico.

Além de ganhos pessoais, o esporte paralímpico proporcionou aos atletas investigados maior visibilidade e reconhecimento social o que, nas suas percepções, fortalece a identidade de ser atleta em detrimento da de pessoa com deficiência. Segundo os depoimentos, essa nova identificação permite melhorias na vida do atleta. O reconhecimento social, conciliado às diversas conquistas e resultados, permitem inferir que há a identificação de alguns atletas com o herói, o ídolo, o modelo a ser seguido pelos seus pares, fato este que pode ampliar a sua valorização enquanto sujeito inserido na sociedade. A figura histórica do herói remetida à ideia da transposição de obstáculos e posterior realização de grandes feitos pode estar associada a algumas falas dos atletas paralímpicos no que tange alguns momentos da sua trajetória esportiva.

Essas mudanças sentidas e percebidas pelos atletas, reafirmam a influência positiva que o esporte de alto rendimento pode exercer em aspectos relacionados tanto à sua vida pessoal quanto social. Além de proporcionar-lhes novas oportunidades de testar suas habilidades e potencialidades auxilia também no desenvolvimento e na manutenção de um corpo saudável, habilidoso e dotado de potencialidades.

Ao buscar conhecer quais são os planejamentos realizados pelos atletas paralímpicos para o período após o término da carreira esportiva, notamos que a maioria dos atletas pretende continuar envolvida no contexto paradesportivo. Entretanto, poucos são os sujeitos que estão realmente se preparando para este momento. Esta realidade sugere a adoção de medidas que conscientizem os atletas sobre a importância de tal preparação de forma que a adaptação à nova fase ocorra de forma positiva e satisfatória.

Por fim, embora reconheçamos que a inserção ao esporte paralímpico também esteja permeada por aspectos negativos e complicadores tanto no que tange a vida pessoal quanto social do atleta, optamos por analisar e discutir somente as mudanças positivas vivenciadas pelos sujeitos entrevistados. Entendemos que o estudo das variáveis negativas também são importantes para o desenvolvimento do paradesporto e, acima de tudo, para a melhoria da qualidade de vida dos atletas. Por este motivo, a análise desses aspectos torna-se uma sugestão para investigações futuras.

Referências Bibliográficas

ASHTON-SHAEFFER, C.; GIBSON, H.; HOLT, M.; WILLMING, C. Women's resistance and Empowerment through Wheelchair Sport. **World Leisure Journal**, v.43, n.4, p.11-21, 2001.

BARBANTI, V. J. **Dicionário de educação física e esporte**. São Paulo: Manole, 1994.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 5. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.

BARROS, J. M. C. Recursos Humanos no esporte de alto nível. In: Simpósio Dimensões Sociológicas e Políticas. **Anais...** EFEUSP, Departamento de Esportes, 1993.

BLINDE, E. M.; TAUB, D. E. Personal Empowerment through Sport and Physical Fitness Activity: Perspectives from Male College Students with Physical and Sensory Disabilities. **Journal of Sport Behavior**, v.22, 1999.

BRANDÃO, M. R. F.; AKEL, M. C.; ANDRADE, S. A.; GUISELINI, M. A. N.; MARTINI, L. A.; NASTÁS, M. A. Causas e consequências da transição de carreira esportiva: uma revisão de literatura. **Ver. Bras. Cie. e Mov. Brasília**, v.8, n.1, p.49-48, jan. 2000.

BRAZUNA, M. R.; CASTRO, L. M. A Trajetória do Atleta Portador de Deficiência Física no Esporte Adaptado de Rendimento. Uma Revisão da Literatura. **Motriz**, v. 7, n.2, p.115-123, jul./dez. 2001.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Educação física e desportos: administração**. Secretaria de Educação Física e Desportos, 1994.

BRASIL. Ministério do Esporte. Alto rendimento. **Bolsa atleta**. Sobre a bolsa atleta. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/snear/bolsaAtleta/sobre.jsp>>. Acesso em: 10 mar. 2012.

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Ahena, 1990.

CARDOSO, V. D. A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v.33, n.2, p.529-539, abr./jun. 2011.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Esportes**. Competições. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/competicoes/>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

FIALHO, K. L. L.; PEREIRA, M. E. A influência de ser atleta na identidade social de portadores de deficiência física. **Psicol. Argum.**, Curitiba, v.24, n.46, p.67-78, jul./set. 2006.

FLORENCE, R. B. P. **Medalhistas de ouro nas paraolimpíadas de Atenas 2004: reflexões de suas trajetórias no desporto adaptado**. 2009. Tese (Doutorado,) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2009.

FURST, D. M.; FERR, T.; MEGGINSON, N. Motivation of disable athletes to participate in triathlons. **Psychological Reports**, v.72, n.2, p.403-406, 1993.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas. 2010.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 4. ed. 1982.

GONÇALVES, G.C.; ALBINO, B. S.; VAZ, A. F. **O herói esportivo deficiente: aspectos do discurso em mídia impressa sobre o Parapan-americano 2007**. Disponível em: <http://www.labomidia.ufsc.br/pesquisas/Pesquisa2010/pan/10_Parapan.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2012.

GORGATI, M. G.; GORGATI, T. O esporte para pessoas com deficiência. In: GORGATI, M. G.; COSTA, R. F. **Atividade Física Adaptada**. Qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais. 2. ed. Barueri-SP: Manole, 2008.

GORLA, J. I.; ARAÚJO, P. F.; CALEGARI, D. R.; CARMINATO, R. A.; COSTA E SILVA, A. A. A composição corporal em indivíduos com lesão medular praticantes de basquetebol em cadeira de rodas. **Arq. Ciênc. Saúde Unipar**, Umuarama, v.11, n.1, p.39-44, jan./abr. 2007.

HELAL, R. **Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

JONES, C.; WILSON, C. Defining advantage and athletic performance: The case of Oscar Pistorius. **European Journal of Sport Science**, v.9, n.2, 2009.

KOSEL, H. Competitive sports for handicapped patients. Motivation, attitude, facts. **Rehabilitation (Stuttg)**, v.32, n.4, p.241-249, nov. 1993.

LABRONICI, R. H. D. D. *et al.* Esporte como fator de integração do deficiente físico na sociedade. **Arquivos Neuro-Psiquiatria**, v.58, n.4, p.1092-1099, 2000.

MELO, A. C. R.; LÓPEZ, R. F. A. O Esporte Adaptado. **Revista Digital**, Buenos Aires, v.8, n.51, jul. 2002. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd51/esporte.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 3. ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1994.

ROSADAS, S. C. **Sucesso de pessoas portadoras de deficiência através da prática esportiva: um estudo de caso**. 2000. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, SP, 2000.

RUBIO, K. Análise social do fenômeno esportivo e o papel do Psicólogo. In: RUBIO, K. (Org.). **Psicologia do Esporte Aplicada**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

RUBIO, K. **O imaginário esportivo contemporâneo: o atleta e o mito do herói**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SAMULSKI, D.; NOCE, F. Perfil psicológico de atletas paraolímpicos brasileiros. **Rev. Bras. Med. Esporte**, v.8, n.4, jul./ago. 2002.

SOUZA, P. A. **Desporto na paraplegia e tetraplegia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1994.

TAUB, D. E.; BLINDE, E. M.; GREER, K. R. Stigma Management Through Participation in Sport and Physical Activity: Experiences of Male College Students with Physical Disabilities. **Human Relations**, v.52, p.1469, 1999.

TEODORO, C. M. **Esporte adaptado de alto rendimento praticado por pessoas com deficiência: relatos de atletas paraolímpicos**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, 2006.

WHEELER, G.; MALONE, L.; VAN VLACK, S.; NELSON, E.; STEADWARD, R. Retirement from Paralympic sport: A pilot study. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v.13, n.4, p.382-399, 1996.

3 CONCLUSÕES GERAIS

Após analisar o caminho percorrido pelo Esporte Paralímpico no Brasil e no mundo pudemos concluir que este fenômeno vem alcançando progressivamente uma evolução tanto no que diz respeito ao nível de organização, controle e estrutura, quanto no que tange o amadurecimento técnico, psicológico e físico de seus praticantes. A incessante busca pela disseminação das práticas paradesportivas favorecem o desenvolvimento do Movimento Paralímpico, assim como incrementa a qualidade de vida de diversas pessoas com deficiência.

A constante atualização do Movimento em prol da profissionalização do esporte adaptado estimula o desenvolvimento de estratégias voltadas para ampliar o número de praticantes, capacitar e recrutar novos profissionais, preparar futuros atletas brasileiros, dentre outros objetivos. Nesse sentido, o Comitê Paralímpico Brasileiro, em parceria com o Governo Federal, tem buscado criar projetos que divulguem e instiguem a prática do esporte adaptado por indivíduos de diversas faixas etárias.

Através dessas iniciativas, pessoas com deficiência de diversas regiões brasileiras buscam encontrar uma nova forma de realização pessoal e profissional. Desde a fase de iniciação até a o alto rendimento, atletas buscam superar barreiras individuais e coletivas rumo ao ápice da carreira atlética.

Ao investigar a trajetória esportiva de atletas paralímpicos brasileiros experientes, medalhistas e recordistas, dentro do cenário esportivo nacional e internacional foi possível perceber que o apoio familiar, de técnicos e treinadores foram fundamentais para que o conhecimento e o encontro com o esporte adaptado se tornasse uma realidade. E mais ainda, a interferência desses sujeitos auxiliou na permanência dos

atletas dentro do ambiente esportivo competitivo. Os programas de reabilitação, compostos por atividades físicas e desportivas, também foram essenciais para que alguns dos entrevistados conhecessem e se identificassem com o paradesporto.

Após estarem inseridos na prática paradesportiva, algumas barreiras sociais, físicas e pessoais se fizeram presentes dificultando a vida particular e profissional dos sujeitos investigados. O preconceito, a discriminação, a falta de acessibilidade urbana e esportiva, o despreparo de profissionais, o baixo reconhecimento midiático e a dificuldade inicial em aceitar-se enquanto pessoa com deficiência foram algumas dessas barreiras vivenciadas e relatadas pelos entrevistados.

Embora algumas dessas barreiras ainda persistam na sociedade atual, outras foram sendo amenizadas pelas facilidades proporcionadas pela ocupação de uma posição de destaque nacional e/ou internacional.

Os atletas relataram vivenciar transformações positivas no que tange aos aspectos pessoais e sociais de suas trajetórias. A realização de movimentos e atividades até então não vivenciados e o aprimoramento de habilidades motoras, cognitivas e psicológicas proporcionaram aos mesmos o ganho de autonomia, independência e, acima de tudo, maior aceitação pessoal. As novas experiências esportivas vividas pelos atletas de elite proporcionaram-lhes também o usufruto de novas condições econômicas, culturais e educacionais, como por exemplo, a aquisição de bens materiais, realização de viagens para diferentes lugares e a oportunidade de implementar a formação educacional. Esses benefícios foram possíveis graças ao trabalho profissional dos atletas e ao funcionamento do esporte competitivo.

Além de acarretar mudanças positivas na vida particular dos indivíduos, o esporte paralímpico, bem como as vitórias alcançadas também lhes proporcionaram maior visibilidade e reconhecimento social. Desse modo, na percepção dos entrevistados, foi possível conhecer e afirmar uma identidade social atlética, saudável e habilidosa em detrimento da identidade de pessoa com deficiência, geralmente associada à ideia de fragilidade e incapacidade. Essas (re)significações se evidenciaram através das narrativas dos entrevistados.

O reconhecimento social acerca das conquistas dos atletas também subsidiou condições para que, em algumas situações eles demonstrassem uma identificação com personagens heroicos, ídolos e exemplos a serem seguidos pelos seus pares. A relação entre a superação de dificuldades pessoais e sociais e o alcance de feitos grandiosos, como por exemplo, vencer uma competição ou realizar um movimento inesperado, pode

ser um dos aspectos que sustentam essa identificação, tanto por parte dos próprios atletas, quanto por parte da sociedade para com os mesmos.

As transformações positivas relatadas pelos sujeitos entrevistados mostram algumas um pouco da contribuição do esporte paralímpico em suas vidas. Porém, todas elas devem ser analisadas com cautela e ponderação. Afinal, a inserção no esporte competitivo adaptado pode envolver também mudanças negativas na vida do atleta. Embora estas não tenham sido incluídas nos objetivos deste estudo, elas são importantes e merecem atenção. Desse modo, torna-se uma sugestão para pesquisas futuras.

Por fim, ao buscarmos conhecer quais são os planejamentos dos atletas investigados para o período que caracteriza o fim da carreira de atleta, notamos que embora a maioria deseje continuar envolvida no paradesporto, poucos estão realmente se preparando para este momento. Esse fato demonstra a necessidade de maiores reflexões e discussões sobre esta questão, uma vez que ela pode interferir na manutenção da qualidade de vida dos indivíduos, após o término da carreira atlética.

Algumas ações sugeridas

Após conhecermos e refletirmos sobre as trajetórias esportivas dos atletas paralímpicos entrevistados, pudemos detectar pontos relevantes relacionados ao Esporte Paralímpicos. São eles:

- Aumentar a divulgação de projetos e programas destinados ao desenvolvimento do esporte adaptado, dentro das escolas, faculdades, instituições especializadas, nos bairros mais carentes e, claro, em todos os setores sociais;
- Ampliar a divulgação do paradesporto entre os meios de comunicação em massa, tais como, rádio, televisão, jornais e internet (não ficando restrita ao site oficial do Comitê Paralímpico Brasileiro);
- Reforçar a importância que os programas de reabilitação exercem no processo de aderência e permanência do indivíduo com deficiência, na prática esportiva adaptada;
- Desenvolver um forte movimento rumo à conscientização das pessoas sobre as verdadeiras capacidades, habilidades e potencialidades dos sujeitos com deficiência, no sentido de minimizar situações e atitudes preconceituosas;

- Estimular cursos de ensino superior a oferecerem disciplinas capazes de formar profissionais competentes e interessados para atuar junto ao esporte e à atividade física adaptados;
- Fiscalizar a construção e consolidação de políticas públicas voltadas para atender às necessidades de acessibilidade urbana, esportiva e escolar das pessoas com deficiência; e
- Desenvolver programas de conscientização e reflexão sobre a importância do planejamento de carreira adequado e precoce.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Nome: _____

Data de nascimento: __/__/__

Sexo: () Feminino () Masculino

Estado Civil: () Solteiro () Casado () Divorciado

Profissão: _____

Nível de escolaridade:

() Primeiro Grau Completo () Segundo Grau Completo () Terceiro Grau Completo

() Primeiro Grau Incompleto () Segundo Grau Incompleto () Terceiro Grau Incompleto

Curso: _____ Instituição: _____

Local de residência: _____

Com quem mora? () Pais () Sozinho () Filhos () Esposa(o) () Outros _____

Email: _____

Telefones de contato: _____

Qual a sua deficiência? _____ Classe _____

() Congênita ou () adquirida Desde quando a possui? _____

Qual(ais) esporte(s) você pratica? _____

Quando começou a praticá-lo? _____

Local de treinamento: _____

Você pertence a algum clube, associação, etc?

() Não

() Sim. Qual? _____ Há quanto tempo? _____

Você recebe bolsa-atleta? () Sim () Não

Caso sua resposta seja positiva, marque a(s) categorias de bolsa recebida(s) e o período durante o qual você recebeu ou recebe a bolsa.

() Base _____

() Estudantil _____

() Nacional _____

() Internacional _____

() Paraolímpico _____

Além da bolsa-atleta oferecida pelo Ministério de Esportes, você possui outro financiamento esportivo pessoal (ex. patrocínio)?

() Não.

() Sim. Qual(ais)? _____

Você tem alguma outra atividade de trabalho além de ser atleta?

() Não.

() Sim. Qual(ais)? _____

Já participou de quantos e quais campeonatos?

() Local _____

() Regional _____

() Estadual _____

() Nacional _____

() Mundial _____

() Paralimpíadas _____

() Parapan-americano _____

Quais foram os títulos alcançados por você, até hoje? (Escolares, regionais, nacionais, internacionais, etc.).

Caso queria, coloque aqui outras informações que você considerar importantes.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa científica. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Você é totalmente livre para negar esse consentimento e, em caso de recusa, você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida, você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Viçosa UFV-MG, pelo telefone 3899-2147.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: O Esporte Paraolímpico: analisando suas contribuições nas (re)significações do atleta com deficiência.

Pesquisadora responsável: Dallila Tâmara Benfica

Professora Orientadora: Prof. Dr^a Eveline Torres Pereira

Departamento Responsável: Departamento de Educação Física - UFV

Telefone para contato com a pesquisadora: (31) 8894-8987

Descrição da Pesquisa

Esta pesquisa faz parte da Dissertação de Mestrado em Educação Física pela Universidade Federal de Viçosa da pesquisadora responsável.

O objetivo do estudo é identificar e analisar as mudanças ocorridas na vida de um indivíduo com deficiência a partir da aderência ao Esporte Paraolímpico. A pesquisa pretende conhecer as contribuições do esporte de alto rendimento na vida do atleta com deficiência, conhecer as dificuldades enfrentadas pelo mesmo durante seu processo de ascensão, bem como as possíveis (re)significações que a posição de destaque lhe proporciona, pois acredita que esta é uma forma de ampliar a valorização do atleta e do paradesporto nacional, assim como a trajetória de vida de um ícone esportivo nacional.

O Comitê de Ética do Comitê Paraolímpico Brasileiro foi informado e deverá ter autorizado a sua participação nesta pesquisa, para que ela realmente ocorra (Termo de autorização de participação).

A utilização de qualquer imagem ou som referente a você, durante as entrevistas, só poderá ocorrer, caso você autorize (através do Termo de utilização de imagem e voz).

Para coleta de dados, serão realizadas entrevistas semiestruturadas.

A participação neste estudo é voluntária e você pode recusar-se a participar ou retirar-se do estudo a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ou justificativa.

Os resultados dessa pesquisa serão analisados e a você, será assegurada a total privacidade e anonimato. Nenhum dado pessoal será citado e não será feita nenhuma referência à sua pessoa sem o seu conhecimento e consentimento. Ou seja, sua identidade será revelada somente se for da sua vontade que sua trajetória de vida seja divulgada e conhecida publicamente. Este desejo deverá ser comunicado ao comitê de ética do CPB e registrado formalmente.

A mesma garantia de privacidade e anonimato se aplica a qualquer instituição ou pessoa que você venha fazer referência durante as entrevistas.

Os dados obtidos estarão disponíveis para toda a equipe envolvida na pesquisa e serão publicados na própria dissertação de mestrado, em periódicos especializados e em apresentações em eventos acadêmicos/científicos, conforme sua autorização pelo Termo de concessão de uso do conteúdo.

Sua participação nesta pesquisa consiste somente na concessão de entrevistas e é de caráter voluntário, sem contrato de trabalho e sem remuneração. Você pode entrar em contato com a Prof. Dallila Tâmara Benfica sempre que julgar necessário, pelo telefone (31) 8894-8987.

Consentimento da participação

Eu, _____, RG

abaixo assinado, concordo em participar como voluntário(a) na pesquisa intitulada “O Esporte Paraolímpico: analisando suas contribuições nas (re)significações do atleta com deficiência.”

Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem justificativa e sem que isto leve a qualquer prejuízo ou penalidade à minha pessoa ou à instituição à qual estou vinculada

atualmente. Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e as minhas entrevistas serão utilizadas apenas para alcançar os objetivos deste trabalho.

Viçosa, _____ de _____ de 2011.

(Assinatura)

APÊNDICE C – Termo de utilização de imagem e voz

Eu, _____, RG _____ abaixo assinado, autorizo a utilização de gravadores de voz, máquinas fotográficas e filmadoras, durante as entrevistas que concederei à pesquisadora Dallila Tâmara Benfica em sua pesquisa intitulada “O Esporte Paraolímpico: analisando suas contribuições nas (re)significações do atleta com deficiência”. Minhas narrativas e imagens poderão ser utilizadas somente com fins acadêmicos e científicos (como relatórios, publicações e a dissertação do mestrado), sem que haja qualquer distorção ou comprometimento da minha imagem e voz. Minha identidade será mantida em sigilo a todo o momento, podendo ser revelada somente sob o meu interesse e consentimento.

Viçosa, _____ de _____ de 2011.

Assinatura

ANEXOS

**ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISAS COM SERES
HUMANOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA – UFV**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS

Campus Universitário - Viçosa, MG - 36570-000 - Telefone: (31) 3899-1269

Of. Ref. Nº 067/2011/Comitê de Ética

Viçosa, 31 de maio de 2011.

Prezada Professora:

Cientificamos V. S^a. de que o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, em sua 4^a Reunião de 2011, realizada nesta data, analisou e aprovou, sob o aspecto ético, o projeto de pesquisa intitulado *O Esporte Paraolímpico: analisando suas contribuições nas (re)significações do atleta com deficiência*.

Atenciosamente,

Assinatura manuscrita em tinta preta de Ricardo Junqueira Del Carlo.

Professor Ricardo Junqueira Del Carlo
Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
Vice-Presidente em exercício

Professora
Eveline Torres Pereira
Departamento de Educação Física

/rhs.

ANEXO B – PARECER DA ACADEMIA PARALÍMPICA BRASILEIRA (APB)

À Senhora
Dallila Tamara Benfica
Mestranda da Universidade Federal de Viçosa

Brasília, 02 de março de 2012

Parecer

Apresento o parecer referente ao projeto *"O Esporte Paraolímpico: analisando suas contribuições nas (re)significações do atleta com deficiência"*, de autoria da Profa. Dallila Tâmara Benfica o qual consiste em um projeto de dissertação de Mestrado em Educação Física no Curso de Mestrado em Educação Física da Universidade Federal de Viçosa – UFV/MG.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória que tem por objetivo "Identificar e analisar as mudanças ocorridas na vida de um indivíduo com deficiência a partir da aderência ao Esporte Paralímpico". Para tanto o projeto será realizado com amostra de atletas paralímpicos que tenham sido medalhistas em no mínimo uma Paralimpiada, os quais serão informados sobre os aspectos éticos da pesquisa e assinarão o termo de consentimento livre e esclarecido para participante da pesquisa e em seguida serão entrevistados.

A autora deixa claro que será feito um contato prévio com o departamento responsável no Comitê Paralímpico Brasileiro para obter autorização. Ressalta-se também que não ocorrerá interferência na programação dos eventos do CPB. Assim sendo recomendo que seja aprovada a realização do referido projeto.

Prof. Dr. José Irineu Gorla

Academia Paralímpica Brasileira – APB/CPB
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP